



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

RAURISLANDIA DOS SANTOS PEREIRA

“A FILHA DO SEU FILHO”: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DA
PROFESSORA CRISANTINA MONTEIRO DIAS (BARRO - CEARÁ, 1945-1990)

CAJAZEIRAS - PB

2024

RAURISLANDIA DOS SANTOS PEREIRA

“A FILHA DO SEU FILHO”: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DA
PROFESSORA CRISANTINA MONTEIRO DIAS (BARRO - CEARÁ, 1945-1990)

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Graduação em Licenciatura em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

CAJAZEIRAS - PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

P436f Pereira, Raurislandia dos Santos.
“A filha do seu filho: história, memória e esquecimento da professora Crisantina Monteiro Dias (Barro - Ceará, 1945-1990) / Raurislandia dos Santos Pereira. – Cajazeiras, 2024.
150f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.

1. Crisantina Monteiro Dias – Educadora -1945 -1990. 2. Escrita (auto) biografia. 3. Memória de professores. 4. Professor - Barro - Município - Ceará. 5. Atuação docente. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Título.

UFCG/CFP/BS CDU – 929

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

RAURISLANDIA DOS SANTOS PEREIRA

“A FILHA DO SEU FILHO”: HISTÓRIA, MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DA
PROFESSORA CRISANTINA MONTEIRO DIAS (BARRO - CEARÁ, 1945-1990)

APROVADO EM: 04 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **FRANCISCO FIRMINO SALES NETO**
Data: 04/12/2024 20:51:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto - UFCG

Orientador

Documento assinado digitalmente
 **ROSEMERE OLIMPIO DE SANTANA**
Data: 04/12/2024 19:03:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana - UFCG

Examinadora Interna

Documento assinado digitalmente
 **OLIVIA MORAIS DE MEDEIROS NETA**
Data: 04/12/2024 19:53:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dra. Olívia Moraes de Medeiros Neta – UFRN

Examinadora Externa

Profa. Dra. Silmária Reis dos Santos - UFCG

Suplente

CAJAZEIRAS – PB

2024

*A minha avó (in memoriam) e a minha mãe que,
por suas histórias de vida, me inspiram e
motivam diariamente a ser uma mulher forte e
resiliente.*

Com todo o meu amor, dedico.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de uma trajetória de leituras, reflexões e pesquisas em busca do arquivo e das fontes da trajetória de Crisantina Dias, na cidade de Barro, no estado do Ceará. Ao longo deste processo, partilhei aprendizagens, descobertas e, sobretudo, recebi a contribuição dos professores e pesquisadores, alcançando o desenvolvimento e a ampliação desta monografia. Dessa forma, para este ciclo que se encerra, é importante agradecer e reconhecer as pessoas que foram luz nesta etapa da minha vida.

Agradeço, primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora das Graças, por me permitirem viver esse momento de conclusão de um sonho, por guiarem os meus passos ao longo desta trajetória, por não me deixarem desistir e por estarem ao meu lado em todos os momentos. Sou imensamente grata pelo dom da vida, pelas oportunidades que me foram concedidas, pelas pessoas que eu conheci ao longo desse processo e pela coragem e fé de todos os dias.

Concluir este curso não é um sonho apenas meu, mas de todos da minha família que, por meio de ajuda, apoio e incentivo, permitiram-me enfrentar os desafios e as dificuldades, pois sempre estiveram comigo. Gratidão aos meus pais, Francisco e Maria Ingraça, por serem a minha motivação e inspiração e por todos os esforços para que eu tivesse acesso à graduação. Mesmo diante dos impasses da distância e da falta de transportes, não mediram esforços para formar a filha caçula. Obrigada por tudo! Eu tenho muito orgulho de ser a filha de vocês.

Aos meus padrinhos, José Mesquita (in memoriam) e Marilene, que me encorajaram aos estudos. Obrigada pelo cuidado, atenção e amor. Vocês são muito importantes em minha vida, jamais esquecerei de tudo o que fizeram e fazem por mim.

A toda a minha família, que é a minha base, a luz e a alegria dos meus dias. Aos meus irmãos José, Adriana, Maria, Roselia, Cilene, Cícera, Roselania, Cícero, Cosma e Damião. Sou muito feliz em ser a irmã de vocês e grata por todos os momentos que me ajudaram e apoiaram durante toda essa trajetória. As minhas tias e tios Lenite, Noemia, Valda, Raimundo e Francisco (in memoriam). Aos meus primos Adriano, André, Esmael, Itamar e Klerryson e as minhas primas Aurelita e Kellynny, obrigada pela união, amizade e respeito. Eu amo muito vocês.

As minhas amadas sobrinhas, irmãs e amigas Sargila, Kallydia, Jamily, Janyce, Melissa e Maria Laura, obrigada por dividirem comigo tantos momentos de felicidades. Vivemos juntas uma infância maravilhosa de brincadeiras, diversões e aprendizados. Sou imensamente grata a Deus pela vida de vocês, por serem as minhas melhores amigas e sobrinhas incríveis, a quem eu amo imensamente. Aos meus queridos sobrinhos e amigos Gabriel, Mateus, Ermesson,

Everson, Michael e Lucas, obrigada pela amizade e carinho. Amo vocês e sempre estarei torcendo pela felicidade de cada um.

A minha querida Maria Jayline que, além de sobrinha, é a minha irmã, uma amiga verdadeira, companheira dos estudos e da vida. Você é minha inspiração e orgulho, faltam-me palavras para representar a sua importância na minha vida. Obrigada por todas as palavras de ânimo, por ouvir os meus desabafos e medos e por me ajudar sempre que preciso. A sua contribuição com esta pesquisa foi muito importante. Obrigada pelo ombro amigo de sempre, sobretudo nesta reta final, pela leitura atenciosa deste trabalho e pelas reflexões que me permitiram aprender cada vez mais com você. A mestrandia da família, desejo que tenha uma trajetória linda e de sucesso, amo-te.

Aos meus afilhados José Miguel e Sarah Felicia. As crianças mais especiais da minha vida, Davi Luis, José Ezequiel, Heloisa, Samuel Pedro, Arthur Luan, José Eduardo e Emanuely. Estar com vocês é sempre uma alegria, me fazem feliz e inspiram o melhor de mim. Ser a tia de vocês é uma dádiva, amarei vocês para sempre.

As professoras de História do Ensino Fundamental e Médio que me despertaram o interesse pela disciplina, pelas aulas maravilhosas e reflexivas. Obrigada Robertina, Gilmara e Thais, vocês são profissionais incríveis. Obrigada pelos aprendizados e amizade. Aos docentes do curso de História, do Centro de Formação de Professores (CFP), que me acompanharam ao longo destes anos nas disciplinas: Laércio Teodoro, Rosilene Melo, Rosemere Olímpio, Janaina Valério, Israel Soares e Ana Lunara. Obrigada pelas aulas ricas em discussões, por me apresentarem a ciência histórica, as diversas maneiras de abordar o Ensino de História e a historiografia, além das nossas vivências em eventos acadêmicos e nas Semanas de História.

Aos Programas do PIBID E RP, que eu tive a honra em vivenciar e aprender conjuntamente com todas as equipes. Gratidão aos coordenadores Israel Soares e Janaina Camilo, aos supervisores Irlana e Douglas Queiroz, a direção e aos discentes das escolas Galdino Pires e Antônio Tabosa Rodrigues e aos meus colegas pibidianos e residentes. As experiências e os ensinamentos contribuíram essencialmente para a minha formação. Ao professor Djalma Luiz, obrigada pelas oportunidades de estágios, pelas ajudas e contribuições, você é um professor admirável, te desejo muito sucesso em sua trajetória.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em História Regional e Saberes Locais (GEPHRS - CNPq/UFCG), obrigada pela amizade, por todas as partilhas e debates, que contribuíram grandemente com esta pesquisa. Ao Professor Francisco Firmino Sales Neto, meu orientador, que me ajudou e contribuiu desde as disciplinas de Projeto de Pesquisa até o desenvolvimento deste trabalho. Neto, obrigada pelas oportunidades, por acreditar no potencial

desta pesquisa, além de incentivar o nosso crescimento profissional e intelectual e pela grandeza em que dividiu os seus conhecimentos comigo. Gratidão, professor!

As minhas amadas amigas, que dividiram comigo todos os momentos ao longo da graduação: Josefa Leila, Maria Malu, Fernanda Beatriz, Sabrina Gregório e Andrelina Sabrina. Conhecer vocês foi um presente de Deus. Obrigada por serem leais, verdadeiras e companheiras. Enfrentamos juntas todos os obstáculos, desafios e inseguranças; Gratidão por me ouvirem sempre, pelos incentivos, as palavras e abraços de conforto. Com vocês eu aprendi a verdadeira amizade, juntas construímos um laço de amor e carinho que será para sempre. Sentirei muitas saudades de estar com vocês, mas construímos memórias incríveis. Divas, eu amo cada uma de vocês.

A minha amiga especial, Ysla Maria, pela nossa amizade, que iniciou no dia da matrícula, em um momento de nervosismo, de tantas novidades e dúvidas. Ao longo do tempo, a nossa amizade se fortaleceu, dividimos as alegrias, ansiedades e desafios, sobretudo, as expectativas da conclusão deste processo. Com você, a sua risada contagiante e a alegria de viver, tornou as nossas vivências mais leves e felizes. Obrigada por tudo, amiga. Eu tenho muito orgulho de você e amo a sua vida.

Ao meu grande amigo Lucas Natanael, obrigada pelas tardes de conversas, com cafés, músicas e boas risadas. A sua companhia alegrou as nossas vidas, desejo que a sua trajetória seja sempre de amor, felicidade e com a trilha sonora que você tanto ama.

As minhas queridas amigas que conheci e encontrei no curso de História: Érica Teles, Mayara Leite, Karine Santos e Fernanda Rodrigues. Vocês são profissionais incríveis. Obrigada pela amizade, apoio e amor. Tenho admiração pela trajetória de vocês e desejo que tenham uma caminhada feliz e próspera. Amo vocês, meninas. As amigas que compartilharam comigo as vivências e desafios na XIII Semana de Nacional de História: Maria Clara, Aparecida Moreira, Kaliene Batista, Talita Felix, Alice Silva e Vitoria Duarte. Vocês são mulheres admiráveis, desejo uma trajetória de sucesso e felicidade. Obrigada pela amizade e afeto.

Aos amigos Walber Vieira, Luan Sousa, Emanuel Lucas, Davi França, Saniel Simplicio, Daniel Felix e Felipe Xavier, obrigada pelas trocas de conhecimentos, pelas ajudas e amizade. Desejo muito sucesso na vida de vocês.

A minha amiga e parceira do RP, Katiana Vale, a minha eterna gratidão por tudo o que fez e faz por mim. A sua amizade é um presente de Deus. Obrigada por toda ajuda, por me apresentar a Educação Patrimonial e, com o seu coração bondoso, me ensinar sobre a fé e o agir de Deus em nossas vidas. Dividir a sala de aula com você foi uma experiência incrível, és uma

excelente professora e pesquisadora, desejo prosperidade e alegria em sua caminhada. Amo você, amiga.

Aos meus colegas Edimilson França e Abel Moura, professores e historiadores que eu admiro. A todos da turma 2019.2, obrigada pelas partilhas ao longo deste curso. Desejo que tenham sucesso em seus projetos pessoais e profissionais. Foi uma alegria viver essa trajetória com vocês.

A todos os professores que contribuíram com esta pesquisa durante os eventos acadêmicos, por meio de sugestões e reflexões, muito obrigada. A família da professora Crisantina Dias, a sua filha Cosma Liane e amiga Ana Cleide. Os ex-alunos Bezerra Silva e Souza Neto, além de Enemilda, Laura e a todos da Casa da Cultura de Barro, Ceará. A realização desta pesquisa apenas foi possível pela contribuição de vocês, obrigada pela ajuda, pela disponibilização das fontes documentais necessária e por todo o apoio ao longo desta trajetória. Gratidão!

A minha equipe do querido PADIN (Programa de Apoio ao Desenvolvimento Infantil). Obrigada Erivânia Tavares, Mônica Raquel e aos meus colegas Gisele, Cassiano, Betânia, Maria Stella, Yago, Francisca Pereira, Francisca Alves e as famílias que participam do programa. Viver essa experiência com vocês foi muito especial, desafiadora e de muitos aprendizados, contribuindo grandemente para a minha formação profissional e também pessoal. A vocês a minha gratidão e carinho.

A Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e ao Centro de Formação de Professores (CFP) pelas oportunidades, vivências e saberes. Enfim, a todos que de forma direta ou indireta contribuíram para esta pesquisa. Nas páginas que seguem, trago um pouco de cada um de vocês. Muito obrigada!

Do início até o último porto, só interessa viagem: às vezes tem tempestade, ondas enormes cobrem o barco; depois vem a calma e podemos desfrutar de um horizonte claro. Mas se durante essa travessia a gente prosseguir desejando o bom, o belo e o verdadeiro, então tudo terá valido a pena.

Lygia Fagundes Telles

RESUMO

As pesquisas (auto)biográficas no campo da educação, seja em histórias de vida ou narrativas de formação, buscam compreender aspectos ligados à docência, tais como a formação e a identidade profissional, por meio das memórias dos sujeitos. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo central analisar os livros autobiográficos *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragments de uma História* (2013), de autoria de Crisantina Monteiro Dias, para compreender a trajetória e as vivências dessa professora na cidade de Barro, estado do Ceará. A partir dessas memórias, buscamos investigar seu trabalho como educadora, durante os anos de 1945 a 1990, além de problematizar o silenciamento de sua participação política, como vereadora eleita em 1967, durante o período da ditadura militar. Como fontes da pesquisa, além dos livros, utilizamos a cronologia de sua trajetória, o Livro de Atas da Câmara Municipal de 1966 a 1973, o resultado das eleições de 1966, fotografias da época e, por fim, cartas trocadas pela professora com ex-alunos e amigos. Trabalhamos com a metodologia da pesquisa (auto)biográfica, com as contribuições de Abrahão (2003; 2009) e Moita (1995). A fundamentação teórica se pauta nos estudos de Passeggi; Souza e Vicentini (2011) e Nóvoa (2014), bem como as discussões sobre biografia, autobiografia e escrita de si, a partir de Arfuch (2010), Lejeune (2008), Foucault (2006) e Gomes (2004); nos estudos de gênero e da educação das mulheres com Scott (1995), Perrot (2007), Louro (2020), Rago (1995) e Lerner (2019); e as discussões sobre memória e esquecimento com Albuquerque Júnior (1994), Halbwachs (1990), Catroga (2001), Gomes (1996), Ricoeur (2007) e Pollak (1989). Espera-se que esta pesquisa possa contribuir com a historiografia da região e que, por meio das reflexões, discussões e diálogos promovidos nesta monografia, possam surgir novas perspectivas e visões acerca da vida da professora Crisantina Monteiro Dias.

Palavras-chaves: Crisantina Monteiro Dias; Escrita (auto)biográfica; Memória de professores; Barro - Ceará.

ABSTRACT

(Auto)biographical research in the field of education, whether in life stories or narratives of training, seeks to understand aspects related to teaching, such as training and professional identity, through the subjects' memories. In view of this, this research has as its main objective to analyze the autobiographical books *Memórias de uma Professora* (2010) and *Fragmentos de uma História* (2013), written by Crisantina Monteiro Dias, to understand the trajectory and experiences of this teacher in the city of Barro, state of Ceará. Based on these memories, we seek to investigate her work as an educator, from 1945 to 1990, in addition to problematizing the silencing of her political participation, as a councilwoman elected in 1967, during the period of the military dictatorship. As sources for the research, in addition to the books, we used the chronology of her career, the Book of Minutes of the City Council from 1966 to 1973, the results of the 1966 elections, photographs from the time and, finally, letters exchanged by the teacher with former students and friends. We worked with the methodology of (auto)biographical research, with the contributions of Abrahão (2003; 2009) and Moita (1995). The theoretical foundation is based on the studies of Passeggi; Souza and Vicentini (2011) and Nóvoa (2014), as well as discussions on biography, autobiography and self-writing, based on Arfuch (2010), Lejeune (2008), Foucault (2006) and Gomes (2004); in gender studies and women's education with Scott (1995), Perrot (2007), Louro (2020), Rago (1995) and Lerner (2019); and discussions on memory and forgetting with Albuquerque Júnior (1994), Halbwachs (1990), Catroga (2001), Gomes (1996), Ricoeur (2007) and Pollak (1989). It is hoped that this research can contribute to the historiography of the region and that, through the reflections, discussions and dialogues promoted in this monograph, new perspectives and visions about the life of teacher Crisantina Monteiro Dias may emerge.

Keywords: Crisantina Monteiro Dias; (Auto)biographical writing; Teachers' memories; Clay - Ceará.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Fotografia da família (Crisantina Dias está ao lado da mãe).....	30
Imagem 02: João Monteiro e Honorata	30
Imagem 03: Crisantina Dias e José Cabral	42
Imagem 04: Família de Cosma Liane.....	45
Imagem 05: Crisantina Dias, José Cabral e os netos.....	46
Imagem 06: Crisantina Dias no lançamento do primeiro livro	52
Imagem 07: Lançamento do livro “Memórias de uma Professora”, em 2010	52
Imagem 08: Lançamento do livro “Fragmentos de uma História”, em 2013.....	53
Imagem 09: Festa de 90 anos da professora	57
Imagem 10: Dança de Crisantina Dias e José Cabral.....	58
Imagem 11: Pronunciamento de Crisantina Dias	58
Imagem 12: Turma de professorandas normalistas em 1942	74
Imagem 13: Formatura de Crisantina Dias.....	74
Imagem 14: Carro alegórico da Princesa Leopoldina	104
Imagem 15: Desfile cívico em Barro.....	106
Imagem 16: Independência ou morte	107
Imagem 17: Desfile cívico em meados de 1970.....	107
Imagem 18: Eleições Municipais 1966.....	123
Imagem 19: Biblioteca Municipal Crisantina Monteiro Dias (1984).....	132

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

APA - Associação para a Autobiografia e o Patrimônio Autobiográficos

ARENA - Aliança Renovadora Nacional

CFP - Centro de Formação de Professores

CFSTJ - Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus

CSTJ - Colégio Santa Teresa de Jesus

EMC - Educação Moral e Cívica

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MDB - Movimento Democrático Brasileiro

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PADIN - Programa de Apoio ao Desenvolvimento Infantil

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1	22
HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA CRISANTINA MONTEIRO DIAS	22
1.1 “UMA PROFESSORA ALÉM DE SEU TEMPO”: A HISTÓRIA DE CRISANTINA MONTEIRO DIAS CONTADA POR MEIO DE SUAS AUTOBIOGRAFIAS	27
1.2 “TODA IDADE TEM A SUA JUVENTUDE”: A ESCRITA DE SI DE CRISANTINA DIAS NA VELHICE	49
CAPÍTULO 2	65
MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA: A ATUAÇÃO DOCENTE DE CRISANTINA MONTEIRO DIAS.....	65
2.1 A FORMAÇÃO DAS PROFESSORANDAS NORMALISTAS NO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS NA CIDADE DO CRATO.....	67
2.2 “UMA MESTRA FIEL POR VOCAÇÃO”: A TRAJETÓRIA DE CRISANTINA DIAS NA EDUCAÇÃO BARRENSE.....	79
2.3 “DEFENSORA DA PÁTRIA E DA VERDADE”: A ATUAÇÃO EDUCACIONAL DA PROFESSORA DURANTE O PERÍODO DA DITADURA MILITAR.....	95
CAPÍTULO 3	114
O ESQUECIMENTO DA MEMÓRIA COMO VEREADORA NA POLÍTICA BARRENSE EM 1967	114
3.1 AS MULHERES E OS FEMINISMOS DURANTE O PERÍODO DA DITADURA MILITAR.....	116
3.2 O PERCURSO DE CRISANTINA DIAS COMO VEREADORA NA CIDADE DE BARRO.....	121
3.3 O SILENCIAMENTO DA SUA MEMÓRIA NA POLÍTICA EM SEUS LIVROS AUTOBIOGRÁFICOS.....	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERENCIAS.....	145

INTRODUÇÃO

(...) a história é um discurso em constante transformação construído pelos historiadores e que da existência do passado não se deduz uma interpretação única: mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações (Jenkins, 2004, p. 35).

Ao iniciar o curso de História, no período 2019.2, tive a oportunidade de vivenciar novas experiências, em uma cidade diferente, com pessoas de outros lugares e com diversas possibilidades de aprendizado. Naquele início, surgiram algumas dúvidas sobre a escolha pela licenciatura. Lembro dos professores questionarem se, realmente, gostaríamos de permanecer e trabalhar na profissão, visto que muitos colegas tinham em mente escolher outros cursos e, assim, fizeram ao longo dessa jornada.

Dessa maneira, com muito carinho, guardo na memória o primeiro período letivo. Foi um momento importante, no qual tive o contato com as discussões que envolvem a disciplina histórica e o ofício do historiador, a partir da disciplina *Introdução aos Estudos Históricos*, ministrada pelo professor Laércio Teodoro. Foram aulas estimulantes, com metodologias que aguçavam a curiosidade em aprender sobre este campo de pesquisa e ensino. Ao relembrar os textos lidos e estudados na disciplina, encontrei o capítulo *O que é a História?*, do livro *A História repensada*, de Keith Jenkins (2004). Por meio das anotações e trechos sublinhados, vieram-me as lembranças das primeiras aulas, as discussões, os diversos desafios e, principalmente, a trajetória desta pesquisa.

Durante a disciplina *Projeto de Pesquisa I*, com a professora Rosilene Alves de Melo, discutimos quais as escolhas iniciais para definir o nosso objeto de estudo e, assim, compreender a estrutura de um projeto. Apesar das dificuldades em pesquisar durante a pandemia, as aulas e as orientações da professora foram essenciais para o início deste trabalho. Trago na memória a orientação sobre a importância de conhecermos a história dos lugares em que vivíamos, percebendo a ausência de pesquisas historiográficas na região do Cariri cearense. No dia seguinte, visitei a Casa da Cultura da cidade de Barro, no estado do Ceará, em busca por conhecer a história da educação do município. Foi-me apresentada a figura de Crisantina, uma professora conhecida pela população e reconhecida pelo seu trabalho de dedicação no ensino da cidade.

Nas demais disciplinas, principalmente *Projeto de Pesquisa III*, com o professor Francisco Firmino Sales Neto, houve um desenvolvimento maior na pesquisa, com algumas

mudanças na estrutura, nos objetivos, metodologias e no referencial teórico. Nesse sentido, por meio da orientação do professor e o seu incentivo em apresentar o projeto em eventos científicos, o trabalho recebeu contribuições, sugestões e indicações bibliográficas de pesquisadores que atuam no mesmo campo. Todas essas vivências marcaram o desenvolvimento do projeto. Assim como afirma a epígrafe citada, diante do passado, são possíveis diferentes interpretações a partir de cada visão, fontes e perspectivas, podendo surgir novos discursos, como no caso desta monografia.

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho é analisar os livros autobiográficos *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragmentos de uma História* (2013), escritos pela professora Crisantina Monteiro Dias, para compreender a construção de suas memórias na educação da cidade de Barro, Ceará, bem como problematizar o silenciamento da sua participação política nesses mesmos livros de memórias, visto que a autora ocupou o cargo de vereadora, em 1967, na Câmara Municipal do Barro, mas construiu uma memória de si enfatizando sua atuação como docente.

Dessa forma, a partir da escrita autobiográfica de Crisantina Dias, buscamos problematizar as suas memórias que narram as experiências vividas na infância e adolescência e a trajetória no ensino, em que atuou nas escolas como professora, diretora e secretária de educação. A partir do estudo de sua história de vida, surgiram algumas inquietações: como o modelo de formação para o magistério vivenciado no Colégio Santa Teresa de Jesus na cidade de Crato, Ceará, contribuiu para a sua visão sobre a profissão docente? Por quais motivos ela realizou a escrita de si por meio da memória como docente, em detrimento da memória como vereadora?

Crisantina Monteiro Dias foi uma mulher branca, professora normalista, esposa de José Dias Cabral, mãe de Liane Monteiro Teles, avó de Davi e Levi, sogra de Roberto e a primeira filha de João Monteiro Filho e Honorata Monteiro de Jesus. Nasceu no dia 26 de abril de 1920, na cidade de Aurora, também no Ceará. Com cinco anos, juntamente com os seus pais e irmãos, mudou-se para a cidade de Barro. Nesta cidade, entre 1945 e 1990, trabalhando como professora desde os primeiros grupos escolares, exerceu o cargo de vereadora do município em 1967 e, no mesmo ano, constituiu sua família, casando-se com José Dias Cabral.

O falecimento de Crisantina Dias ocorreu em 2019, poucos meses antes de complementar o seu centenário, que recebeu o título pelo professor Bezerra Silva de: *a filha do seu filho*. Em virtude de que, mesmo não sendo filha desta terra, pois nasceu em um município vizinho, o Barro é considerado o seu filho, visto as suas contribuições sociais, culturais, educacionais e políticas para a cidade.

Em vida, a professora participou de festas em homenagem a sua trajetória de dedicação e esforço em busca do desenvolvimento da educação na cidade, recebeu troféus, além de nomear a biblioteca municipal e uma rua no centro da cidade com o seu nome. Ao longo dos seus livros, estão presentes mensagens, poemas, letras de músicas e recados de ex-alunos, que relembavam os momentos quando conviveram com a professora, além de agradecer e reconhecer as contribuições de Crisantina Dias durante as suas trajetórias.

A professora publicou no ano de 2010, com 90 anos, o livro *Memórias de uma Professora*, composto de memórias, principalmente com a família, amigos e ex-alunos. Ela escolheu registrar as suas experiências na profissão docente, juntamente com eventos e personagens marcantes na sua vida. Escrito no formato de cordel, alguns dos textos foram escritos ao longo da sua vida, pois, segundo a professora, sempre manteve admiração pelo gênero e, após a leitura de um artigo no jornal, decidiu reunir os seus escritos e lançar o livro.

O segundo livro, *Fragmentos de uma História*, foi lançado em 2013, quando a contava com 93 anos. Em seu conteúdo, a professora descreveu alguns eventos importantes para a história do município, como a construção das primeiras escolas, crescimento econômico, saúde, religião, política e entre outros setores. Dessa forma, a história da cidade foi contada de acordo com a sua visão e as memórias individuais de alguém que acompanhou de perto o avanço da cidade, mas que buscou construir uma memória coletiva, de acordo com os sentimentos comuns com a população.

A cidade de Barro surgiu, assim como os outros municípios do Nordeste, a partir das construções de fazendas pioneiras de criações e das doações de sesmarias, que influenciaram a criação dos lugarejos e vilas. Logo, em 1937, tornou-se distrito do município de Milagres. Em 22 de novembro de 1951, a partir da aprovação da lei nº 1.153/51, houve a criação do município. Com a emancipação política, passou de distrito de Milagres para a cidade de Barro. Nesse sentido, Crisantina Dias acompanhou o desenvolvimento do distrito ao município, pois viveu entre as décadas de 1920 a 1951. Porém, quando se trata desse período, em seus livros, é possível compreender que ela se refere ao Barro como município.

O trabalho se justifica pela ausência de pesquisas na historiografia da cidade de Barro, em relação à história de vida e a trajetória educacional e política de Crisantina Dias, embora seja reconhecida pela comunidade como a “pioneira da educação” e a “mestra que ensinou o Barro a ler”, além das homenagens e exposições realizadas ao longo de sua carreira. Dessa forma, a professora Crisantina Monteiro Dias detém grande importância para a história da cidade, estando marcada na lembrança e memória da população, mas ainda não teve sua trajetória pesquisada.

Metodologicamente, trabalhamos com a pesquisa (auto)biográfica, a partir das discussões feitas por Abrahão (2003; 2009) e Moita (1995), sobre as abordagens que devem ser realizadas pelo pesquisador e os cuidados necessários com as fontes. A pesquisa com autobiografias é permeada por subjetividades, exige um diálogo entre o individual e o sociocultural, segundo as intenções e escolhas feitas pelo autor durante a escrita de si.

Para discutir essas questões, utilizamos os livros autobiográficos *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragments de uma História* (2013); a cronologia de sua trajetória, escrita pelo professor Francisco Bezerra Silva¹; o Livro de Atas da Câmara Municipal de Barro, entre 1966 e 1973; o resultado das eleições municipais de 1966, disponibilizado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Ceará; fotografias da época; e, por fim, cartas trocadas entre a professora e ex-alunos e amigos.

No primeiro capítulo, analisamos as memórias de Crisantina Monteiro Dias nos seus livros *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragments de uma História* (2013). A partir do estudo dessas autobiografias, buscamos discutir sua escrita de si na velhice para compreender os motivos que levaram a autora a publicar essas obras após sua aposentadoria compulsória. Nessa perspectiva, dialogamos com as escritas de si e as memórias da infância da autora, que viveu no interior do Ceará, durante o contexto do chamado anos dourados, meados do século XX, em que o país passou por inovações e refletiu nas pequenas vilas rurais, haja vista que receberam investimentos e se desenvolveram.

Abordamos, assim, como ocorreu o acesso das mulheres à educação, uma vez que eram destinadas apenas ao casamento e a criação dos filhos, sendo a rainha do lar e da pátria. Além disso, apresentamos alguns dos costumes locais que foram discutidos na escrita de Crisantina Dias e questionados por ela em relação às práticas do tempo presente, visto as mudanças culturais e sociais. Buscamos entender como a professora vivenciou o casamento e a experiência da maternidade de maneira diferente, em comparação com as mulheres da época. Por fim, a própria escrita na velhice, tendo em vista as suas limitações físicas, mas que, por meio do incentivo dos familiares e amigos, conseguiu realizar as suas aspirações.

No segundo capítulo, discutimos as memórias da professora diante da sua formação docente, a partir do modelo de educação para a formação das professorandas no curso do Ginásio e do Magistério, no colégio Santa Teresa de Jesus, na cidade do Crato, no Ceará, no ano de 1942. Para assim, compreender como o ensino para o magistério nesta instituição influenciou o entendimento da professora sobre a profissão docente, seu trabalho em sala de

¹ O documento não possui a data de produção, mas provavelmente foi escrito por volta do ano de 2019, com a professora em vida, pois ela forneceu algumas das informações sobre a sua trajetória.

aula, na relação com os alunos e, sobretudo, ao longo da sua trajetória na educação da cidade de Barro no contexto histórico da ditadura militar.

De início, utilizamos pesquisas sobre o Colégio Santa Teresa de Jesus e a Congregação com o mesmo nome, além do trabalho exercido por Dom Quintino na construção das instituições, visando a educação estudantil e religiosa das moças da região do Ceará e dos estados vizinhos. Durante a formação, as professoras vivenciavam diversas práticas pedagógicas e de cunho religioso, assim como os rituais de formatura em que Crisantina Dias foi a oradora de sua turma no ano de 1942.

Em sua trajetória na educação do município, para além da sala de aula, a professora atuou como diretora e como secretária de educação. Assim, acompanhou a construção dos primeiros grupos escolares, o ginásio pelo pároco Frei Hermano Studart e o desenvolvimento da educação a partir da formação de novos professores e, principalmente, no investimento de novas escolas para atender o público da cidade e da zona rural. A professora relatou a sua escolha pelo magistério por vocação, pois exigia dos mestres a dedicação aos alunos, comparado a um apostolado e uma valiosa missão.

Ao vivenciar 45 anos no magistério, a professora trabalhou durante alguns contextos históricos, principalmente ao longo do regime militar, que ocorreu entre 1964 e 1985. Observamos que ela não fez menções ao referido contexto histórico, mas discutiu sobre alguns acontecimentos da época, sobretudo a implementação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), a festa dos humanistas, as visitas realizadas pelos rondonistas na cidade, os desfiles cívicos do 7 de setembro e os hinos que eram cantados pelos alunos antes de entrar em sala de aula. A partir dessas discussões, foi possível compreender a sua preocupação em ensinar valores patrióticos e a valorização da nação, ao relacionar os eventos escolares com os sociais, culturais e políticos realizados na cidade.

No terceiro capítulo, discutimos a trajetória política de Crisantina Dias no cargo de vereadora, eleita em 1967, no contexto da ditadura militar e no partido da Aliança Renovadora Nacional - ARENA. Nesse viés, buscamos compreender os silenciamentos presentes do seu percurso político nos livros de memórias, uma vez que ela selecionou apenas o discurso de posse para ser publicado no primeiro livro. Assim, ela não escreveu sobre a sua experiência em trabalhar em um espaço socialmente masculino, sendo a primeira mulher que participou das eleições e foi eleita no município.

Dessa forma, apresentamos como ocorreu a participação das mulheres ao longo do regime militar, por meio do apoio a partir das organizações e das marchas para influenciar a adesão da população ao regime ou em oposição com as organizações de guerrilhas que lutavam

fortemente, mas a maioria de forma clandestina. A partir do exílio, as jovens militantes de esquerda tiveram o contato com diversas discussões sobre o feminismo e começaram a pensar nas relações de gênero, raça e classe dentro dos próprios grupos, contribuindo para entender o sexismo, racismo e ampliarem as suas visões sociais, culturais e políticas.

Além disso, por meio do Livro de Atas de 1966 a 1973, dialogamos sobre as reuniões que foram registradas em cada sessão do livro. Como os cargos que ela ocupou nas diretorias da câmara, os projetos colocados em discussão – se foram aprovados ou não – bem como as suas falas e posições tomadas durante os debates, pois buscou defender prioritariamente a educação primária do município, além do desenvolvimento social e cultural barrense.

Em seguida, problematizamos os motivos para o silenciamento das memórias como vereadora nos livros autobiográficos e se há relação com o período em que foram escritos, nos anos de 2010 e 2013. A professora além de ter escrito as lembranças e acontecimentos da sua vida profissional e pessoal, relatou sobre a história de vida de pessoas que considerou importantes para o município, com trajetórias que mereceram o reconhecimento da população. Assim, a professora atuou como a guardiã da memória da comunidade, visto que buscou representar por meio das suas recordações os eventos que ocorreram na cidade e, sobretudo, os sentimentos comuns aos barrenses.

A base teórico-metodológica para este trabalho será baseada nos estudos sobre a narrativa (auto)biográfica no campo da pesquisa educacional, a partir das contribuições de Passeggi; Souza e Vicentini (2011), Nóvoa (2014) e Silva (2012). Ainda, utilizamos os trabalhos de Arfuch (2010), Lejeune (2008), Foucault (2006) e Gomes (2004) para escrever a biografia de Crisantina Monteiro Dias por meio das suas memórias e escritas de si, publicadas sobretudo nos livros, mas também registradas em cartas e fotografias.

Com base nos estudos de gênero e da educação das mulheres, partimos das discussões feitas por Scott (1995), Perrot (2007), Pinsky (2020), Louro (2020), Rosemberg (2013), Rago (1995) e Lerner (2019) para dialogar sobre a formação feminina para a docência, entendido como um trabalho para a mulher, pela relação com a maternidade e o lar. Além disso, utilizamos Colling (2004), Teles (2014) e outras autoras para compreender as formas de participação feminina durante a ditadura militar, visando destacar o papel das mulheres nas organizações de apoio ou na militância de esquerda.

Para finalizar, a partir de Albuquerque Júnior (1994), Halbwachs (1990), Catroga (2001), Gomes (1996), Ricoeur (2007) e Pollak (1989), discutimos as memórias escritas pela professora durante a sua trajetória na educação e o seu papel como a guardiã da memória da comunidade barrense. Assim, realizamos o debate sobre a trajetória política de Crisantina Dias,

além dos silenciamentos de suas experiências e a escrita de si construída em grande medida como uma professora normalista.

Diante disso, espero que esta pesquisa traga novas contribuições à historiografia para que, a partir da trajetória de Crisantina Dias, possam surgir outras reflexões, olhares e diferentes perspectivas sobre memórias de professores e professoras, especialmente nas cidades do interior do país. Desejo que você, leitor e leitora, aproveite a leitura!

CAPÍTULO 1

HISTÓRIA DE VIDA DA PROFESSORA CRISANTINA MONTEIRO DIAS

Cores dos tempos distantes, sem nunca imaginar que um dia chegasse a escrever um livro e retratá-las em suas páginas.

O tempo passa, mas as lembranças ficam retidas na memória (Dias, 2013, p. 101)

O trecho utilizado como epígrafe deste capítulo pertence ao livro *Fragmentos de uma História*, de Crisantina Dias, que foi escritora e professora normalista, diretora e vice-diretora de grupos escolares, além disso coordenou projetos sociais e trabalhou como vereadora no município de Barro, no Ceará. Para além das suas memórias, faz-se importante destacar os silenciamentos e esquecimentos produzidos durante sua escrita de si, pois as escolhas, decisões e recortes foram importantes para a produção da sua memória, construída sobretudo como docente. Desse modo, ao longo da sua vida, a professora escreveu as histórias de muitas pessoas, de eventos e acontecimentos públicos e privados, relatou as suas memórias dos desafios da formação para o magistério, bem como o seu trabalho na educação, visando a aprendizagem dos alunos e as experiências para escrever e publicar duas obras na velhice.

Nesse viés, no presente capítulo, analisaremos as memórias autobiográficas presentes nos livros *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragmentos de uma História* (2013), da professora Crisantina Monteiro Dias, a partir do estudo da sua biografia e trajetória nas cidades de Aurora e Barro, localizadas no estado do Ceará. Além disso, discutiremos sua escrita de si na velhice, presente em suas obras, para compreendermos quais foram as escolhas e motivações para escrever e publicar os livros de memórias somente após sua aposentadoria compulsória. Utilizaremos como fontes a cronologia da trajetória de Crisantina Dias produzida pelo professor Francisco Bezerra Silva, que narra a trajetória e os principais acontecimentos na vida da professora, bem como fotografias da época pertencentes ao acervo pessoal de Crisantina Dias, da família e de seu ex-aluno Severino Neto de Sousa e, por fim, cartas trocadas entre a professora e ex-alunos e amigos.

Diante disso, cabe mencionar que, ao longo da história, as mulheres tiveram o silêncio e a invisibilidade rompida, haja vista que, por volta dos anos 1960, houve a emergência de discussões sobre os papéis das mulheres na história, ciência e política, de modo que ocasionou mudanças nos objetos e nos pontos de vista sobre suas atuações sociais:

Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança. Partiu de uma história das mulheres para tornar-se mais especificamente uma história do gênero, que insiste nas relações entre os sexos e integra a masculinidade. Alargou suas perspectivas espaciais, religiosas, culturais (Perrot, 2019, p. 15-16).

Ainda segundo Perrot, em 1993, Philippe Lejeune, estudioso e especialista da autobiografia, criou a Associação para a Autobiografia e o Patrimônio Autobiográficos (APA)², que reúne mais de dois mil documentos, sendo a metade escritos por mulheres. Logo, a presença das mulheres nesses arquivos se relaciona ao uso que fazem da escrita, ou seja, são produções feitas de maneira íntima, ligada à família, no silêncio da noite, em formato de diários ou correspondências, mas que buscam contar histórias de suas vidas. Sendo assim, embora a “correspondência, diário íntimo, autobiografia não são gêneros especificamente femininos, mas se tornam mais adequados às mulheres justamente por seu caráter privado. De maneira desigual” (Perrot, 2019, p. 28).

Philippe Lejeune (2008, p.14) discutiu que o chamado pacto autobiográfico se configura quando o narrador e o personagem são a mesma pessoa, sendo uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Assim, ao longo do relato autobiográfico, o autor realiza um pacto com o seu leitor, firmando um diálogo entre autor-texto-leitor. Para que este processo se realize, é importante atentar-se a alguns critérios, a saber: o autor e a obra com o mesmo nome, a escrita em primeira pessoa, entre outras medidas aplicáveis na construção do texto autobiográfico.

Outrossim, para Arfuch (2010), a narrativa biográfica refere-se a vários gêneros discursivos que buscam apreender a vida evanescente, as inúmeras repetições cansativas dos dias, os relatos e acontecimentos, capazes de iluminar uma totalidade, com ênfase em uma singularidade, que é ao mesmo tempo a transcendência. Para além das biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos e correspondências, na cultura contemporânea ocorrem as entrevistas, conversas, relatos de autoajuda entre outros, que passam pelos “usos funcionais ou a busca de estratégias de mercado, para expressar uma tonalidade particular da subjetividade contemporânea” (Arfuch, 2010, p. 16).

² De acordo com Perrot (2019), a Association pour L'Autobiographie et le Patrimoine Autobiographiques está sediada em Ambérieu-en-Bugey, no Departamento do Ain, na França, tornando-se conhecida como a "cidade da autobiografia".

Dessa maneira, entende-se que a biografia é o resultado da memória e também do esquecimento, sendo coletivas, individuais e sociais, construídas a partir da relação com os mitos, saberes, fazeres e tradições por meio das relações com o tempo e o espaço. Sendo, pois, não apenas formas de “resgatar” o passado, mas uma tentativa de reconstruí-lo de acordo com as referências do presente (Silva, 2012).

Michel Foucault, no seu texto “*A escrita de si*” (2006), propôs importantes reflexões sobre a escrita de si ao longo da história e quais são as formas para o seu desenvolvimento. Em suas palavras, o autor definiu a escrita de si como a maneira de escrever para si e para o outro, sendo narrativas responsáveis por suavizar os perigos da solidão e por permitir uma nova visão do que foi visto ou pensado. Portanto, para o autor, as correspondências, cadernos de notas e diários são exemplos fundamentais da escrita de si, visto que, em seu conteúdo, são narrados registros das ações e sentimentos de seu autor, com a finalidade de ser um desabafo para o escrevente.

Nessa perspectiva, para analisar a biografia de Crisantina Dias a partir das suas memórias autobiográficas, é importante compreendermos os temas abordados nas duas obras publicadas. O livro *Memórias de uma Professora* (2010) foi a sua primeira obra lançada, quando a autora tinha 90 anos. Ao longo do livro, por meio da narrativa autobiográfica, a professora descreveu a trajetória de sua vida, desde o nascimento na cidade de Aurora e a mudança com sua família para o município de Barro. Ela também fala sobre as dificuldades e desafios enfrentados quando concluiu o curso Normal na cidade de Crato e passou a trabalhar em Barro nas primeiras escolas, enfrentando a falta de materiais e baixos investimentos na área da educação.

Além disso, estão presentes alguns dos seus discursos feitos em ocasiões vividas pela professora, como: oradora na turma de normalistas (1942); a posse como a primeira vereadora eleita no município (1967); a inauguração do grupo escolar Justino Alves Feitosa (1971); a comemoração dos 60 anos de casamento de seus pais Honorata e João Monteiro (1977); a inauguração da biblioteca Municipal - instituição que recebeu o nome de Crisantina Monteiro Dias (1999); e, por último, o discurso na festividade em homenagem aos Precursores da Educação no Colégio Mauro Sampaio (2007).

No livro estão presentes algumas homenagens feitas por parentes, amigos, colegas de profissão e ex-alunos, que buscam relatar a importância da trajetória da professora para a história do município, além de exaltar a docente pela dedicação com o seu trabalho.

As suas memórias são escritas em formato de cordel, os quais foram reunidos pela professora ao longo da sua vida, uma vez que ela escreveu muitos versos sobre temas diversos,

que tematizam os acontecimentos e as memórias da infância. Tais cordéis também eram criados para serem recitados em determinadas ocasiões, como em eventos familiares ou sociais, datas comemorativas de aniversários, de casamentos de parentes, formaturas e homenagens para ex-alunos que marcaram a sua trajetória como professora.

O segundo livro, *Fragmentos de uma História* (2013), Crisantina Dias escreveu com 93 anos. Logo nos agradecimentos e na introdução a professora destacou a sua decisão em escrever mais um livro e o apoio que recebeu da família e amigos, especialmente destacou um trecho da carta que recebeu do ex-aluno Janduhy Temóteo, no dia 13 de novembro de 2010:

Como filhos do Barro estamos querendo muito mais de você. Não nos contentamos apenas com esta maravilhosa obra de memórias, queremos também a História do Barro contada por você que indubitavelmente, é a sua melhor conhecedora.

Narrada por você, com certeza, será um legado de grande importância para todos nós barrenses” (Temóteo, 2010 apud Dias, 2013, p. 05).

Ao atender o pedido, a professora registrou as suas memórias sobre a cidade de Barro desde o momento em que iniciou o progresso e o desenvolvimento do pequeno povoado. Na primeira parte do livro, “Evolução educacional”, de acordo com a sua visão, a história da cidade foi narrada a partir do avanço educacional com a construção das primeiras escolas, o ensino do Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), as festas dos humanistas, as visitas recebidas pelos rondonistas, as comemorações cívicas do dia 7 de setembro e outros eventos.

Na segunda parte “Barro e seu progresso gradativo”, Crisantina Dias contou sobre o momento quando chegou em Barro, que ainda era um povoado com poucas casas construídas, algumas feitas de taipa e outras de tijolo, “estas residências formavam um quadro, tendo no centro uma igreja branca de portas azuis” (Dias, 2013, p. 59). Assim, a professora narrou como ocorreu o crescimento gradativo da cidade, bem como a importância da construção da feira livre para a economia, a luta pela saúde, a construção do primeiro hospital e o avanço da comunicação.

Na terceira parte da obra “Valores históricos”, a professora descreveu a história da emancipação política do Barro, que se firmou como município quando Valter Sá Cavalcante, deputado estadual, entrou com o projeto na Assembleia do Estado, aprovado no dia 22 de novembro de 1951. A professora destacou a criação do clube União Barrense, em 1965; a trajetória de vida do seu cunhado Carlos Martins de Moraes, que foi comerciante na cidade de Brejo Santo, no Ceará; e sua homenagem para a escritora Cora Coralina.

Nas partes “Um novo tempo” e “Memórias inapagadas”, respectivamente, Crisantina Dias escreveu sobre as mudanças que ocorreram na cidade após a emancipação política, além dos acontecimentos e avanços nos anos posteriores. A professora narrou algumas das suas lembranças da infância, quando morou na casa grande no Sítio Cumbe, as memórias na escola, do seu aniversário de 90 anos, além do seu interesse e gosto por histórias, principalmente, as histórias de trancoso³.

Por fim, em “Iconografia”, a professora selecionou algumas fotografias locais para compor o livro, tais como: a primeira igrejinha de Barro (1910), a antiga igrejinha do distrito de Iara, Casa das Andrés no século XIX, sobrado de João Tavares em Cuncas, fotografias das escolas Santo Antônio, Justino Alves Feitosa, Mauro Sampaio e registros dos desfiles cívicos do dia 7 de setembro. Em “Mensagens”, estão reunidas algumas homenagens de familiares, amigos e ex-alunos que escreveram para a professora com o intuito de agradecer e parabenizar por sua trajetória de dedicação e trabalho na sociedade barrense.

Nessa perspectiva, Crisantina Dias escreveu obras em que elaborou as suas memórias autobiográficas desde a infância, a formação no curso Normal, as vivências durante os “anos dourados”, as lembranças com os ex-alunos, a família e pessoas que marcaram a sua trajetória. As suas memórias também revelam como ocorreu o desenvolvimento da cidade de Barro, o seu progresso econômico, político, cultural e educacional, além de destacar as figuras notáveis da terra. Na escrita de si, a professora destacou o seu trabalho e dedicação no campo da educação barrense que, mesmo com as dificuldades pela falta de infraestrutura e investimentos, os professores da época conseguiram construir o primeiro Grupo Escolar e assim contribuíram com a aprendizagem das crianças na cidade. Dessa maneira, segundo Gomes (1996, p. 06):

A memória é um trabalho. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora, resignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser “dito”, bem longe, naturalmente, de um cálculo apenas consciente e utilitário.

Dessa forma, o trabalho com a memória parte de razões importantes, pela busca por novos conhecimentos, pela construção de encontros consigo mesmo ou com os outros, para que os resultados sejam produtivos de forma individual ou coletiva. Nesse ponto de vista, para a Angela de Castro Gomes, “a rememoração pode ser um difícil processo de negociação entre o

³ “História de Trancoso” é um termo regional, utilizado em grande parte do Nordeste brasileiro, que diz respeito a um gênero de contos da literatura oral, inclusos no que convencionou de “cultura popular” ou “cultura do povo”. Essas narrativas foram, durante séculos, passadas de geração em geração, tomando-se práticas recreativas e como “passatempo” na vida privada familiar e também em locais públicos (Oliveira, 2019).

individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente” (Gomes, 1996, p. 06).

1.1 “UMA PROFESSORA ALÉM DE SEU TEMPO”: A HISTÓRIA DE CRISANTINA MONTEIRO DIAS CONTADA POR MEIO DE SUAS AUTOBIOGRAFIAS

Para analisar a história de Crisantina Dias a partir das memórias autobiográficas, faz-se necessário discutirmos a metodologia da pesquisa autobiográfica nos estudos históricos, ou seja, quais são as abordagens por parte do pesquisador e os cuidados fundamentais com esse tipo de fonte. Trabalhar com escritas autobiográficas exige do pesquisador o entendimento de que os seres humanos vivem em uma sociedade multifacetária e que, por isso, as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. Além disso, a compreensão de que o trabalho com autobiografias é permeado de subjetividades e não com dados objetivos. Dessa forma, “[..] o pesquisador não pretende estabelecer generalizações estatísticas, mas, sim, compreender o fenômeno em estudo, o que lhe pode até permitir uma generalização analítica” (Abrahão, 2003. p. 80)

Destarte, Moita (1995) considera que a pesquisa com a escrita autobiográfica é uma metodologia que realiza o diálogo entre o individual e o sociocultural, visto que "põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com os seus contextos" (p. 113). Nesse sentido, é preciso entender as intenções do autor com a escrita de si, ou seja, o objetivo do autor era escrever a sua própria história ou a de sua época?

Por meio de suas memórias, o autor coloca-se como um testemunho do seu tempo e, assim, exige o distanciamento entre o pesquisador e o escritor, além do entendimento de que a narrativa produzida pelo autobiografado foi construída por meio de suas memórias do presente e de acordo com a sua visão. É preciso, então, que o pesquisador entenda e enxergue o indivíduo autobiografado como um sujeito histórico, para assim estudar as suas ações e intenções de escrita como um sujeito pertencente a um determinado contexto social, cultural e político.

Dessa forma, para o trabalho com a metodologia e fontes autobiográficas, é relevante que o pesquisador reconheça e analise o objeto de estudos em duas perspectivas: na perspectiva pessoal/social do narrador em sua individualidade e a perspectiva da dimensão contextual, na medida em que essas individualidades são produto/produtoras do social (Abrahão, 2006).

Abrahão (2009) também aborda que as narrativas não são uma cópia do mundo, mas uma forma de representação e interpretação particular, de acordo com cada autor, logo “[...] as narrativas não estão abertas à comprovação e não podem ser simplesmente julgadas como verdadeiras ou falsas: elas expressam a verdade de um ponto de vista, de uma situação específica no tempo e no espaço” (p. 14).

Nessa perspectiva, Crisantina Monteiro Dias nasceu na cidade de Aurora, no dia 26 de abril de 1920, filha primogênita de João Monteiro Filho e Honorata Monteiro de Jesus, tendo oito irmãos, a saber: Adília, Hilda, José, Irene, Chagas e outros três que faleceram ainda bebês. Quando completou cinco anos, Crisantina Dias mudou-se com a sua família para o município de Barro. Nesse momento, aprendeu a ler e escrever as primeiras letras com a mãe em casa, com quem passou a soletrar as sílabas, a ler cartilhas e a escrever o próprio nome, sendo a base da sua alfabetização.

Já em 1929, retornou para a sua cidade natal e lá cursou a primeira e a segunda séries primárias. Todavia, quando retornou para o Barro, em 1930, concluiu o ensino primário com a professora Zefinha Gonçalves, diplomada pelo Colégio das Dorotéias, em Cajazeiras, na Paraíba, atualmente Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Além disso, estudou com o professor Ancelmo Chaves, amazonense que, ao chegar ao município, logo instalou uma pequena escola.

No livro *Memórias de uma professora* (2010), Crisantina Dias escreveu o pronunciamento para a comemoração dos 60 anos de casamento de seus pais, ocorrido dia 29 de novembro de 1977, em que expressou os seus sentimentos pela trajetória do casal e nos permite visualizar sua percepção familiar:

Eu, filha primogênita do casal acompanhei seus passos, desde o uso da razão, posso afirmar, que a vida de meus pais foi edificante a toda prova. Vida simples, anônima, mas que na sua humildade, sem serem letrados, souberam viver a filosofia dos sábios que, somente boas lições nos transmitiram. Por nos terem conduzidos no calor da fé e da religião cristã, é que estamos aqui ao redor da mesa do Senhor celebrando esta missa de ação de graça, o mais autêntico ato da nossa doutrina, que encerra toda história do cristianismo e da nossa salvação. Obrigado, queridos pais, a quem hoje, reverenciamos de alma e de coração, fazendo uma reflexão mais profunda do quanto lhes somos devedores, dívida que só o tempo poderá saldar com o nosso comportamento e ações seguindo seus exemplos que servem de linha mestra para nossa vida (Dias, 2010, p. 39-41).

Por meio da passagem, compreendemos que os familiares da professora seguiam a religião católica. Assim, para a comemoração, realizou-se uma missa de ação de graças, pela qual Crisantina Dias relatou a vida humilde que os pais tiveram, com o trabalho na agricultura,

bem como destacou a influência da fé que recebeu, para que, juntamente com os irmãos, seguissem com a religião cristã. Na ocasião citada, estiveram presentes familiares e amigos, além de violeiros que animaram a festa. Em outros momentos do livro, ela escreveu os seguintes versos “Meu pai, meu herói” e “Mamãe”, como uma forma de expressar as suas memórias, a saudade dos pais e a importância deles em sua trajetória.

O lavrador no seu labutar cotidiano
De ceifar a terra, às vezes árida, a cada ano
Usando a foice, o machado, a enxada, o malho,
Lançando a semente, aventurando o fruto
Pra sustentar a si e a família com o produto
Sacrificada profissão, santo trabalho.

(...) Meu pai, agricultor modesto, persistente
De seus deveres, muito consciente,
A sua memória me edifica e me remoe
Figura, para sempre, inesquecida
Sua virtude, por mim absorvida
Me faz feliz, sim! Eu tive um PAI HERÓI
(Dias, 2010,p.61-63).

(...) Mamãe, um dia partiste, sei que subiste aos céus
Por tuas virtudes, creio que estás perto de Deus,
Tua falta nos causou muita dor e desventura,
Papai doente e velhinho o rude golpe sofreu
Cada filho desalentado, igualmente, padeceu
Esta perda irreparável de tão santa criatura
(Dias, 2010, p. 64).

Em primeiro momento, a professora compara o seu pai com um herói, por suas atitudes, o modo de lidar com a vida, mesmo com as dificuldades, e o seu trabalho realizado de maneira digna e humilde, sendo exemplo de amor e benevolência ao exercer o seu papel como filho, esposo, pai, irmão e amigo. Crisantina Dias lamentou o falecimento da sua mãe, pois lembrou dos momentos que viveram juntos em família e a importância da figura materna, pela bondade e exemplo nos ensinamentos e lições, “evocando teu doce nome, escutamos tua voz” (Dias, 2010, p. 64).

Imagem 01: Fotografia da família (Crisantina Dias está ao lado da mãe)



Fonte: Acervo de Severino Neto de Sousa

Imagem 02: João Monteiro e Honorata



Fonte: Acervo de Severino Neto de Sousa

De acordo com as memórias que Crisantina Dias descreveu nos cordéis, a sua família era cristã, profundamente religiosa, seguiam os preceitos da Igreja Católica, realizavam os sacramentos e tinham familiares e amigos padres. Assim, nas duas fotografias, por meio

principalmente dos calçados e vestimentas, as mulheres com vestidos, blusas e saias e os homens de terno, é provável que a família iria para algum evento religioso como a missa ou casamento. Podemos compreender a partir das expressões faciais, da disposição dos pais, filhas e filhos, que as fotografias transmitem a imagem da união da família e a humildade, sendo assim a primeira imagem que Crisantina Dias escolheu para fazer parte do livro *Memórias de uma professora* (2010).

Além das memórias com os familiares e amigos que marcaram a sua vida, podemos perceber que Crisantina Dias valorizava os costumes, princípios e normas do seu tempo, haja vista as suas memórias de infância quando morou com a família no Sítio Cumbe e viveu na casa grande, um casarão antigo, que tinha histórias de aparições e de “botijas” de tesouros enterrados perto da construção. Além das brincadeiras de roda, as cantigas, “histórias de Trancoso”, as festas da mocidade, animadas sobretudo por violeiros, e as visitas à cidade de Aurora na época que estudou em Crato.

Por conseguinte, no livro *Fragmentos de uma História* (2013), Crisantina Dias escreveu as suas recordações do período quando morou no Sítio Cumbe, na cidade de Barro, intitulado de “Lembrança Infantil”, a autora destacou primeiramente o seu desejo em narrar as memórias da infância: “[...] sinto que o meu coração pulsa e vive testemunhando coisas do passado” (Dias, 2013, p. 103). Ademais, argumentou que assim também ocorria com as pessoas da sua geração, que ainda contavam com boa memória, pois os velhos modos de viver iam se apagando com o tempo, mas não desapareceram ao todo, já que “[...] os sobreviventes geralmente gostam de transmitir aos posteriores como eram os usos e costumes antigos que terminam em tradição, permanecendo na história”(Dias, 2013, p. 103).

Nesse sentido, segundo Crisantina Dias (2013), havia indícios de que a casa grande foi construída por escravizados. Porém, para a autora, esse fato gerava dúvidas, “pois acho que estes pobres escravos não chegaram ao interior do Nordeste, ficando mais nas terras da faixa litorânea”(p. 103). Assim, ela argumentou que o casarão deve ter sido construído por

[...] artífices e trabalhadores servisais que também viviam em regime meio escravizado, rendendo toda obediência aos seus patrões e cumprindo a risca as suas ordens.

Trabalhavam muito e, segundo a história, recebiam uma ninharia para sua manutenção. Era a época em que a força maior dominava a menor (Dias, 2013, p. 103).

As famílias Monteiro e Feitosa, provenientes de Aurora, compraram o sítio e outras propriedades nos anos 1920. De início, na casa grande, viveu o seu tio Zequinha, por ter uma

maior família. O seu pai Monteiro e o amigo Vicente permaneceram em algumas casas da vizinhança. Posteriormente, a família Monteiro passou a morar na casa grande, até que seu pai finalizasse a construção da residência própria. Assim, a sua família trabalhou no sítio durante muitos anos, na construção de cercados, na lavoura, no canavial, fruteiras e cacimbões. A casa destacava-se por ser muito grande, além do estilo e feição:

Tinha mais ou menos 10 m de frente por 30 de fundos, numa área coberta de 300 m², com frente para o nascente, fundos para o poente com as laterais norte e sul. O corpo da mesma continha três salas grandes, cinco quartos, dois corredores, cozinha e um sótão que cobria o corredor do meio e os dois quartos do lado norte. Situada em terreno acidentado, pois tinha um aterro na frente de mais ou menos 60 cm e do lado oposto era de metro e meio e até 2 metros, ambos feitos de pedra um tanto íngreme com reentrâncias e saliências, o mais alto com escada feita de tijolos para a descida, o alicerce deveria ser muito profundo para sustentar as grossas paredes de 40 a 50 cm de espessura, com reboco feito de barro, areia e cal batidos, já um tanto escuros pela ação do tempo, o teto na cumieira dava de 6 a 7 metros, era tão alto que parecia muito estreito. As portas e janelas eram de madeiras grossas, pesadas e fortes, cerradas a mão com dobradiças, fechaduras, pregos e chaves anacrônicos, o piso era um ladrilho de tijolos grandes mal nivelado, enfim tudo era desconforme na minha visão e no meu entendimento (Dias, 2013, p. 104).

As suas memórias do casarão foram descritas de maneira detalhada, através das características, dos formatos, dos objetos e das sensações de quando morou no casarão na infância. São memórias, pois, que permaneceram como lembranças e reminiscências, seja pelo tamanho grandioso da casa para a família e até mesmo a divisão dos cômodos, que gerava medo quando criança: “eu a achava muito esquisita, sentia-me perdida dentro dela e tinha até medo, havia noites que perdia o sono e dormia com Adília, minha irmã, numa só rede” (Dias, 2013, p. 104-105).

Segundo os vizinhos, muitas pessoas ricas morreram na casa grande e deixaram enterradas botijas valiosas de ouro e prata. Em muitas vezes, surgiram pessoas que diziam ter sonhado com fantasmas pedindo para arrancá-las com o intuito de alcançar a salvação. Quando a família Monteiro saía à noite de casa, quando retornavam, encontravam escavações, eram feitas com discrição devido os assaltantes de botijas. O seu tio Monteiro foi um dos mais conhecidos caçadores de botijas, no livro Crisantina Dias contou a história de um desses episódios:

Tio Monteiro era um desses aventureiros, tornando-se famoso como cavador de botija, sendo sempre convidado pelos visionários. Certo dia um seu conhecido, veio até ele e convidou-o para arrancar uma botija próxima a Casa Grande, pois havia sonhado por três sextas-feiras seguidas, um sonho muito visível, não tinha dúvida de que desta vez lograria êxito, prometendo dividir

o dinheiro com o companheiro. O interesseiro tio, por sinal de espírito muito cômico, não se fez de rogado, aceitando a proposta. No dia aprazado, munido da ferramenta necessária, vela e água bentas para afugentar as diabruras do demônio que diziam aparecer, lá se foram a meia noite ao lugar indicado pelo sonhador. Lá chegando, puseram a cavar e cavaram até as quatro horas da manhã, não viram nada, nem assombrações e nem sinal de botija, cansados e desiludidos voltaram.

Chegando em casa, o tio chamou a esposa Doninha, que veio apressado com uma lamparina acesa na mão, ao abrir a porta e ver o marido, foi logo perguntando: tu arrancou, Monteiro?

-Não, Doninha e, de hoje em diante, eu só arranco botija que eu mesmo enterrar... (Dias, 2013, p. 105).

Essa prática era recorrente na época, ao fazer parte do imaginário das pessoas, sendo reforçadas por meio das histórias de Trancoso, passadas a cada geração, que creditavam às forças sobrenaturais estarem ligadas à botija e não poderiam descansar até que fossem encontradas, logo as casas ficavam conhecidas por serem assombradas. Dessa maneira, mesmo com algumas tentativas fracassadas, Monteiro atendeu ao convite e saiu para encontrar o tesouro, confiante na crença de que poderia de fato encontrar. No final, após perder as esperanças, prometeu que apenas iria procurar uma botija se ele mesmo enterrasse.

A autora, por meio das suas memórias na casa grande, compreendeu o seu valor sentimental e histórico, pois escolheu narrar as características, os acontecimentos na infância e as próprias histórias de botijas que fez parte do imaginário da população e, por fim, comparou a um documento do passado, visto a sua importância diante do longo tempo erguida e por estar presente em suas recordações. Ela escreveu:

Oh, minha antiga e estranha **Casa Grande** como estás presente e minha memória! Dizem que de ti só restam escombros, mas duraste séculos, eu era menina e tu já eras do mesmo jeito, construída em tempos remotos. Se ainda existisses, eu te via como um documento vivo do passado (Dias, 2013, p. 106).

Crisantina Dias também escreveu o cordel “Tradição e contradição”, no livro *Memórias de uma professora* (2010), e narrou as suas memórias de infância com as diversões realizadas na época. Relatou algumas das brincadeiras, como a roda, mavé, corda, peteca, chibiu, bila, pião, anel, adivinhação e outras. Ela e um grupo de crianças brincavam no terreiro e nas calçadas em noites enluaradas, até o momento de dormir, sendo um costume e passatempo.

[...] É bom reviver os idos
Da nossa infância querida
A quadra feliz da vida
Por sua inocência, talvez,
As cantigas juvenis,

Os brinquedos infantis
 Nos empolgam de uma vez,
 Seja bola ou boneca
 Brincar de roda e mavé
 Correr e pular de pé
 De corda e jogar peteca
 (Dias, 2010, p. 175-176)

Tinha jogo de chibiu
 Preferido das meninas
 Marias, Joanas, Pedrinhas
 Jogo de bila e pião
 Era a paixão dos meninos
 Pedros, Raimundos, Nelinos
 Querendo ser campeão;
 As correrias do toca
 Nas noites enluaradas
 No terreiro nas calçadas,
 Era aquele pega e troca
 (Dias, 2010, p. 176).

Além disso, a autora destacou os jovens que costumavam tomar banho nas correntezas de riachos e brincar de mergulhos até a areia para encontrar pedras encantadas. Na adolescência tinham que tomar decisões, seguindo o destino. E, para ter um futuro promissor, escolheram estudar e trabalhar, mas, para a autora, o mais importante seria as boas ações e as lembranças da infância com as brincadeiras saudáveis. Para finalizar, ela fez comentários e questionamentos sobre as mudanças e avanços na tecnologia e ciência na sociedade.

O tempo traz as mudanças
 Falei do tempo de outrora
 Que hoje já não vigora,
 Os brinquedos são de luxo
 As bonecas choram e falam,
 Os carrinhos correm e calam
 Por si fazem o repuxo
 Os parques sofisticados Canoas, roda-gigante
 Com tudo muito possante
 Por que eletrificados

Vemos que já é demais,
 Todo dia novidade,
 Tanta criatividade
 Que o povo fica em alerta,
 Sem resistir como está,
 Tome lá e me dê cá;
 A sua barriga aberta
 Pra comprar computador
 Que sabe nome e endereço
 Segredo não tem mais preço
 De sua vida é Senhor
 (Dias, 2010, p. 179).

Nesse sentido, Crisantina Dias realizou uma comparação com os brinquedos e os modos de diversão de sua época. Para ela, a tecnologia trouxe brincadeiras mais avançadas, como as bonecas que dormiam e choravam, pela criatividade, as constantes novidades do mercado e o impacto da tecnologia na vida das pessoas. Porém, ela ressaltou que não era contra a tecnologia e ciência, mas buscou alertar sobre os perigos da modernidade, as consequências como o avanço da maldade e concluiu: “[...] O que vejo em tudo isso/ Um mundo de reboição/ De grandeza, inquietação,/ Proporciona alegria/ E também nos desafia/ Pela má inclinação/ Do homem que é imperfeito,/ Ora é bem, ora é desastre,/ Aceitemos o contraste/ Pois não temos outro jeito (Dias, 2010, p. 181).”

Em *Fragmentos de uma História* (2013), a professora escreveu o texto “A lembrança do passado na história” e falou sobretudo do seu gosto, desde a infância, por histórias: “[...] sempre gostei de ouvir e ler histórias. Como estudante e como professora, foi sempre uma das disciplinas de minha preferência, tanto para estudar como lecionar” (Dias, 2013, p. 123). Ademais, explicou como eram contadas as histórias de Trancoso no meio rural:

Em fins de semana, de preferência nas noites de lua clara, os moradores de uma mesma vizinhança escolhiam uma casa que tivesse maiores espaços, fossem alpendres ou salas para ali se reunirem e distraírem-se um pouco, sobretudo ouvindo as histórias de Trancoso contadas por pessoas que se dedicavam a esta arte de linguagem popular, delas até destituídas de qualquer conhecimento verbal, mas porque vocacionadas as narravam com muita sabedoria, tornando-se famosas e apreciadas pelo povo (2013, p. 123).

Após ouvir as interessantes histórias havia uma pausa para uma boa palestra e um bom café servido pelos anfitriões, seguindo-se então outros divertimentos próprios da época, como brincar de anel, de berlinda, de mente velhaco e outros mais, que por serem agradáveis prolongavam-se até alta noite (2013, p. 124).

Para a autora, as histórias eram frutos da imaginação das pessoas, haja vista os enredos fantasiosos, em que alguns personagens se destacavam pelos atos de valentia, astúcia, além de apresentarem heroísmos com suas façanhas. As histórias eram uma forma de lazer da comunidade, como também as festas dançantes e os teatros realizados antigamente nos palácios imperiais:

Contenta-me escrever algo sobre o passado, mas infelizmente envolvida pelo pensamento de que esta escrita pode tornar-se ingrata, há pessoas que são indiferentes e até repudiantes ao passado, mormente quando este lhe pareceu ingrato pelas marcas da pobreza ou qualquer outro infortúnio. São geralmente, aquelas em que o presente lhes trouxe os favorecimentos desejados, mudando o rumo de sua vida. (2013, p.124)

No trecho citado, Crisantina Dias discutiu sobre a escolha de algumas pessoas em valorizar apenas os acontecimentos do presente, em detrimento do passado. Ela defendeu o pensamento de que “ora, bonito e louvável é poder dizer: lutei, sofri, enfrentei as dificuldades e venci pelo esforço e a perseverança no trabalho (2013, p. 124)”. E, no final, alertou para os casos das fortunas conquistadas de forma ilícita, “que fujam de nós estes interesses e nos venham os bons sentimentos que inspiram a prática das boas ações, permitindo falar com prazer e ufania do passado, pois é o eterno condutor da história” (2013, p. 125).

Na obra *Memórias de uma professora* (2010), no poema “Aniversário de Adília” Crisantina Dias relembrou a história da sua família durante a comemoração do aniversário de 80 anos da irmã, em 05 de setembro de 2003. Inicialmente, a autora escreveu sobre quando ela e seus irmãos começaram a estudar. Sendo distante da fazenda em que moravam, tinham que permanecer nas casas de parentes, como ocorreu com Adília, José e Hilda, que ficaram com os padrinhos para ajudar nas atividades domésticas, a fim de terem acesso aos ensinamentos primários. Além disso, destacou o apoio que teve do seu pai nos estudos na cidade do Crato:

Neste caso, disse o pai
Crisanta vai para o Crato
O colégio dá bom trato
Ela gosta de estudar
Não encaro sacrifício
Faço qualquer exercício
Com o fim de custear
As despesas do estudo
Eu estou disposto a tudo
Pra ela se diplomar

Crisanta se diplomou
Agora vai ensinar
Os irmãos com ela estudar
Que agora já são seis
No ano que vem talvez
Acho que posso comprar
Uma casa pra eles morar
Juntando as economias
Me darão as garantias
Poder comprar e pagar

Adília faz a comida
E Hilda arruma a casa
O trabalho não atrasa
Só faz bem e recomenda
Irene, Chagas e José
Muito cedo estão de pé
Pra tomar sua merenda

E logo à escola seguir
Deus haverá de unir
Que vivam sem reprimenda
(2010, p. 78-79).

Após relatar sobre as vivências na infância, Crisantina Dias destacou que, após finalizar os seus estudos, passou a ensinar também os seus irmãos, haja vista as dificuldades de acesso à educação na época. Pela falta de escolas próximas de casa, ela ajudou os irmãos mais novos até começarem a frequentar os grupos escolares.

O lugar social destinado às meninas, pobres ou ricas, foi questionado com a nova ideia de infância, visto a necessidade de uma população adulta capaz de trabalhar nas fábricas, consumir os produtos produzidos em larga escala e participar dos batalhões do exército. Nessa visão, as pessoas entre 0 a 18 anos eram consideradas “seres em formação” do ponto de vista corporal e psicológico. Durante essa fase, estariam impedidas práticas que pudessem prejudicar a saúde das futuras mulheres e homens, ou seja, práticas sexuais e determinadas ocupações. A infância seria o momento importante no processo de socialização e o ingresso no mundo adulto, sendo imersa principalmente no saber escolar, logo a mãe biológica seria a responsável pelos cuidados e a educação doméstica dos filhos (Arend, 2013).

As brincadeiras então passaram a ser motivo de preocupação, as meninas foram desmotivadas a brincar em árvores, nadar em lagos e rios e a brincar de esconde-esconde após os 6 anos. Segundo um manual da educação infantil publicado no início do século XX, as brincadeiras saudáveis não colocavam em risco a integridade do corpo da menina: “[...] para elas, agora, apenas as bonecas, as panelinhas, os ferros de passar, as imitações de tanques de lavar roupas; e, para os meninos, os carrinhos, as ferrovias, as bolas e as raquetes”(Arend, 2013, p. 36).

Segundo Arend (2013), na mesma época, a sociedade brasileira esperava que a mulher ocupasse novos espaços na esfera pública, principalmente com a escolarização das meninas pertencentes às famílias da elite e dos setores médios, que começaram a frequentar os cursos primário, ginásio e o secundário em escolas religiosas que, muitas vezes, contavam com o internato para acolher estudantes do interior das cidades. Os pais que não poderiam custear as despesas dos estudos em escolas privadas, poderiam matricular as filhas e filhos em escolas públicas, que geralmente eram mistas em muitas localidades do país.

Aos poucos, o acesso à educação deixou de ser uma oportunidade apenas masculina, e as mulheres passaram a concluir os primeiros cursos, como é o caso de Crisantina Dias, que recebeu o apoio da família, principalmente dos pais, quando decidiu realizar o curso Normal no colégio Santa Teresa e, conseqüentemente, tornando-se professora e ensinando os irmãos.

Porém, mesmo com avanços, poucas mulheres nos anos de 1950 conseguiram concluir o curso secundário. E as que seguiram nos estudos, em maioria, permaneceram nos cursos considerados “femininos” como o Magistério e Enfermagem. A não permanência das mulheres pode ser entendido pelo tratamento nas escolas: “[...] a rígida disciplina em relação ao corpo, o uso dos uniformes impecáveis, os castigos, as orações, as lições de canto e solfejo, as posturas vigiadas nas aulas de Educação Física e no refeitório, entre outras práticas, caracterizavam o cotidiano escolar dessas estudantes” (Arend, 2013, p. 37).

Conforme Almeida (1998), durante o final do século XIX e início das décadas do século XX, havia na sociedade o imaginário de alguns atributos destinados às mulheres desde o nascimento, como a pureza, doçura, moralidade cristã, maternidade, patriotismo e a espiritualidade que, somadas à religião e à ausência do instinto sexual, comparavam as mulheres com a Virgem Maria da religião católica. A partir disso, segundo a autora, os positivistas, ao defenderem a domesticidade e a renúncia, foram responsáveis pela desclassificação social da mulher, tendo em vista que os discursos da época valorizavam apenas a mulher como mãe e esposa abnegada, em que o lar era a sua felicidade e o casamento o seu principal objetivo, além de ser a maior indicada para a primeira educadora da infância, a base da família e da pátria.

Para os positivistas, o trabalho intelectual não poderia fatigá-las ou tornar-se um risco para os descendentes das mulheres, que eram consideradas frágeis e nervosas. Assim, o intuito da educação da mulher seria prepará-la para o espaço doméstico, bem como o cuidado com o marido e os filhos, pois não era permitido uma profissão assalariada. A mulher educada “[...] seria uma companhia mais agradável para o homem que transitava regularmente no espaço urbano, diferentemente do período colonial com seu recolhimento e distanciamento do espaço da sociabilidade (Almeida, 1998, p. 19)”. Para tanto, apesar das conquistas ao longo dos primeiros anos do século XX, como o acesso das mulheres ao ensino superior e outras profissões, os ideários positivistas permaneceram durante muito tempo na sociedade.

Em relação aos estudos, em 1935, Crisantina Dias foi aprovada no Colégio das Dorotéias, em Cajazeiras, na Paraíba. Porém, em consequência do contexto turbulento da política da época, seu pai decidiu transferi-la para estudar no Ceará, onde realizou o exame de admissão e foi aprovada no Colégio Teresa de Jesus, na cidade do Crato. Ela finalizou o curso de Ginásio e Magistério em novembro de 1942, sendo escolhida como a oradora da turma, quando também diplomou-se a professora barrense Catarina Bandeira de Almeida.

No livro *Memórias de uma professora* (2010), ela quando estudou na cidade de Aurora a primeira e segunda séries primárias. Devido ao desenvolvimento das escolas do município, era necessário que os jovens de outras cidades fossem morar com familiares para frequentarem

o Grupo Escolar, a exemplo de Crisantina Dias e os seus primos, que permaneceram na casa de avós e tios:

Aurora dos anos idos
 Dos belos tempos vividos,
 Chegando a fase escolar
 Ali aprendi a ler
 A contar e a escrever
 Vale a pena relembrar,
 Colhi os ensinamentos
 Do primário, os rudimentos
 Na minha boa cidade
 Pois tudo me está presente
 No coração e na mente
 Recordo e sinto saudade
 (Dias, 2010, p. 210)

Quando no Crato estudava
 Em Aurora sempre andava
 Naqueles bons feriados
 Lá com as coleguinhas
 Conterrâneas, amiguinhas
 Os dias eram animados,
 O trem levava e trazia
 Era aquela euforia,
 Divertir e passear
 Muito alegre e contente
 Dançar na Beneficente
 Fundada por João de Sá
 (Dias, 2010, p. 212)

Nas suas memórias sobre a cidade de Aurora, a professora destacou a beleza da cidade e da saudade dos momentos que viveu na infância e adolescência, lembrou das suas origens e das pessoas de sua geração reconhecidas pelos seus feitos, “pelo trabalho e bravura/ nas lutas que enfrentaram/ grandes exemplos deixaram/ de coragem e envergadura” (Dias, 2010, p. 211). Ela se referiu às culturas da cidade como o folclore, a poesia, o reisado, o cruzeiro, das festas de cantoria e, por fim, as suas lembranças de quando estudou em Crato e passeava na cidade de trem com os amigos.

Em outra passagem do livro, ela escreveu o Cordel “Recordar é viver” em que demonstrou saudade do passado, das festas da mocidade, quando sentavam-se nas calçadas para ouvirem as canções de seu amigo Chico Costa. Durante essas noites, Crisantina Dias também costumava cantar músicas no estilo e do interesse dos jovens da época, assim como ela afirmou:

Sua amiga Crisantina

De cantar também gostava,
 Com voz sonora entoava,
 Valsas, boleros e sambas.
 E até o lindo tango
 "Quero por nós dois a força erguer
 Para esquecer um louco amor
 Que em vez de amor é um sofrer"
 (Dias, 2010, p. 183)

Naquele tempo distante
 As festas eram animadas,
 Pelas sanfonas tocadas,
 Bombo, triângulo e pandeiro;
 Aos pares, todos dançavam
 Batiam palmas, vibravam
 Com ordem, sem exagero
 (Dias, 2010, p. 184)

Hoje em dia é diferente
 Batuque e forrobodó,
 Trejeitos e rodoró,
 Uma zoadá infernal,
 As músicas são estridentes,
 As letras são indecentes,
 Verdadeiro bacanal
 (Dias, 2010, p. 184)

Assim, a professora relembrou as suas memórias das festas realizadas pelas moças e rapazes da sua geração e as músicas tocadas no período. Além disso, realizou uma crítica ao perfil de músicas ouvidas e tocadas atualmente pelos jovens, sendo uma “zoadá infernal”, com “letras indecentes” e um “bacanal”, ou seja, para ela, a falta da censura permitiu muitas práticas maldosas, em que tudo seria admissível e onde “o diabo pinta e seduz” (Dias, 2010, p. 184). Ainda na mesma obra, ela escreveu os versos “Casamento de Solange”, que foram recitados para a sobrinha durante as comemorações, em 10 de julho de 2003. No cordel, foi narrado com detalhes as suas memórias da festa do casamento, as pessoas presentes, a beleza do local, do jantar e as bebidas servidas. Por meio da festa, ela relembrou como eram as festas e as tradições nos anos dourados:

A música branda e sonora
 Lindo som nos transmitia
 Mais encanto nos trazia
 Naquela mágica hora
 Que tanto nos envolvia,
 Valsas, tangos e bolero
 Sem aquele lero-lero
 Dos forrós de hoje em dia
 Deixando-nos concentrados,
 Naquela época poética

De todo respeito e ética
Dos belos anos dourados
(Dias, 2020, p. 85)

O período denominado como “anos dourados”, citado pela autora, engloba os anos 1950 até aproximadamente a chegada da ditadura militar, em 1964. É considerado uma fase de transição pelas mudanças e inovações na sociedade. Além disso, a época compreende o governo de Juscelino Kubitschek, marcado pelo crescimento econômico e avanços na industrialização do país. A ideia dos “anos dourados” como uma fase de “brilho e sedução”, chegou ao Brasil pela influência norte-americana, sobretudo pela mídia, a partir da difusão do rádio, que fez com que a população pensasse um modelo de sociedade marcada pela beleza, elegância, a partir da moral burguesa, da família, casamento e trabalho.

Porém, o modelo americano do bem estar social e do desenvolvimento dos “anos dourados” não chegou para todos, haja vista que os operários que trabalhavam na industrialização não usufruíram dos benefícios da época, sendo uma década dourada apenas para a elite. Dessa maneira, a ideia de vida moderna foi divulgada amplamente pelo rádio, no cinema e nas músicas, como a bossa-nova e o samba que eram tocadas durante os bailes e eventos sociais. Assim, durante o casamento da sobrinha, Crisantina Dias recordou das músicas ouvidas durante os “anos dourados” como as valsas, tangos e boleros, que eram diferentes das músicas atuais. Em seguida, ela confirmou o ideário de beleza da época pela “poesia, respeito e ética”.

Ainda por volta dos anos 1950, havia distinções entre os papéis femininos e masculinos na sociedade, com a permanência da moral sexual diferenciada, em que o trabalho da mulher fora do lar era visto com preconceito e como “subsidiário” do homem “chefe da casa”. Nesse sentido, embora houvesse a tentativa do Brasil em acompanhar o processo de modernização e a emancipação feminina – influenciada pela participação das mulheres em conflitos e no desenvolvimento econômico, o país ainda recebeu interferência estrangeira que buscava a volta das mulheres para o lar, após o fim da guerra (Pinsky, 2020).

Nesse viés, segundo Pinsky (2020), durante essa época, os homens tinham autoridade e poder sobre a mulheres, porque deveria prover o sustento da esposa e filhos. A mulher deveria seguir o papel tradicional em realizar as atividades domésticas, cuidar dos filhos e marido, além das características específicas da feminilidade como o instinto materno, pureza e cuidado. As revistas reforçaram esses estereótipos por meio de imagens e discursos voltados para o modelo de família branca, de classe média, hierárquica e com papéis definidos na sociedade. Assim, nos ideais dos “anos dourados”, a maternidade, o casamento e a vida faziam parte apenas do

destino das mulheres e da sua feminilidade e não deviam ocorrer contestações, pois “[...] enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade” (Pinsky, 2020, p. 609).

Porém, é possível compreender que, durante sua vida, Crisantina Dias não seguiu totalmente as concepções dos anos dourados, haja visto no que se refere ao matrimônio. Crisantina Dias casou-se em 1967 com José Dias Cabral, conhecido também por Ademir. Além disso, no dia 29 de novembro do mesmo ano, ocorreu a sua posse como a primeira mulher eleita vereadora na Câmara Municipal da cidade. Durante o contexto da ditadura civil-militar, ela foi eleita pelo partido da Arena (Aliança Renovadora Nacional) e também ocupou o cargo de secretária da Câmara.

Imagem 03: Crisantina Dias e José Cabral



Fonte: Acervo de Severino Neto de Sousa

Conforme o registro, verifica-se que Crisantina Dias era uma mulher de pele clara e cabelos curtos e loiros. Nessa imagem, posava olhando diretamente para o fotógrafo, usando um vestido comprido - ou talvez saia e blusa - sem decotes e que cobre o colo e os ombros, de acordo com os costumes da época, em que uma mulher casada deveria vestir-se com sobriedade, pois teria uma má reputação usar roupas curtas e sensuais (Pinsky, 2020). Além disso, utiliza-se de alguns acessórios como anel, relógio, óculos e colares, assim, presume-se que ela detinha alguma posse, pois não eram todas as mulheres do interior do Ceará que conseguiam ter acesso a tais adereços na época. Sentada ao lado do esposo, José Cabral, também olhando fixamente, com a expressão séria, usando roupas e sapatos sociais, podemos compreender que o casal

poderia estar participando de alguma reunião de diretoria de grupos escolares, quando trabalhavam juntos na educação do município.⁴

Nesse sentido, ela tinha 47 anos quando ocorreu o matrimônio. Naquela época era comum que as moças casassem mais cedo, pois o pensamento relacionado ao casamento era tão profundo na sociedade que uma mulher com mais de 20 anos e solteira era vista como encalhada ou candidata a “ficar para titia”, já aos 25 anos passava a ser considerada como uma solteirona. Por outro lado, um homem de 30 anos, solteiro e estável financeiramente tinha chances de casar com mulheres mais jovens. Conforme destacou Pinsky (2020, p. 619), no estado de São Paulo nos anos 1950 “[...] as mulheres casavam-se, em média, aos 23 anos de idade; os homens, entre 26 e 27 anos aproximadamente, sendo que no interior era costume casar-se mais cedo que na capital”.

Para o modelo social da época, Crisantina Dias optou pelo casamento de maneira tardia em relação às mulheres da sua família, a exemplo de Hilda, uma de suas irmãs mais novas, que casou-se em 1947. Assim, talvez a sua escolha pelo casamento durante a mesma época em que se candidatou ao cargo de vereadora e a posterior posse tenham a influenciado para realizar o matrimônio com José Cabral, visto os preconceitos e estereótipos que uma mulher solteira era alvo na sociedade, principalmente em função do cargo que ela exerceu na política do município.

Para tanto, durante a década de 1950 houve um crescimento na participação das mulheres no mercado de trabalho, principalmente nos serviços de consumo coletivos, em escritórios, no comércio e em trabalhos públicos. Com base nisso, surgiram outras oportunidades e profissões, como de enfermeira, professora, funcionária burocrática, médica e vendedora, que necessitavam a qualificação das mulheres, sendo importante para mudar o status social feminino. Porém, essas mudanças alcançaram apenas uma pequena parte da população, pois ainda permaneceram na sociedade estereótipos sobre o trabalho da mulher. Elas ainda eram vistas como donas de casa e mães, por causa das discordâncias no imaginário entre o casamento e o trabalho remunerado, segundo o argumento que, ao trabalharem fora do lar, as mulheres deixariam de realizar as atividades domésticas e também os cuidados com o marido, sendo uma ameaça para a permanência do matrimônio (Pinsky, 2020).

O casamento nos anos dourados atribuiu direitos diferentes para homens e mulheres. Segundo Pinsky (2020), as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos eram de responsabilidade unicamente da mãe. Dentro de casa, os homens apenas realizavam pequenos

⁴ Provavelmente, a imagem 03 é um recorte de outra fotografia, a qual o casal aparece da mesma forma, porém acompanhados de outras pessoas, sentadas em uma mesa com o título “Diretoria”, pertencente ao acervo de Severino Neto de Sousa.

reparos. Por meio dessa hierarquia, o marido era considerado o chefe do lar, com o poder sobre a esposa e os filhos, a quem permanecia com a última palavra: “[...] logo abaixo vinha a autoridade da esposa. Era considerado importante que o casal conversasse e trocasse ideias, mas pertencia ao homem - de acordo com a natureza, Deus e o Estado - a direção da família” (Pinsky, 2020, p. 626). Considerada como a rainha do lar, a mulher era responsável pela felicidade doméstica e o dever em colocar a família, principalmente o marido e os filhos, como o centro das suas preocupações: “[...] para a mulher ser mãe e dedicar-se aos filhos, mais que um direito ou uma alegria, era uma obrigação social, a sagrada missão feminina, da qual dependia não só a continuidade da família, mas o futuro da nação” (Pinsky, 2020, p. 633-634).

Sendo assim, de acordo com Rago (2020), a partir das mudanças ocorridas pela industrialização, quando atividades antes exercidas apenas no ambiente domésticos passaram a ser realizadas nas fábricas, houve o fortalecimento da ideologia da maternidade. Logo, os homens, positivistas, liberais, médicos, Igreja, operários anarquistas, socialistas e, posteriormente, os comunistas passaram a pregar que ser mãe seria a principal missão da mulher: “[...] A figura da "mãe cívica" passa a ser exaltada como exemplo daquela que preparava física, intelectual e moralmente o futuro cidadão da pátria, contribuindo de forma decisiva para o engrandecimento da nação” (Rago, 2020, p. 592).

Nesse contexto, no livro *Memórias de uma professora* (2010), ela escreveu que não teve filhos biológicos, mas que adotou a filha de sua prima que, por dificuldades financeiras, viúva e com quatro filhos, permitiu que o casal cuidasse da criação da menina. Assim, em “Minha descendência”, escrito em 2009, a professora narrou as suas memórias de quando a filha Cosma Liane Monteiro Dias era criança, os cuidados para a sua formação e o processo para oficializar a adoção.

Ela destacou a importância da chegada da filha em sua vida, “Preenchendo os meus anseios/De criar uma criança/Encher o lar de esperança,/Acabando com meus receios ” (Dias, 2010, p. 108). Nesse sentido, apesar da professora ter se dedicado em maior parte ao trabalho docente, pois iniciou o magistério em 1942, até a aposentadoria compulsória em 1990, ela relatou o seu desejo em ser mãe. Logo quando recebeu a notícia da adoção com Ademir, “Nos veio logo a intenção/ Comprar brinquedos, presentes;/ Muita carícia e ternura/ Pra ela que pouco andava/ Apenas balbuciava Papa! Mamã! Que doçura!” (Dias, 2010, p. 109). Assim, talvez a sua escolha pelo magistério, o trabalho fora do lar e o próprio casamento com 47 anos interferiu para que não tivesse filhos biológicos. Porém, manteve o anseio em cuidar de uma criança, sendo que a filha representou para ela o fim das suas inquietações.

Crisantina Dias e o esposo José Cabral, apoiou a educação escolar da filha Cosma Liane, em que concluiu o curso normal, estudou o primeiro e segundo grau no Colégio Diocesano em Cajazeiras e o terceiro ano na cidade de Crato. Assim como a sua mãe, Cosma Liane seguiu com o magistério, escolheu realizar o vestibular para o curso de Biologia, mesmo sendo Letras o desejo da mãe, mas que prontamente aceitou a decisão da filha. A professora também narrou sobre o casamento de Liane com Roberto – formado em Geografia e estudante de Direito – e o nascimento dos netos Lêvy e Davy. A fotografia a seguir, ocorreu no dia do lançamento do primeiro livro da professora.

Imagem 04: Família de Cosma Liane



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Em seus escritos, ela destacou a trajetória da filha como professora, mãe e esposa “excelente e exemplar”, além de dedicar-se à família e ao trabalho “não encara sacrifício seja na escola ou no lar” (Dias, 2010, p. 113). Ademais, descreveu com admiração o desempenho dos netos nos estudos. Na época, Lêvy, com 13 anos, tinha a preocupação de tirar boas notas e Davi era líder da turma, os dois sempre demonstravam afeto pelos avós: “Mas o que mais me engraça/ É sua meiguice e bondade/ Com toda afetividade/ Nos beija e nos abraça/ Com muito carinho e amor/ Que nos deixa comovidos/ E um tanto embevecidos/ Por seu cheirinho de flor” (Dias, 2010, p. 114). Em sua opinião, os filhos representam a união, assim não mereciam repreensões, pois seriam comparados a um tesouro: “Uma família excelente/ Buscando a convivência/ Para ter boa vivência/ Adequada e condizente” (Dias, 2010, p. 115). Na fotografia em seguida, a professora aparece com uma expressão alegre – o que não é comum na maioria dos registros – segurando as mãos dos netos e com o esposo também abraçando-os, demonstrando os sentimentos de admiração e carinho que ela escreveu para com eles.

Imagem 05: Crisantina Dias, José Cabral e os netos



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Logo, podemos compreender que, apesar de Crisantina Dias ter escolhido primeiramente formar-se e dedicar-se ao trabalho em sala de aula, em detrimento do casamento e a formação da sua família. O que era incomum para a maioria das mulheres da época, considerando a falta de oportunidades para a educação e trabalho. Logo, o casamento para essas moças seria talvez a única maneira de mudar de vida. Após a adoção da filha, Crisantina Dias destacou no livro as suas memórias também como mãe e com a família, na medida em que procurou ensiná-la os valores e as motivações para os estudos, assim como realizou com os discentes por onde passou.

Em outra passagem do livro, a filha Liane Monteiro escreveu o texto intitulado “Aos meus pais”, no qual ela expressou os sentimentos de gratidão. Inicialmente, destacou que o livro de memórias da professora não tinha pretensões literárias, mas apenas de “[...] perpetuar as gerações vindouras a sua experiência de vida, como mulher simples, batalhadora e realizadora que sempre foi” (Dias, 2010, p. 119). Em seguida, agradeceu aos pais pelo “sim”, pois mesmo não sendo filha biológica, o casal assumiu o compromisso em criá-la: “[...] ensinando-me a importância do amor a Deus e o respeito ao próximo, através de exemplos diários de vossas vidas, verdadeiros tesouro para a minha formação” (Dias, 2010, p. 120). Dessa forma, por meio do seu relato, podemos compreender que a professora repassou para a filha os ensinamentos cristãos aprendidos com os pais e os irmãos. Para finalizar, Cosma Liane também ressaltou que os valores aprendidos com os seus pais foram repassados aos seus filhos.

A professora Crisantina Dias, teve uma longa trajetória na educação barrense, atuando na sociedade de outras maneiras, como na política, na mídia por meio das participações em programas na rádio e nas secretarias do Clube União Barrense e do Clube das mães. Nessa perspectiva, de acordo com a cronologia de sua trajetória, produzida ainda em vida, juntamente com o professor Bezerra Silva, é possível compreendermos alguns dos fatos principais de seu trabalho e sua contribuição para a sociedade.

Posterior à colação de grau como professora normalista em 1942, no Colégio Teresa de Jesus em Crato, ela voltou para o Barro e passou a ensinar nas “escolinhas auxiliares do Estado”. Em 1945, Crisantina Monteiro Dias foi nomeada pelo Governo do Estado do Ceará professora em uma das cadeiras integrais. Em 1957, tornou-se a diretora da primeira escola pública construída na cidade, o Grupo Escolar Walter Sá Cavalcante⁵. Ademais, no ano de 1965 ocorreu a construção do Clube União Barrense e ela foi escolhida pelos sócios-fundadores e proprietários como a primeira secretária.

Em 1967, ocorreram dois momentos importantes para Crisantina Dias, primeiramente a sua posse como vereadora da cidade e depois o casamento com José Dias Cabral. Posteriormente, após iniciar a atividade docente na cidade de Barro, já em 1968, houve a construção do Ginásio Paroquial Santo Antônio, que teve como fundador o Frei Hermano Studart. Prontamente a professora juntou-se ao time de docentes, entre eles/elas o seu esposo José Dias Cabral, Maria Salete Pereira das Neves e Lúcia Cabral. Já em 1972 houve a inauguração do Grupo Escolar Justino Alves Feitosa, Crisantina Dias trabalhou como diretora na instituição até 1975, momento em que ocorreu a aposentadoria pelos 30 anos de docência no Estado do Ceará.

Entretanto, com a construção no mesmo ano da Escola de Primeiro Grau Gov. César Cals, em 1975, foi necessário a nomeação da professora novamente pelo Estado, na qual trabalhou por oito anos como docente e sete anos como vice-diretora, ao lado do seu esposo e também professor José Dias Cabral. Desse modo, nos anos 1970, também houve a criação do Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização) na cidade, Crisantina Dias foi nomeada secretária e José Cabral presidente do programa. No livro *Fragments de uma História* (2013), a professora discutiu como ocorreu a implementação nas comunidades rurais do município. Além disso, a Biblioteca Municipal Crisantina Monteiro Dias teve a sua inauguração em 1976,

⁵ Os Grupos Escolares no modelo de escolas republicada foram criadas a partir do final do século XIX, com a expansão até a década de 1930. Dessa forma, observa-se que na cidade de Barro a implementação dos Grupos Escolares ocorreu de forma tardia, ou seja, apenas nas décadas de 1950 e 1970.

sendo construída no início da gestão do Prefeito João Tavares Neto e concluída pelo Prefeito Aurílio Cardoso de Lima.

Ela também foi a primeira mulher que exerceu o cargo de secretária da educação do município em 1977, na gestão do prefeito José Alves Feitosa. No ano seguinte, trabalhou como secretária do Clube das Mães, projeto criado pela primeira dama Maria Neli Cabral Feitosa. No ano de 1986, pronunciou o discurso pela inauguração da primeira emissora de rádio no município, Boa Esperança Ltda.

Por conseguinte, com a sua aposentadoria compulsória em 1990, a professora tinha 70 anos e recebeu prêmios e homenagens pela população barrense, como reconhecimento por sua trajetória e dedicação à educação. Desse modo, em 1995, participou da festa em homenagem aos professores da cidade e recebeu o troféu Professora Crisantina Monteiro Dias. O evento foi organizado pelo professor Francisco Bezerra Silva, com o apoio do Prefeito João Bosco Tavares e do Secretário de Educação Francisco Luiz Tavares de Araújo (Neneca).

Em agosto de 1997, ocorreu a reinauguração da Biblioteca Municipal Crisantina Monteiro Dias. O momento contou também com a organização do professor Francisco Bezerra Silva, do Prefeito José Adalison Barbosa Landim e do Secretário de Educação Herlanilson Antônio de Figueiredo. No ano de 2005, a professora escreveu a Síntese da Educação Barrense a partir da década de 1930 para o Primeiro Plano Municipal de Educação.

Em 2007, recebeu homenagem na comemoração dos Precursores da Educação Barrense, com José Dias Cabral, Maria Salete Pereira das Neves e Catarina Bandeira de Almeida. A celebração foi organizada pelo professor Francisco Bezerra Silva, na época diretor da Escola de Ensino Fundamental e Médio Mauro Sampaio. Em 2010, lançou o primeiro livro *Memórias de uma professora*, em 2013 a segunda obra *Fragments de uma História*. Além disso, foi homenageada com a Comenda de Figura Notável pela Câmara Municipal da cidade, com a Presidência do Vereador Eurandir de Souza Sinésio, em 2014.

Nessa perspectiva, o professor e memorialista Bezerra Silva foi aluno e amigo pessoal da professora. Ele realizou um papel importante na construção da memória de Crisantina Dias na cidade. Por meio da produção da cronologia de toda a trajetória e dos acontecimentos marcantes na vida de Crisantina Dias, além da realização de eventos e festas de homenagens, como o centenário, estimulou na população uma memória da professora, devido a importância do trabalho dela para a educação e para o desenvolvimento da cidade, que passou a ser reconhecida e lembrada principalmente pelos ex-alunos e as pessoas da comunidade.

A professora faleceu em dezembro de 2019, com 99 anos, às vésperas de seu centenário, que ocorreria em 2020. Nessa ocasião, ela foi denominada de “a filha do seu filho”. Isso porque,

mesmo não sendo filha do Barro, pois nasceu em outra cidade, para a população local, o Barro é o seu filho, devido sua atuação desde o início da cidade e por toda a contribuição no campo da educação e em outros setores da sociedade. Razão pela qual foi uma figura importante para o desenvolvimento e progresso do município, de modo que a população reconheceu o papel dessa mulher na história barrense.

1.2 “TODA IDADE TEM A SUA JUVENTUDE”: A ESCRITA DE SI DE CRISANTINA DIAS NA VELHICE

A professora Crisantina Monteiro Dias publicou os livros autobiográficos apenas com 90 e 93 anos. Porém, ao longo da vida, sempre escreveu cordéis, letras de músicas, paródias, diários e outros tipos de produções. Por isso, em seus livros, estão reunidas a maioria desses registros, além das memórias de sua trajetória, por onde viveu, da família e amigos, bem como a história da cidade onde ela cresceu e trabalhou por muitas décadas.

O estudo das mulheres no campo da historiografia é um processo recente. Somente nos anos 1980, finalmente, emergiu o conhecimento sobre as mulheres, buscando questionar e problematizar a produção historiográfica produzida principalmente pelo masculino, que atribuía destaque aos heróis da história. Dessa forma, desde então, surgiram trabalhos, publicações de livros, artigos, teses, dissertações e simpósios temáticos com abordagens ao tema. Isso porque, durante séculos, as mulheres foram silenciadas na história: “a mulher foi vista de forma subalterna, sendo excluída dos processos educativos e sociais, silenciadas ao ponto de se duvidar se de fato elas fizeram parte da construção da história da humanidade” (Duarte; Freire; Jucá, 2020, p. 04)

Conforme argumentou Lerner (2019), apesar das mulheres terem participado da manutenção da tradição oral e das funções religiosas, a falta de acesso à educação e “a hegemonia dos homens sobre o sistema de símbolos que, de forma decisiva, prejudicou as mulheres (p. 362).” A aparente ausência de um discurso que afirmasse a independência e a autonomia das mulheres, além da falta de conhecimento sobre a trajetória de mulheres que viveram sem a proteção masculina, contribuíram para que, na vida real, as mulheres acreditassem que não teriam história:

A negação às mulheres de sua história reforçou a aceitação da ideologia do patriarcado e enfraqueceu a noção de valor próprio da mulher individualmente. A versão masculina da história, legitimada como a “verdade universal”, apresentou as mulheres como marginais à civilização e como vítimas do processo histórico (Lerner, 2019, p. 367).

Ainda segundo essa autora, mesmo marginalizadas na sociedade, a escrita de algumas mulheres literárias conseguiu sobreviver diante da dominação masculina. As vozes dessas escritoras estavam presentes na tradição oral, na música, cantigas de roda, nos contos de bruxas e fadas, assim como na força criadora de símbolos presentes em cartas, diários, orações, canções e na criatividade artística. Se a ação de registrar e interpretar o passado, marca a entrada do homem para a história, esse fato aconteceu para os homens no terceiro milênio a.C.; e, para as mulheres, ainda assim apenas algumas, com notáveis exceções, ocorreu no século XIX, até o momento, para as mulheres toda a história, era pré-história (Lerner, 2019).

Segundo Margareth Rago (1995), com o desenvolvimento dos movimentos feministas nos anos 1970, o aumento no número de mulheres que entraram no mercado de trabalho e no contexto acadêmico forçou o fim do silêncio entre os historiadores. A concepção da história social das mulheres utilizou-se do termo “mulher” como entidade social empírica fixa, retirando as multiplicidades, destacava as mulheres em um passado glorioso na experiência pessoal e coletiva. Nessa perspectiva, a história cultural aproxima-se dos ideais feministas, na compreensão das relações de gênero enquanto relações de poder:

Com esta nova proposta metodológica, insiste-se em que consideremos as diferenças sexuais enquanto construções culturais, desmontando e sexualizando conceitualizações que fixam e enquadram os indivíduos, seus gestos, suas ações, suas condutas e representações (Rago, 1995, p. 88).

O final do século XIX e início do século XX foi marcado como um período de lutas dos movimentos feministas, representado para as mulheres como a chance de lutarem por direitos e pela liberdade diante de uma sociedade patriarcal, bem como buscarem um lugar em que pudessem desfazer o imaginário de “rainhas do lar” e a libertação das exigências sociais. Dessa forma, pensar em uma história de gênero é buscar a mudança e desconstruir os discursos que foram responsáveis pela exclusão das mulheres na história:

Os estudos de gênero só têm real valor à medida que, desnaturalizando as desigualdades, contribuam para uma efetiva transformação nas relações entre homens e mulheres, equalizando as relações. Neste caso, não se trata apenas de estudos que possibilitem a emergência de uma nova mulher, mas, de maneira simultânea, é preciso que os homens aceitem participar da construção de uma nova masculinidade (Silva, 2010, p. 229).

Joan Scott (1995) propôs uma abordagem do conceito de gênero como uma saída para a dominação do sexo feminino pelo masculino. Dessa forma, a categoria de “gênero”, além de substituir a palavra mulher, referia-se também aos homens, sobretudo ao entendimento de que

o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, ou seja, tornou-se uma maneira de “[...] indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres (p. 75)”. Dessa maneira, o gênero se tornou um novo domínio das pesquisas com o objetivo de questionar os paradigmas históricos existentes. O uso da categoria de gênero na pesquisa permitiu que as historiadoras e pesquisadoras analisassem como, em diferentes momentos do passado, os acontecimentos e tensões foram produtores do gênero (Pedro, 2005).

Motta (2013) discutiu sobre o aparecimento da história das mulheres velhas, principalmente pela dificuldade em encontrar fontes e documentários relacionadas ao século passado e a primeira década do século presente. Além disso, ocorrem diferentes vivências sobre o processo do envelhecimento, de acordo com cada época e os segmentos populacionais: “[...] E dentro destes, se realizam diversamente, segundo as relações de gênero, os pertencimentos de classe social e os próprios grupos geracionais, entre outros marcadores sociais fundamentais (p. 43).”

Dessa maneira, nos anos dourados, as mulheres velhas eram representadas principalmente pela figura da avó, sendo lembradas por características consideradas comuns: a aparência quase sempre sóbria, com os cabelos presos em coque, roupas escuras com golas e saias compridas. Além disso, essas mulheres apareciam como beatas, aquelas casadas eram consideradas “rainhas do lar”, bem como as jovens solteiras continuaram com o medo de serem consideradas socialmente como “moças-velhas”, aquelas que demoravam ou não se casavam.

Ao longo do tempo, as mulheres tiveram as suas trajetórias e experiências silenciadas para o conhecimento histórico “oficial”, que buscaram privilegiar a escrita de homens brancos e da elite. Assim, muitos registros produzidos pelas mulheres sobre a escrita de si foram apagados da história, como cartas, diários, livros, entre outros. Nessa perspectiva, na maioria das suas memórias autobiográficas, Crisantina Dias escreveu durante a velhice, o que é possível compreender por meio dos eventos que foram relatados, além dos seus desabafos pelas dificuldades em publicar os livros naquele tempo e os sentimentos diante da experiência do avançar dos anos.

A autobiografia, segundo Silva (2012), apresenta um desafio durante o processo narrativo, visto que torna mais difícil para o narrador compreender a multiplicidade de identidades e referências criadas no espaço entre o vivido, o lembrado e o narrado. Assim, tal narrativa tem ligações com a história e a ficção, pois a autobiografia se estrutura como um relato formado por meio da relação pessoal autêntica e não ficcional, baseada no campo do

“[...]conhecimento histórico pela busca do saber e da compreensão, no campo da ação pelo compartilhar de uma experiência, e no campo da arte por se tratar de uma narrativa literária (p. 50-51).”

Por sua vez, Gomes (2004) abordou a escrita de si e a sua relação entre o texto e o autor, defendendo o entendimento de que o texto é uma forma de representação do seu autor e que o autor é uma invenção do seu texto, pois a sua subjetividade é o produto da sua narrativa: “[...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a ‘sua’ verdade. Ou seja, toda essa documentação de ‘produção do eu’ é entendida como marcada pela busca de um ‘efeito de verdade’” (Gomes, 2004, p. 14).

Logo, na introdução do livro *Memórias de uma professora* (2010), Crisantina Dias expôs que não era escritora, mas que, ao chegar no “crepúsculo” da vida, decidiu escrever o “livreto” com as suas memórias, haja vista que, desde a juventude, teve esse sonho. Então, com o passar dos anos, as lembranças vinham com tamanha lucidez que ela resolveu tomar a atitude e colocar as ideias em prática. Ademais, a professora utilizou-se da frase “toda idade tem a sua juventude” escrita por Honoré Balzac⁶ e refletiu sobre talvez estar vivendo a juventude em plena velhice. Além disso, relatou a importância do apoio e incentivo dos amigos e familiares para a produção da obra.

Imagem 06: Crisantina Dias no lançamento do primeiro livro



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Imagem 07: Lançamento do livro “Memórias de uma Professora”, em 2010

⁶ Nasceu em 20 de maio de 1799 e foi considerado um dos mais importantes escritores franceses e um dos maiores expoentes do realismo. Escreveu a obra *O Pai Goriot e Ilusões Perdidas*, em que explorou diversos temas desde o dinheiro até o casamento. Além disso, mais de 90 romances do autor foram reunidos na obra *A Comédia Humana*. Mesmo a sua literatura seja considerada realista, Balzac escreveu outros gêneros como o fantástico em seus *Estudos Filosóficos*. Fonte: <https://www.fflch.usp.br/51229>.



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Essas duas fotografias foram tiradas durante o evento de lançamento do livro *Memórias de uma Professora*, na cidade de Barro, em 2010. Durante a ocasião, estiveram presentes muitas pessoas. Por meio dos registros fotográficos, podemos reconhecer alguns dos seus familiares como o esposo, a filha, o genro e os netos, bem como amigos e colegas de profissão. Na primeira imagem, Crisantina aparece com uma expressão séria, assim como na maioria das fotos, além de usar uma vestimenta com estampas, joias como anéis, relógio e um colar. Na parte superior da imagem, contém um banner: “a mestra que entende a educação como a arte de todas as coisas”. Na segunda fotografia, Crisantina está posicionada abaixo do palco onde está a mesa “principal”, sentada ao lado da filha Cosma Liane, com o microfone e o olhar destinado às pessoas que se encontravam acima, certamente realizando a sua fala como autora da obra. Na imagem, ainda estão presentes ex-alunos e admiradores que compuseram a mesa de lançamento.

No segundo livro publicado, *Fragmentos de uma História* (2013), a professora Crisantina Monteiro Dias destacou que, mesmo sentindo-se fragilizada pelo avanço da idade, aceitou o desafio de escrever a história da cidade de Barro, pelos pedidos dos amigos e familiares, que reconheciam o seu papel na trajetória e no desenvolvimento do município.

Imagem 08: Lançamento do livro “Fragmentos de uma História”, em 2013



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Na presente imagem, diferentemente do evento de lançamento do primeiro livro, em que Crisantina Dias permaneceu em uma mesa separada aos seus convidados durante a cerimônia, na fotografia do lançamento da segunda obra ela integrou a mesa com as demais pessoas. Entre os quais podemos citar o prefeito do município, Francisco Luiz Tavares de Araújo; a secretária de educação, Maria Vanda Edna Feitosa Gonçalves; além de ex-alunos como Severino Neto de Sousa, Pedro Ernesto Filho e Francisco Bezerra Silva; e o neto Lêvy. Entretanto, assim como as fotografias do primeiro evento, a professora apareceu com uma expressão séria, na maioria das vezes com a mão apoiada no rosto e na cadeira. Além disso, em outros registros é possível perceber que utilizaram um telão para apresentar as fotos que estavam sendo feitas durante a ocasião.

A temática da velhice está presente em quase toda a sua literatura e escrita autobiográfica. Desde o início de cada livro, a professora destacou o seu desejo antigo pelas publicações. Por exemplo, no livro *Memórias de uma professora* (2010), ela relatou que, após ler um artigo de jornal que abordava sobre a literatura de cordel, sentiu-se motivada, pois o cordel era o gênero que admirava e gostava de escrever. Assim, teria começado a separar e preservar os seus escritos, que ela considerava “fracos”, mas que chamavam a atenção das pessoas que sempre a solicitavam para serem recitados durante eventos privados para a família e eventos públicos na cidade.

No mesmo livro, Crisantina Dias escreveu suas vivências durante a velhice, vivendo com o esposo também aposentado, em que se fez necessário “[...] o amor, a compreensão e a renúncia” (Dias, 2010, p. 238), para ter uma vida tranquila, principalmente durante as

dificuldades da velhice. Segundo ela, viveu a solidão dos dias com o aconchego, a companhia e o carinho da família e amigos, que tornaram “menos penosa esta ingrata fase da vida” e finalizou o texto com uma reflexão: “Vida! Esse grandioso mistério que nos permite viver entre alegria e tristeza, apreensão e tranquilidade, para uns desditoso e cruel para outros suave e feliz. A divergência, porém, não faz diferença, levando todos a um único fim, a eternidade (Dias, 2010, p. 238).”

Na introdução de “Fragmentos de uma história”, ela escreveu sobre o aumento das limitações, na medida em que o corpo humano envelhecia, bem como os acontecimentos inesperados da vida que podiam trazer alegrias ou tristeza. Em seguida, relatou uma das justificativas para escrever o segundo livro, uma vez que, após publicar o primeiro, não tinha planos em mente para outra obra. Assim, durante a revisão final de *Memórias de uma professora* (2010), ocorreu um equívoco sobre a sua trajetória: “afirmei que havia permanecido na direção da Escola Justino Feitosa até a aposentadoria compulsória, ao invés de dizer até a primeira aposentadoria, cuja se deu em 1975, inconcebível pois tina apenas 55 anos (p. 13)”. Por não ter sido possível corrigir antes da publicação, pois o livro já estava em processo de digitação na editora, para a professora, esse fato gerou constrangimento, sendo um dos motivos para a escrita de mais um livro, em que também recebeu o apoio e incentivo de familiares e amigos que buscavam conhecer mais sobre a história da cidade, por meio da visão e escrita de Crisantina Dias.

Parte do acervo pessoal da professora, que está localizado em Barro, contém algumas das documentações dela e de José Cabral, bem como obras literárias, alguns livros didáticos, cartas impressas, um diário espiritual e cadernos com recortes de jornais com artigos, notícias e textos escolhidos por ela. Nas cartas escritas para algumas pessoas da família e amigos, a professora relatou as vivências durante as publicações dos livros. Dessa maneira, ao longo do ano de 2010 ela enviou cartas para a prima Mena, os ex-alunos e amigos Janduhy, José Tarcisio e Dão, nas quais discutiu principalmente as dificuldades para a publicação dos livros em uma cidade do interior pouco desenvolvida e as experiências com a velhice como a festa de aniversário de 90 anos realizada pela família.

Para a prima Mena, ela confessou ter anunciado no convite de lançamento do primeiro livro que este iria acontecer no dia do seu aniversário de 90 anos, mas ocorreu em outra data, o que gerou para ela constrangimento, uma vez que não aceitou a primeira edição do livro, por conter muitos erros e pela falta de “boas gráficas” na região. Sendo a melhor editora apenas em Juazeiro do Norte, foi necessária uma segunda edição “o que encareceu muito, mas a família

me ajudou na despesa da impressão, e assim, sai fora de tanto sufoco...” (Dias, Crisantina Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Mena. Barro, 02 ago. 2010. 1 Carta).

Em seguida, ela contou que a festa de lançamento foi filmada para a produção de um CD e que foi um evento satisfatório, deixando os convidados contentes. Além disso, recebeu homenagens das pessoas presentes e falou sobre a generosidade delas e os sentimentos de gratidão pelo reconhecimento em seu trabalho no magistério. Para finalizar, ela relatou sobre a luta em sobreviver mais alguns dias e, ao mesmo tempo, agradeceu pelo que já havia alcançado e, por fim, despediu-se na carta:

Eita velha corajosa! doida! danada!
 Não acha? Escrever um livro não é fácil, sobretudo pra quem não sabe.
 Agora, avaliemos o que não tínhamos a comentar, será que ainda nos veremos? Sabe Deus!
 A nossa história não tem fim por que tem por base o amor santificado.
 Devo parar por aqui se não passa de Montes-Claros, indo até a pancada do mar ...
 Está rindo? É pra rir mesmo
 O saudoso abraço da
 Crisanta
 (Dias, Crisantina Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Mena. Barro, 02 ago. 2010. 1 Carta).

Na carta que escreveu para o ex-aluno Janduhy, disse que, por suas “limitações culturais”, o medo a impediu de escrever o livro no passado, mas o estímulo dos parentes e amigos a incentivaram para iniciar o projeto. A falta de recursos da cidade também impactou no desenvolvimento da obra, sendo necessário que a filha e o genro se deslocassem para a cidade de Juazeiro do Norte em busca de gráficas. Mas, como a primeira edição foi produzida com tantos erros, para a professora, “em Juazeiro do Norte, uma grande cidade contando com muitas criações importantes; mas em muitas coisas falta a boa qualidade. Sei bem, que o que tem lá de sobra é pau de arara, romeiro e fanatismo” (Dias, Crisantina Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Janduhy. Barro, 02 dez. 2010. 1 Carta).

Além disso, ela falou que distribuiu o livro entre os parentes e amigos, recebeu cartas de agradecimentos, homenagens e referências, mas, para ela, o importante era o esforço, amor e humildade: “por outro lado, vinha-me a satisfação de registrar um pouco das minhas memórias e deixar este legado para os familiares e amigos” (Dias, Crisantina Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Janduhy. Barro, 02 dez. 2010. 1 Carta). Para finalizar a carta, contou do seu desejo em publicar outro livro escrito sobre a história da cidade do Barro, visto a importância de relatar no livro os acontecimentos e a trajetória de pessoas que contribuíram para o desenvolvimento do município:

Apesar da lucidez que ainda me agracia, amenizando os rigores da velhice, sinto-me um tanto combalida pelos incômodos físicos inerentes a idade.

Pelo que já expus, dá bem pra você avaliar as lutas que tive de enfrentar para engendrar o livrinho de estréia, cuja não deixa de ser um desafio, mormente quando nos propomos a executar algo para expor ao público. Requer, além da responsabilidade da escrita histórica, que deve primar pela verdade dos fatos, há muitos outros adicionais indispensáveis que se tornam pesados para mim pelos motivos já aludidos.

Às vezes, nos dias que me sinto melhorada, vem o pensamento de que agora mais treinada pela experiência colhida, talvez fosse menos penoso o novo e semelhante trabalho.

Bem, considerando estes meios termos, fico indecisa e até temerosa de me decidir positivamente (Dias, Crisantina Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Janduhy. Barro, 02 dez. 2010. 1. Cartão pessoal).

Segundo a professora, portanto, mesmo com os desafios em escrever um livro com 90 anos, além dos impasses para impressão da obra em uma cidade distante e dependendo da ajuda das pessoas, era importante a responsabilidade em escrever a verdade dos fatos históricos e ter a primeira experiência em publicar um livro. Fatores que a motivaram para escrever um novo trabalho, mas, nesta oportunidade, contando a história de onde cresceu e presenciou o avanço e modernização local, além das pessoas que contribuíram na e para a cultura, a política e a sociedade.

Em outra carta destinada ao ex-aluno José Tarcísio, além de referir-se sobre o momento de publicação do primeiro livro, a professora também expôs os sentimentos de colher os frutos do seu trabalho, principalmente pela festa de aniversário de 90 anos realizada pela família, a qual recebeu homenagens dos convidados, além das manifestações de carinho e afeto: “sobretudo pela expressão dos oradores: ex-alunos e outros, que se desmancharam em elogios e exaltação a velha mestra, ante os quais me senti lisonjeada, exaltada, muito acima do que merecia.” Segundo ela, não fez mais do que cumprir o seu dever como educadora, porém, ao ouvir as mensagens dos ex-alunos, sentiu-se emocionada e não conteve as lágrimas.

Imagem 09: Festa de 90 anos da professora



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Imagem 10: Dança de Crisantina Dias e José Cabral



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Imagem 11: Pronunciamento de Crisantina Dias



Fonte: arquivo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

As fotografias registram o dia da festa em comemoração aos 90 anos da professora. A festividade ocorreu no dia 26 de abril de 2010, contando com uma missa de ação de graças e recepção no Clube União Barrense. Durante a noite, também houve a apresentação de artistas da cidade: Firmino Neto, Cabral Feitosa e Luis Carlos (Dias, 2013). Portanto, é possível perceber a organização e decoração da ocasião, desde as cortinas brancas com detalhes em rosa, a distribuição das mesas para os convidados, cadeiras, músicos e a mesa principal decorada com flores e o bolo. Na primeira foto, aparecem algumas das pessoas convidadas, como ex-alunos e suas esposas, familiares e amigos próximo da professora. A maioria deles estão com uma expressão que remete alegria e olham diretamente para a foto, além de usarem vestimentas consideradas próprias para os eventos sociais da época.

Na segunda imagem, observamos Crisantina Dias usando saia e blusa da cor rosa, a dançar com o esposo José Cabral, além de outros casais ao fundo da foto, provavelmente o casal do lado esquerdo é a sua filha e o genro. Nesse sentido, na fotografia, as mulheres apresentam vestidos, cabelos soltos e salto alto, já os homens estão com trajes sociais. Na última foto, tirada de outra parte da festa, aparecem os músicos, alguns convidados e Crisantina Dias com o microfone. É possível que ela estivesse recitando algum dos seus cordéis ou realizando algum pronunciamento, haja vista que, no livro *Fragments de uma história* (2013), a professora transcreveu a sua fala realizada durante o evento, em “Lembrança de aniversário”:

[...] Hoje aos 90 anos, apesar dos incômodos físicos, inerentes a idade que me afetam devo dar-me por satisfeita em contar com a graça da lucidez o que vale para alimentar sonhos, ver e sentir as coisas concretamente. [...] Mais uma vez repito, sinto-me honrada nesta hora em que me vejo cercada de jovens e pessoas adultas já amadurecidas pelo tempo, inclusive muitos alunos sendo hoje pais e avós, deixando-me na emoção e na alegria de contemplá-los e sentir que neles estão um pouco de minhas idéias e ensinamentos, dos meus exemplos, enfim do meu eu (Dias, 2013, p. 116-117).

Desse modo, ao longo do texto a professora refletiu sobre o passar dos anos e a chegada da velhice, mesmo indesejada. Ela também ressaltou que, na medida em que dedicou-se ao magistério bastante tempo da vida, 45 anos, teve a chance de conhecer muitos estudantes e as suas famílias, os quais permaneceu amiga no decorrer no tempo e estiveram presentes em muitas ocasiões de comemoração, além de trocar cartas e correspondências.

De acordo com Silva (2008), o interesse pela noção da velhice como uma etapa diferente da vida ocorreu durante o final do século XIX e início do século XX, a partir de determinadas mudanças e discursos a recompor o percurso da vida, produzindo as condições para o surgimento da velhice, por meio dos novos conhecimentos da medicina e os institucionalizados

pela aposentadoria. Logo, mesmo que a identidade entre a velhice e a invalidez “[...] seja a consequência da institucionalização das aposentadorias que mais se solidificou no imaginário cultural, seu estabelecimento contribuiu para a caracterização da velhice como categoria política (p. 160)”.

Assim, o aposentado não é apenas aquele considerado incapaz ao trabalho, mas é também o sujeito do direito, que possui privilégios sociais e permite reivindicar benefícios em nome de uma categoria, visto que, “[...] a invalidez pode ser uma característica pejorativa e estigmatizante, mas ao mesmo tempo dá ensejo a um novo posicionamento subjetivo para a velhice (Silva, 2008, p. 160)”. Porém, na contemporaneidade, o conceito de velhice detém novas perspectivas, não mais a dimensão de decadência que predominava no país durante a década de 1980, mas passa a ser considerada mais uma fase de desenvolvimento, que deve ser vivida de maneira plena e produtiva, uma vez que o sujeito que tem acesso a serviços de saúde e qualidade de vida pode vivenciar as etapas do ciclo da vida e chegar à velhice (Câmara; Câmara, 2018).

Existem fatores que contribuem com a perda do papel social do idoso na sociedade brasileira, como a angústia, decepção, sofrimento, a solidão com a partida dos filhos, a viuvez, as limitações físicas e questões econômicas-sociais. Beauvoir (2024) argumentou que o nosso inconsciente busca ignorar a velhice, pois é uma etapa relacionada com a ideia de marginalização, limitação e perda da juventude, sendo um dos maiores desafios do homem idoso a manutenção da sua identidade.

Ademais, para Câmara e Câmara (2018), é importante para o idoso a autovalorização e a confiança em suas próprias ideias, pois fortalece a sua adaptação com os limites impostos. Sendo assim, as perdas, quando cuidadas, podem diminuir a ansiedade e o vazio, “[...] uma vez havendo esse cuidado de si, torna-se possível a chegada à velhice olhando para frente com confiança e em retrospecto sem o fardo do remorso de não haver vivido plenamente (p. 239)”.

Nesse sentido, a escrita durante a velhice exerce uma dupla função, pois realiza o deslocamento da memória social por meio do encontro entre o passado e o tempo presente, além de produzir rupturas, construindo novos sentidos. A escrita, pois, ocorre em um espaço simbólico, com interpretações, realizando o trabalho de memória e a construção da subjetividade (Schons; Grigoletto, 2009). Portanto, segundo as autoras o envelhecimento demográfico contribuiu para ressignificar os ciclos da vida humana e as suas práticas, uma vez que esquecemos que a velhice faz parte de uma etapa da vida e ela pode constituir uma fase produtiva e como testemunho para as novas gerações.

Ao longo da sua literatura, Crisantina Dias escreveu o texto “Justa homenagem” presente no livro *Fragmentos de uma História* (2013), para homenagear a escritora Cora Coralina. Inicialmente, destacou a trajetória da escritora goiana desde a infância difícil e com a profissão de doceira sem a formação educacional, mas que se tornou uma grande poetisa, contista e produziu ricas obras literárias. Assim, a professora descreveu com admiração a literatura de Cora Coralina, referindo-se como um dom divino: “a história está cheia destes exemplos revelados em pessoas simples, de pouca instrução e até analfabetas, que se notabilizam por feitos extraordinários (p. 84)”.

Além de exaltar a figura da escritora, ela narrou como as suas vidas possuem aspectos semelhantes em relação ao processo de escrita, visto que foi apenas com 76 anos que Cora Coralina tornou-se reconhecida como escritora e com 90 anos as suas obras foram conhecidas de fato pelo público. Já Crisantina Dias, aos 76 anos, recitou os seus primeiros versos em público e com 90 anos publicou o primeiro livro. Em seguida, a professora destacou que há apenas esse fato semelhante e seria apenas uma mera coincidência. Por fim, Crisantina Dias escreveu referindo-se à Cora Coralina como: “Ela, grande escritora. Eu simplesmente, imitadora (Dias, 2010, p. 85).”

Dessa forma, assim como Cora Coralina, para Crisantina Dias, a idade é vista em determinados discursos como algo positivo, principalmente de acordo com a visão da população barrense, que realiza elogios pela “capacidade intelectual”, “memória” e a “habilidade de comunicação” da professora, em ter escrito duas obras literárias e históricas. Ademais, em algumas passagens e até mesmo pelas fotografias, é possível compreender que, para a professora, a longevidade dos anos não estava associada ao declínio e a invalidez. Porém, ressaltou que, mesmo sentindo os incômodos físicos inerentes do avanço da idade, contava com a lucidez e, por isso, motivou-se para escrever o segundo livro.

Ao longo da escrita de si, produzida por Crisantina Dias nas narrativas autobiográficas, o tema da velhice apareceu em segundo plano, visto que, ela escreveu principalmente sobre o passado, as memórias da infância nas cidades de Barro e Aurora, as vivências da juventude nos anos dourados, o processo de formação em Crato, além da trajetória dos alunos, familiares, os acontecimentos e a própria história do município de Barro.

Dessa maneira, ela se refere a experiência da velhice, justamente quando conseguiu organizar os seus escritos e lançar o primeiro livro. Assim como destacado anteriormente, ela entendia essa fase como o “crepúsculo” e “ingrata” por suas limitações do corpo. Entretanto, realizou reflexões sobre estar vivendo a juventude na velhice e que aceitou o desafio de publicar a obra mesmo sem nenhuma experiência anterior.

Essas concepções dialogam com o estudo de Beauvoir (2024), pois a autora argumentou que, no plano intelectual, a velhice também pode ser liberatória, visto que ela livra das ilusões, além da lucidez que muitas vezes é acompanhada de um desencanto amargo. Para a autora, a nossa existência é vivida na infância e juventude com ascensão, que persiste na idade madura, mas que de repente “[...] chega o momento em que sabemos que não nos preparamos para mais nada e compreendemos que fomos logrados ao acreditar que caminhávamos para um fim (Beauvoir, 2024, p. 512)”. Além do mais, na velhice, a liberdade e a lucidez possuem grande valor se acompanhadas de objetivos e projetos: “[...] a maior sorte do velho, mais do que gozar de uma boa saúde, é sentir que, para ele, o mundo está ainda povoado de fins. Ativo, útil, escapa ao tédio e à decadência (Beauvoir, 2024, p. 513)”.

Nesse viés, por meio da sua participação em eventos sociais, como os momentos de lançamento do livros e a festa de aniversário, a professora recebeu dos convidados mensagens de admiração e reconhecimento pela trajetória. Assim, a sua escrita de si parte, sobretudo, do sentimento de dever cumprido, o desejo em desfrutar do trabalho realizado no município e, por fim, a coragem em escrever mesmo com o avançar da idade, em que ela se expressou: “Eita velha corajosa! doida! danada!” (Dias, Crisantina Monteiro. [Correspondência]. Destinatário: Mena. Barro, 02 ago. 2010. 1 Carta).

Outrossim, compreendemos que outra questão semelhante entre Cora Coralina e Crisantina Dias é a capacidade em construir amizades com outras gerações. De acordo com Delgado (2003), Cora Coralina estabeleceu relações de amizade com jovens, participando das suas vidas, por meio de conselhos e a relação de confiança, conforme o depoimento de duas mulheres citadas pela autora “[...] afirmam que o relacionamento com Cora foi determinante para muitas escolhas que realizaram ao longo da vida, pois aprenderam com a poeta a confiar em si mesmas, ‘ir à luta sem alterar o jeito de ser’ (p. 212)”.

Após a aposentadoria compulsória, Crisantina Dias construiu laços de amizade com os seus alunos através da troca de correspondências, na escrita dos livros com mensagens para a professora e cordéis escritos aos ex-estudantes, até mesmo na participação de alguns deles na comemoração de eventos. Um exemplo disso é o mote “Coralina e Crisantina têm histórias parecidas”⁷ de Pedro Ernesto Filho, ex-aluno da professora, escrito com o intuito de homenagear as duas escritoras:

[...] Cora no passado disse

⁷ Encontra-se publicado no blog do escritor Pedro Ernesto Filho, “Encanto das letras”. Link de acesso: <https://www.recantodasletras.com.br/homenagens/4697080>

não ter angústia dos anos,
 Crisantina traça planos
 ludibriando a velhice,
 as duas na meninice
 tiveram infâncias sofridas,
 suas mensagens são lidas
 por quem aprende e ensina
 - Coralina e Crisantina
 têm histórias parecidas.

Cora evitando desande
 escreveu Velho Sobrado,
 Crisanta fez um tratado
 falando da Casa Grande,
 uma ideia que se expande
 nas mentes favorecidas,
 inspirações insculpadas
 onde a arte predomina
 - Coralina e Crisantina
 têm histórias parecidas. [...]

A apresentação do mote ocorreu em 2014⁸, na ocasião do lançamento do segundo livro da professora. Desse modo, é possível compreender que a narrativa do autor é marcada pela comparação, exaltação e destaque das semelhanças entre as duas mulheres. Alguns acontecimentos da trajetória de ambas foram narrados, como o fato de terem o reconhecimento como escritoras apenas acima dos 70 anos, nascidas em estados diferentes, mas escrevendo no estilo de cordel, além de cartas e crônicas expressarem a fé e o talento para a literatura. Para finalizar, Pedro Ernesto destacou como as duas escritoras lidavam com a velhice, visto a posição de Cora Coralina, que não preocupava-se com o avançar da idade, e Crisantina Dias realiza planos e novos projetos. Além do mais, mesmo diante das dificuldades vividas durante a infância, as duas escreveram mensagens e relatos importantes para as futuras gerações, como o “Velho Sobrado” e a “Casa Grande”.

No texto “Envelhecer ensaio sobre o avançar das horas”, escrito pela sobrinha Elizabete Martins Monteiro, em outubro de 2009, para a professora, após realizar uma reflexão sobre as fases e os acontecimentos diários da vida durante a velhice, ela finalizou: “[...] agora pausando um pouco para saborear os frutos de sua existência, se lança em traçar novos planos e sonhos para cada novo amanhecer, e descobre a cada dia que viver só se aprende vivendo (Monteiro, 2009 apud Dias, 2010, p. 234).” Portanto, a velhice é uma experiência da vida sentida pelas pessoas de diferentes formas ao longo da história. No século XX, considerada uma classe social

⁸ Segundo o blog, a apresentação ocorreu dia 25 de janeiro de 2014. Assim, provavelmente, o livro *Fragments de uma História* foi publicado em dezembro de 2013 e o evento para o lançamento em janeiro do ano seguinte.

distinta pelas indicações de invalidez e decadência, mas com a recategorização da “terceira idade” no século XXI ocorreu a tendência pela busca da beleza, porém a velhice continuou indesejada (Motta, 2013).

Na escrita de si, Crisantina Dias destacou o processo de produzir durante essa fase da vida, os seus desafios e a maneira como enxergava a velhice, ora como dificuldade pelas limitações do corpo, ora com sentimento de euforia. Também contou memórias autobiográficas nos livros e cartas com o sentimento de que “cumpru o seu dever como educadora”, diante das homenagens feitas pelos familiares e ex-alunos. Dessa maneira, podemos compreender que velhice é uma “situação social e humana complexa, contraditória e indefinida” (Motta, 2013, p. 51).”

O capítulo teve como objetivo analisar as memórias autobiográficas dos livros de Crisantina Dias, além de apresentar a sua biografia e a sua trajetória nas cidades em que viveu, no interior no Ceará. Bem como, discutir a escrita de si realizada na velhice, momento em que reuniu os seus textos e memórias e publicou as duas obras. Diante disso, a imagem que Crisantina Dias construiu de si foi de uma professora. Ou seja, sua escrita de si na velhice, é de uma de uma senhora que reencontrou as suas memórias da infância e juventude, estabelecendo a educação como o marco que dava sentido à sua vida. Nessa perspectiva, ela selecionou os acontecimentos e episódios de sua trajetória, além das pessoas que evidenciaram o seu trabalho na educação e destacaram a sua contribuição na formação dos estudantes.

CAPÍTULO 2

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA: A ATUAÇÃO DOCENTE DE CRISANTINA MONTEIRO DIAS

Aqui temos em mãos o diploma de professora que embora modesto e humilde nos confere o direito de exercer uma das mais nobres missões do ser humano, que é a de ensinar doando aos nossos semelhantes o que temos de melhor (Dias, 2010, p. 29).

A presente epígrafe é parte do discurso de Crisantina Dias como oradora da turma de normalistas, na conclusão do curso Ginásio e Magistério, do colégio Santa Teresa de Jesus, na cidade do Crato, no Ceará, no ano de 1942. Desse modo, nesta seção, discutiremos o modelo de educação para a formação docente na citada instituição a fim de compreendermos como esse percurso influenciou o pensamento e o exercício do magistério da professora no município do Barro. Para tanto, também analisaremos a sua trajetória na educação da cidade e, sobretudo, durante o período da ditadura militar.

A pesquisa autobiográfica, utilizando-se das histórias de vida, biografias, autobiografias, memoriais, se constrói a partir do trabalho com diversas fontes, a exemplo das narrativas escritas, história oral, fotos, filmes, vídeos, diários e documentos em geral. No que diz respeito à memória, ela é um elemento importante, pois é “[...] característica do(a) narrador(a) com que o pesquisador trabalha para poder (re)construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de determinado objeto de estudo” (Abrahão, 2003, p. 02).

Além disso, de acordo com Nóvoa (2014), as histórias de vida e o método (auto)biográfico fazem parte do movimento que busca repensar as questões que envolvem a formação docente, refletindo no entendimento de que "ninguém forma ninguém", além de considerar a formação dos professores um trabalho reflexivo sobre os direcionamentos da vida.

Os estudos sobre as escritas de si durante os processos de formação e profissionalização docente foram expandidos no Brasil durante a década de 1990, no que ficou conhecido como “a virada biográfica em Educação”. A partir disso, muitos estudos dedicaram-se em compreender os processos de formação de professores no decorrer da sua existência, além de refletir sobre as experiências vivenciadas no trabalho docente. Logo, houve o reconhecimento do potencial das narrativas para os estudos no campo da educação:

Esses trabalhos, baseados nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 370).

Segundo os mesmos autores, esses estudos pretendem também conhecer o modo pelo qual os professores-narradores-autores retratam o trabalho da biografização, considerando sobretudo a dimensão institucional de escritas produzidas durante a aprendizagem formal ou na esfera privada da profissão. Dessa maneira, não se trata de buscar encontrar nas escritas de si uma “verdade” por meio do ato de biografar, mas de entender como os sujeitos dão forma às suas vivências e “[...] sentido ao que antes não tinha, como constroem a consciência histórica de si e de suas aprendizagens nos territórios que habitam e são por eles habitados, mediante os processos de biografização (Passeggi; Souza; Vicentini, 2011, p. 371).

Em relação ao longo processo para o ingresso feminino à educação, Rosemberg (2013) discutiu que essa autorização ocorreu em 1827 pela Lei Geral do Ensino, em 6 de outubro daquele ano, mas apenas para as escolas femininas de primeiras letras. Houve avanços na educação das mulheres a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), em 1971, que concedeu a equivalência entre os cursos secundários. Logo, como o curso normal secundário já era frequentado pelas mulheres desde o final do século XIX, não houve tanto discriminação por ser “apenas” um curso profissionalizante, mas passou a oportunizar o acesso das normalistas ao ensino superior.

Ainda de acordo com a autora, a necessidade de educar as mulheres ocorreu, sobretudo, para serem as educadoras dos homens, porque eles eram necessários à nação. Além disso, houve a defesa para uma educação diferenciada, uma vez que as mulheres eram tidas como menos inteligentes e mais frágeis que os homens. Logo, foi inserido no currículo a economia doméstica, haja vista que a mulher seria a rainha do lar, sua formação de professoras estaria voltada para serem verdadeiras mães e teriam a vocação para o sacerdócio que seria o magistério. Nesse sentido, Louro (1997, p. 103) refletiu que:

Quem "falou" sobre as mulheres professoras, quem construiu e difundiu com mais força e legitimidade sua representação foram os homens: religiosos, legisladores, pais, médicos. Elas foram muito mais objetos do que sujeitos dessas representações. Para elas, sobre elas, em seu nome foram escritos poemas, pintados quadros, feitos discursos e orações; criaram-se caricaturas e símbolos, datas e homenagens, cantaram-se canções.

Assim, inicialmente, foram atribuídos ao magistério elementos religiosos e características femininas, o que construiu uma perspectiva estereotipada da mulher como docente, sendo considerado um trabalho que exigia doação, dedicação, amor, vigilância etc. As mulheres professoras precisavam ser reconhecidas como “mães espirituais”, para que o trabalho fora do lar se aproximasse das atividades tipicamente femininas e de modo a não prejudicarem essas atividades. Nesse sentido, as mulheres que se dedicavam ao magistério eram “[...] principalmente as solteiras, as órfãs e as viúvas. Nos primeiros tempos, quem vai, efetivamente, exercer a profissão são as mulheres ‘sós’” (Louro, 1997, p. 104).

2.1 A FORMAÇÃO DAS PROFESSORANDAS NORMALISTAS NO COLÉGIO SANTA TERESA DE JESUS NA CIDADE DO CRATO

Em 1935, Crisantina Dias iniciou o curso de Ginásio e Magistério no Colégio Santa Teresa de Jesus, na cidade de Crato, onde formou-se em 28 de novembro de 1942, após permanecer durante sete anos na instituição. Em seguida, iniciou o trabalho na educação no distrito de Barro.

Nesse sentido, para compreender o modelo de educação vivenciado pela professora Crisantina Dias, é necessário inicialmente entender como ocorreu a construção do colégio em que ela realizou a sua formação para o magistério. Para tanto, partiremos de estudos que trabalham com a história da Congregação Santa Teresa de Jesus e o colégio com o mesmo nome, além da trajetória de Dom Quintino, responsável pela criação de ambas as instituições.

No século XIX, a formação dos professores tinha o objetivo de combater a barbárie, sendo eficiente contra a criminalidade e, sobretudo, para o processo de civilização e edificação da nação. Como afirmou Noronha (2015, p. 56), “[...] cada instituição escolar tem a sua história atrelada a um determinado contexto social de lutas, interesses políticos e reivindicações sociais.”

Segundo Torres e Oliveira (2019), a criação das escolas normais no Brasil ocorreu no século XIX, já durante a República, com a defesa da laicidade do ensino e do fim do poder da Igreja Católica. As primeiras instituições foram criadas em Niterói, no ano de 1835; na Bahia, em 1836; no Ceará, em 1845; e em São Paulo, em 1846. Houve, então, o desenvolvimento da formação de professores no país, responsáveis pelas transmissões de conhecimento e a instrução dos docentes do ensino primário. Posteriormente, com a feminização do magistério primário,

essas instituições exerceram uma formação de acordo com os valores éticos, religiosos, estético, além do treinamento do lar, sendo a atividade natural da mulher manter a relação, mãe-professora.

Em 1835, houve a criação da primeira escola Normal do Brasil, na província do Rio de Janeiro, em Niterói. Entretanto, apenas a partir de 1868/1870 que as escolas normais passaram a ter um pouco mais de valorização, devido as transformações e aos discursos políticos e econômicos que se colocaram a favor da educação. Os currículos começaram a apresentar um maior tempo de duração e a inclusão do ensino para as mulheres, visto que antes apenas os homens poderiam ter acesso aos estudos (Noronha, 2015).

Além disso, Novaes (1995) discutiu como as Escolas Normais representaram de maneira precária apenas uma solução para o problema da mão-de-obra nas escolas femininas. A sociedade reagiu de maneira negativa ao recrutamento da mulher para o trabalho docente, já que as primeiras Escolas Normais eram destinadas às camadas populares, que ainda não viam na educação uma maneira de ascensão social. Porém, mesmo a Escola Normal não tendo as características dos Liceus ou Colégios Secundários, ela passou a constituir uma das poucas oportunidades destinadas às mulheres, além de atrair moças de famílias abastadas que procuravam apenas elevar o grau de escolarização.

Particularmente, o Colégio Santa Teresa de Jesus está situado na região do Cariri cearense, composta por 28 municípios, que são divididos em quatro microrregiões, a saber: Cariri ou vale do Cariri, que fazem parte as cidades de Crato, Juazeiro do Norte, Barbalha, Missão Velha e Jardim. A segunda, Chapada do Araripe, é composta por Araripe, Campos Sales, Salitre, Nova Olinda, Potengi e Santana do Cariri. A terceira, Sertão do Cariri com as cidades de Aurora, Barro, Abaiara, Milagres, Mauriti, Brejo Santo, Porteiras, Jati e Penaforte. E a microrregião serrana de Caririaçu, que inclui os municípios de Altaneira, Antonina do Norte, Tarrafas, Assaré, Caririaçu, Farias Brito, Grangeiro e Várzea Alegre. Além disso, do grupo que forma o triângulo CRAJUBAR (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), o Crato foi a primeira cidade a desenvolver-se, com a freguesia criada em 1762 e elevada à categoria de vila em 21 de junho de 1764, com o nome de Vila Real do Crato, tornando-se cidade em 1853.

A ação da Igreja Católica no campo educacional na região foi se constituindo de maneira constante, principalmente com a construção da Diocese do Crato, em 20 de outubro de 1914, pela bula *Catholicae Ecclesiae* do Papa Bento XV, com a nomeação de Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva (D. Quintino) como o primeiro bispo do Crato. Logo, cabe destacar que Dom Quintino foi o responsável pela criação da primeira escola da região do Cariri, no município de Crato, destinada à educação de moças, além de ser a primeira a implementar o curso Normal,

na década de 1920, com a primeira turma diplomada em 1929. Isso se refere ao Colégio Santa Teresa de Jesus (CSTJ) fundado juntamente com a Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus (CFSTJ).

Dom Quintino nasceu em 1863, na cidade de Quixeramobim, no Ceará, onde iniciou os seus estudos. Em 1881, com 17 anos, se tornou seminarista no Seminário da Prainha, a primeira escola de ensino superior do Ceará, em Fortaleza. Ordenou-se padre, pelo bispo Dom Joaquim José, em 19 de junho de 1887, sendo indicado pelo bispo como vigário da Paróquia de Missão Velha, no Cariri. Já em 1916, tomou posse do cargo de bispo, momento em que se dedicou a atividades espirituais e pastorais, realizou mudanças e empreendimentos que modificaram a situação socioeconômica do Cariri e priorizou o campo da educação (Costa, 2016). Além disso, o seu lema episcopal era: *Patientia et doctrina* (Paciência e doutrina):

Nesse sentido, tratou, sem perda de tempo, de organizar a Cúria Diocesana; fundou o colégio diocesano e reabriu, mais uma vez, o seminário, um ao lado do outro; reabriu, também, o Ginásio São José, destinado à educação masculina; fundou o Colégio Santa Teresa de Jesus, destinado à educação feminina; fundando, também, a congregação religiosa Filhas de Santa Teresa de Jesus (Costa, 2016, p. 74).

Ainda segundo o autor, o Colégio Santa Teresa de Jesus foi criado com o objetivo de dedicar-se à educação de mulheres do sertão, em virtude das dificuldades de acesso pelas meninas. Naquele período, não existiam escolas de segundo grau para as mulheres no Crato e também em toda região do Cariri, de modo que apenas as moças de famílias com melhores condições financeiras poderiam estudar na capital Fortaleza. De 42 anos de vida pública, Dom Quintino dedicou 37 anos ao sacerdócio na cidade de Crato, em que contribuiu na formação social, religiosa, educacional e cultural do município. Faleceu no dia 29 de dezembro de 1929 e os seus restos mortais foram sepultados na capela de Jesus Ressuscitado, na Catedral do Crato (Costa, 2016).

De acordo com Santos (2010), diferentemente da educação das meninas nas casas de caridade organizadas pelo Padre Ibiapina, que por serem órfãs recebiam doações de pessoas, do Estado e também do próprio trabalho das internas, houve o surgimento das instituições escolares confessionais para as mulheres “[...] administradas por uma Congregação reconhecida canonicamente, e financiadas preferencialmente pelas mensalidades pagas pelos serviços educacionais prestados, pelos responsáveis pelas formandas (p. 327)”. Dessa forma, o público principal do Colégio era de pessoas que poderiam arcar com as despesas da manutenção integral

das aulas internas, caso fossem semi-internas; já as externas realizavam o pagamento de mensalidades.

Diante dos documentos analisados por Noronha (2015), os discursos de Dom Quintino enfatizavam que a mulher deveria ser educada e instruída para o "santuário do lar", mas não para o trabalho profissional. A preocupação com o ensino primário tinha o objetivo de cessar com a "praga do analfabetismo". Assim, houve a formação da Congregação pelas irmãs cofundadoras Madre Ana Couto, Madre Eudócia Tavares, Madre Mariana de Freitas e Madre Antonia Vitorino. A criação do colégio ocorreu além dos interesses religiosos, pois havia também as questões políticas e sociais, por meio dos objetivos e as designações da Santa Sé, com a busca da modernização, do nacionalismo e das ações católicas ultramontanas. No entanto, foram as mulheres que levaram a instituição à frente com uma carta extensa de trabalho e oração:

[...] inicialmente foi criada a Cruzada Carmelitana e, com ela, o Externato Santa Teresinha, o qual era de responsabilidade da professora Ida Bilhar que, após, “cedeu o seu externato, para que o Colégio Santa Teresa de Jesus fosse edificado”. Essa professora, juntamente com outra, Eliza Marques, “ambas formadas em humanidades”, foram as primeiras diretoras externas do Colégio Santa Teresa de Jesus, criado no ano de 1923, a direção interna, como observamos em item anterior, coube à Madre Ana Couto (Noronha, 2015, p. 131).

Segundo a autora, inicialmente, o prédio do colégio era apenas uma casa situada perto da Praça da Sé e da Igreja de Nossa Senhora da Penha. No entanto, como não havia espaço suficiente para acomodar as internas e religiosas, foi necessário a mudança para outra casa, até a inauguração de um novo prédio, em 1º de fevereiro de 1925. O colégio também realizou uma grande transformação cultural, de socialização e de conhecimento por meio das ações culturais, cívicas, sociais e religiosas.

Observa-se, pois, que para além da formação de normalistas para atuarem na educação primária, essas ações podem ser vistas como um marco na história da educação do Cariri, principalmente para a cidade de Crato, centrado nos interesses da Igreja Católica. O novo espaço escolar apresentava como uma "vitrine", visto que poucos tinham acesso. Ademais, os cadernos das normalistas analisados por Noronha (2015) apresentam a preocupação das irmãs e do bispo em adquirir materiais para a instituição, como lousas, quadros, instrumentos para o laboratório, dentre outros:

Além das mudanças na arquitetura/estrutura física do prédio havia a busca pelo aperfeiçoamento pedagógico/administrativo. É o que encontramos em vários escritos que fazem menção à ida de religiosas à capital, Fortaleza, com objetivos de resolver negócios da casa e observar “algo sobre os trabalhos escolares”, ou mesmo se aperfeiçoarem em práticas educacionais ou no campo da assistência social (Noronha, 2015, p. 140).

Destarte, nos cadernos também possuem o registro da vida das professoras que foram trazidas da capital para trabalharem como professoras no colégio em seus primeiros anos de funcionamento. Depois as normalistas formadas na própria instituição foram convidadas a compor o quadro docente. Outros escritos referem-se às procissões para o louvor dos santos e os desfiles cívicos, em que a cidade também participava das ações escolares. Em relação à separação dos sexos, persistiu essa separação, principalmente entre 1920 a 1960, para a defesa da honra feminina, “[...] para ser a “exímia” educadora do lar, o que também está relacionado a práticas civilizatórias (Noronha, 2015, p. 145)”.

Por meio da análise dos registros das cartas, com pedidos de descontos das mensalidades, além das produções de revistas e jornais do Colégio Santa Teresa de Jesus é possível compreender a profissão dos pais das estudantes, em maioria agricultores, negociantes e comerciantes. Esses dados são importantes, pois indicam que não só as famílias ricas matriculavam os filhos para estudarem na instituição. Por meio dos incentivos e descontos do Governo do Estado do Ceará, tornava-se possível que as moças pobres pudessem também estudar.

Além disso, embora o colégio tenha sido criado para o ensino de mulheres, é possível destacar que os homens também tinham acesso a ele, ainda que em um número reduzido em relação às moças. Além das estudantes do município de Crato, havia estudantes de cidades vizinhas e do sertão central, como da capital do estado do Ceará, de outras cidades do estado da Paraíba, Piauí, Pernambuco e Rio Grande do Norte. Observamos, com isso, a falta de escolas normais em outras localidades, como também o respaldo socioeducacional adquirido pela instituição (Noronha, 2015).

Outrossim, em sua pesquisa, a autora também analisou um documento que tratava dos Estatutos da instituição, porém, apenas com recortes, provavelmente de jornais, sem a indicação de nomes ou datas. Nos Estatutos estão presentes informações fundamentais sobre o funcionamento da instituição “[...] o currículo a ser desenvolvido, os valores a serem desembolsados pelos pais e/ou familiares que desejassem e/ou pudessem dar às suas filhas uma “educação completa”” (Noronha, 2015, p. 150). Dessa maneira, nota-se que havia a preocupação em promover práticas educativas para a formação de uma sociedade cívica,

disciplinada, higienizada e moralizada. Seria necessário a formação de indivíduos limpos, ordeiros e trabalhadores, assim era o ideal da Escola Nova, uma "Pedagogia Nova Católica", nas instituições religiosas, a partir da formação do cidadão temente a Deus:

Um currículo moderno e de acordo com os ideais políticos da época e especificamente dos religiosos católicos. A educação que se pretendia oferecer ia além da instrução, garantindo, inclusive, certa distinção social e cultural a quem pudesse pagar pelos “ramos de ensino facultativo”, como as aulas de piano, bandolim, a aprendizagem de línguas estrangeiras, de habilidades manuais, tais como os bordados, as flores, dentre outras (Noronha, 2015, p. 151).

Dessa forma, havia algumas práticas que se remetia a domesticação do corpo e do espírito, como a adoção de práticas higiênicas; a disciplina rígida que delimitava tempo para cumprir horários predefinidos e um currículo humanista que reportaria ao projeto civilizador do século XIX, o qual ganhou notoriedade em 1920, a partir da modernização do país. Assim, nos Estatutos estavam presentes o ensino de francês; a disciplina “prendas”, que correspondia aos trabalhos manuais; o ensino da ginástica, que possibilitaria a construção de um corpo sadio, para moldar a disciplina, a leveza e a elegância das mulheres; e a prática da música como um processo civilizador por meio do seu caráter estético e moralizador.

Diante desse contexto, de acordo com Goiana e Queiroz (2013), cabe citar que o colégio destinava-se para a formação das moças, tendo um currículo organizado inicialmente com base no modelo de instrução oficial. No entanto, visando ampliar a formação do disciplinamento das futuras senhoras para o convívio em sociedade, foram ofertados os seguintes cursos: primário, seguindo a instrução pública do estado; o curso secundário e normal, semelhante à Escola Normal Justiniano de Serpa, de Fortaleza, com a duração de quatro anos; e curso normal de dois anos. Além disso, havia as “[...] cadeiras de Psicologia, Pedagogia, Sociologia Educacional, Técnica do Ensino, Higiene Geral e Puericultura. Um Currículo selecionado para ser implementado de acordo com os critérios estabelecidos pela congregação (p. 06)”.

O Colégio Santa Teresa de Jesus também realizava retiros como prática pedagógica, que possibilitava o encontro com Deus, por meio da penitência e o fortalecimento da fé. Nos cadernos das normalistas, foram descritas as experiências durante os retiros, como "a obediência à superiora, o cumprimento das regras, a oração, a penitência, a paciência, o cuidado com as tentações, o amor, a pobreza, a caridade, flagelos e tribulações, sofrimentos, guardar o silêncio, ser generoso, fazer exame de consciência, dentre outros" (Noronha, 2015, p. 156). Assim, os conselhos terminavam nas confissões dos pecados e da Santa Missa, de modo a

seguirem as orientações da Santa Sé. De acordo com Santos (2010), desde o início da Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus, o retiro espiritual era realizado anualmente e as alunas do colégio também participavam de um retiro preparado especificamente para elas ao longo dos anos:

[...] Depois da fundação da Associação das Filhas de Maria, estas serão incorporadas ao retiro das alunas. No ano de 1933, o referido retiro se deu entre os dias 1 e 3 de junho, tendo sido pregador do mesmo o Padre Manoel de Alcântara. Já no dia 4 de junho foi a vez da entrega das fitas azul e verde para as Filhas de Maria, cerimônia na qual foi oficiante o próprio Bispo (Santos, 2010, p. 390).

Outra prática educativa exercida no colégio foi a Hora Pedagógica. A partir da análise dos cadernos, a autora encontrou a referência para o projeto que, em 1935, a Hora Pedagógica funcionou juntamente com os Grêmios Castro Alves e Rodolfo Teófilo. Assim, a Hora Pedagógica era um espaço cultural para a reflexão sobre o magistério, realizada pelas e para as normalistas, recebendo “[...] o nome de ‘Dr. Everardo Backheuser’ para homenagear esse intelectual, representante da força católica no movimento renovador” (Noronha, 2015, p. 167).

Havia outras práticas e eventos educacionais na instituição como festas cívicas, retiros, participação em associações religiosas, esportivas, literárias, pregações e festas pedagógicas. Sendo ações ligadas ao universo cultural, cívico, pedagógico e cristão que as normalistas do colégio estavam inseridas, “[...] práticas que deveriam ser e/ou seriam multiplicadas com a ação dessas normalistas no ensino primário e nos demais setores sociais” (Noronha, 2015, p. 169). Durante os encontros da Hora Pedagógica, eram convidadas pessoas "ilustres", como os representantes do poder municipal, além de juízes e autoridades eclesiásticas, que eram convidados para compor as bancas e assistir o evento. Além do mais, as atividades eram realizadas pelas normalistas, que escolhiam toda a programação e o cenário era o próprio salão nobre do colégio.

Durante o evento, as normalistas entoavam canções, recitavam poesias e encenavam peças teatrais, a saber: *A civilização e a matuta* e *Números do cancionero internacional: a francesa, a italiana, a portuguesa*. Dessa maneira, a Hora Pedagógica se constituiu na cultura escolar do colégio como um espaço de formação para as professoras, pois, além de envolver a comunidade local, a prática da escrita de suas ações e ideias como instrumento educativo tornou possível a publicação desses registros na revista *Vida Pedagógica*, indo além dos muros escolares (Noronha, 2015).

Imagem 12: Turma de professorandas normalistas em 1942



Fonte: Acervo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Imagem 13: Formatura de Crisantina Dias



Crisantina, ao 22 anos

Fonte: Livro *Memórias de uma Professora* (2010)

As duas fotografias estão presentes na parte inicial do livro *Memórias de uma Professora* (2010). A primeira imagem registra a turma de professoras normalistas formadas em 1942, no total de 21 alunas. Crisantina Dias encontra-se na última fileira - de baixo para cima e sendo a terceira da esquerda para a direita. Todas as formandas estão com a mesma vestimenta, acreditamos que seja a farda utilizada em momentos de eventos, principalmente a formatura. Com saias abaixo do joelho, camisas de mangas longas, sapatos fechados, cabelos

totalmente presos com tranças ou soltos, apenas algumas delas usam acessórios como colares e laços no cabelo. A imagem das normalistas pode expressar a ideia de seriedade, formalidade, sendo o comportamento previsto durante os anos de formação para o magistério.

Nas palavras de Louro (2020), “[...] como modelos das estudantes, as mestras deveriam também se trajar de modo discreto e severo, manter maneiras recatadas e silenciar sobre sua vida pessoal” (p. 461). Era ensinado, pois, um modo correto de se comportar, de falar, escrever e argumentar, deveriam aprender os gestos e olhares modestos e decentes, as formas de caminhar e de sentar. Logo, era realizado um investimento político sobre os corpos das estudantes e mestras, construindo uma maneira de ser professora.

Na segunda fotografia, Crisantina Dias aparece com o traje adequado para a formatura. Podemos observar que se trata da beca, além do janbor - acessório branco usado abaixo do pescoço - e o capelo, conhecido como “chapéu de formatura”. Para a solenidade, ela foi escolhida como a oradora da turma. O seu discurso foi direcionado as suas colegas de classe, a diretora e aos pais. Inicialmente, com uma escrita poética, a professora relatou sobre o início da formação no colégio, quando chegaram na Princesa do Cariri com o objetivo de “instruir e educar o nosso espírito” (Dias, 2010, p. 25), como podemos observa no fragmento abaixo:

Grande foi o nosso contentamento, a nossa exaltação, por havermos encontrado, neste recinto, carinhoso e alegre, o conforto das sinceras amizades que deixamos no ambiente fraternal dos nossos lares; mães desveladas na pessoa das Filhas de Sta. Tereza, criaturas angelicais, de quem iríamos receber instruções primorosas e sábias no desempenho dos maiores, como dos menores de nossos atos; amigos dedicados e zelosos na pessoa de nossos professores que, alicerçando os nossos conhecimentos, abriam-nos triunfalmente a rósea estrada do porvir; irmãs afáveis e carinhosas, na pessoa das companheiras que sonhavam o sonho das mesmas alevantadas aspirações (Dias, 2010, p. 25).

A sua fala buscou representar o sentimento de todas as suas companheiras de formação, quando começaram a frequentar a instituição, descrevendo como o ambiente e as pessoas com quem conviveu tornou-se familiar, pois encontraram no colégio o conforto que tinham deixado em seus próprios lares. Ademais, ela também mencionou os ensinamentos das "mães desveladas na pessoa das Filhas de Sta. Tereza", que eram as irmãs cofundadoras do CSTJ, bem como exaltou os professores por serem amigos e pela preocupação com o futuro das professorandas.

Crisantina Dias (2010) também destacou o aprendizado vivenciado juntamente com as colegas de turma: “[...] nesta escola de amor ao dever, nesta oficina de formação, sentimos o

despertar das energias da vontade, o alargamento das potências do coração e aqui aprendemos a lutar contra as más tendências e disciplinar as paixões (p. 26)". Além disso, refletiu sobre a brevidade dos anos em que viveram no CSTJ, sendo um lugar sagrado em que a abnegação "[...] é condição de vida, o amor a virtude uma realidade palpável, o zelo pelas almas uma energia vital" (p. 26) e finalizou constatando como o tempo em que viveu na instituição foi marcado por felicidade, alegria e despreocupação.

O dia 28 de novembro de 1942 marcou a trajetória dessa turma de normalista, sendo um momento de comemoração pela conclusão do curso de Ginásio e Magistério, em que passaram sete anos de formação. Em seu discurso, Crisantina Dias ressaltou também o compromisso firmado pelas normalistas com a causa nobre de trabalho com a educação do país "[...] desde agora somos chamadas a trabalhar pela grandeza e progresso do Brasil, para preparar personalidades para o governo e direção da Pátria, formar almas para vestir a terra de luz e povoar o céu de majestade, é essa a nossa elevada missão" (Dias, 2010, p. 26).

Para a diretora do colégio, a formanda expressou gratidão sendo a "mestra no conceito integral do termo". Além disso, escreveu que "a vós e a todas as outras queridas Irmãs o nosso afetuoso e terno abraço de despedida e a expressão de gratidão filial, sincera e amiga da turma de concludentes do curso normal de 1942" (Dias, 2010, p. 27). Ao Dr. Álvaro Madeira, que aceitou paraninfar a turma, ela manifestou admiração por seu trabalho no colégio com bondade e dedicação, "[...] mestre incansável, profícua e elevada é vossa ação neste Estabelecimento de Ensino, altamente nobre é o grau de vossas atitudes" (Dias, 2010, p. 27).

Em relação aos professores, Crisantina Dias relatou a dedicação dos docentes durante a formação da turma, com o coração generoso e inteligência, "uma perseverança digna dos maiores encômios" (p. 28) e "tornando menos árduo o nosso trabalho" (p. 28). Para ela, mesmo com a distância, não seria possível esquecer os gestos de bondade dos professores, pois em qualquer lugar que forem "[...] teremos sempre uma parcela do vosso eu, das vossas ideias, dos vossos ensinamentos. A todos vós, portanto, o nosso sincero muito obrigado, a nossa imorredoura gratidão a nossa eterna saudade" (Dias, 2010, p. 28). Além disso, a professora escreveu aos pais, em que ressaltou a gratidão pelos esforços e trabalhos de ambos, para a manutenção das alunas na instituição:

A estes, as palavras são insuficientes para traduzir o quanto fizeram por nós e o quanto vos somos devedores. O vosso sacrifício, a vossa abnegação e a vossa perseverança em nos manter por longos anos no estudo, só o tempo nos fará agradecer, através do nosso proceder, testemunhando-nos perenemente a nossa gratidão e o nosso reconhecimento (Dias, 2010, p. 28).

Na finalização do discurso, ela escreveu para as suas colegas, primeiramente pedindo desculpas se não correspondeu com as expectativas diante do discurso como oradora e explicando que, ao longo da fala, buscou manifestar os sentimentos de alegria e gratidão, comum a todas. Mesmo com o modesto e humilde diploma de professoras, a partir daquele momento, a turma começaria a jornada da educação, entendida por ela como uma das mais nobres missões do ser humano, a partir da doação aos estudantes daquilo que possuem de melhor. Por fim, ela destacou como ocorreu a convivência com as colegas, caracterizou como “benfazejo e proficuo”, uma vez que “[...] aprendemos umas com as outras dentro das nossas naturais qualidades e pendores. Só boas lembranças teremos a recordar para reforço dos embates que, sem dúvida, iremos defrontar nos novos encargos que nos esperam ao longo do porvir” (Dias, 2010, p. 29).

Sendo assim, os rituais de formatura eram espaços que a escola utilizava para promover condutas e valores, segundo o seu projeto político. No Colégio Santa Teresa de Jesus era feita a distribuição de convites impressos e a programação contava com cerimônias religiosas festivas; o discurso da oradora escolhida pela turma; a fala dos convidados, dos diretores e do paraninfo da turma; além de haver apresentações de números artísticos (Noronha, 2015). Segundo a professora Crisantina,

Na festa de entrega de diplomas às “neo-professoras”, no CSTJ compareciam a imprensa e os representantes do comércio do Crato, as autoridades episcopais e membros do Ginásio e do Seminário São José, do Grupo Escolar, políticos e a comunidade diretamente ligada ou não à Instituição se faziam presentes também (Dias, 2010, p. 174-175).

Dessa maneira, o ritual da formatura consistia em apresentar e divulgar para a sociedade o triunfo e o trabalho realizado na instituição. Segundo Noronha (2015), antes da cerimônia de formatura, as alunas tinham de passar por algumas avaliações de maneira interna e externa. Essas avaliações eram organizadas por comissões vindas de Fortaleza que seriam responsáveis pelas avaliações no formato escrito e oral, de modo a avaliar os conteúdos aprendidos e a postura ao longo da fala das formandas.

Após a realização dos exames, seguiam para a organização da cerimônia. Para tanto, era escolhido o lugar que cada normalista ocuparia na solenidade, bem como o convite para o paraninfo da turma - geralmente um político, pedagogo ou algum membro da Igreja, cabendo

salientar que era raro serem escolhidas freiras e pedagogos antes de 1940. Assim, o ritual da formatura consistia em construir a programação, formar a banca, organizar a entrada das normalistas de forma triunfal, juntamente com os padrinhos, além do planejamento das apresentações artísticas com piano, cantos orfeônicos, recitação de poesias, execução do hino nacional, do colégio, discursos, juramento das normalistas para a fidelidade a Deus e à pátria, leitura das notas e entrega dos diplomas (Noronha, 2015).

Podemos observar, pois, que a grande maioria dos discursos das formandas faz menção ao processo de formação das normalistas em uma sociedade cristã, moral e patriótica, com temáticas referentes ao papel social da mulher sob a visão do homem, da Igreja e do ensino. O que ratifica a informação de Noronha (2015, 182), ao comentar “[...] que deveria enaltecer uma pedagogia nova, que tivesse por princípio o catolicismo, e conclamavam as formandas a recriar em suas práticas educativas a cultura escolar em que foram imersas”.

Portanto, os rituais de formatura foram responsáveis pela integração social, ao mesmo tempo que também reforçavam estruturas de poder e de valores patrióticos, por meio do culto aos símbolos nacionais, além da ordem social e dos bons costumes. Além de incentivar a recristianização social, nos eventos de formatura, realizavam-se homenagens ao sucesso do colégio, não sendo possível compreender qualquer ocorrência que pudesse manchar essa reputação, a não ser que fosse de forma socioeconômica, o que possivelmente fez com que algumas normalistas recebessem o diploma após a formatura.

Nesse sentido, cabe contextualizar, que ao longo dos anos de 1920, havia na sociedade a preocupação com uma formação escolar para construir a civilização, a moral e os bons costumes. Por volta dos anos de 1960 e 1970, a escola passou a ter a função social em preparar a mão de obra para o mercado de trabalho, por meio da priorização do ensino técnico ao invés do ensino humanista (Noronha, 2015). De acordo com a autora, no Cariri, ocorreu a ideia de que as moças pobres tinham que ter o curso normal, visto que era a profissão mais acessível para a mulher, pois não eram apenas “convidadas” a construir um Brasil forte, cuidando da família, tal como se cuida da pátria, já que esses conceitos, em muitos momentos, se misturavam aos ensinamentos a que estavam expostas (Noronha, 2015, p. 179).

Em relação à escolarização das mulheres, oportunizada pelo Colégio Santa Teresa de Jesus, Santos (2010) observou que muitas das alunas ingressaram na instituição com idades avançadas e também para o padrão de casamento da época, visto que uma mulher com mais de vinte anos já era considerada velha para o matrimônio. Assim, a formação significava uma chance de profissionalização para essas mulheres, que poderiam se tornarem professoras, secretárias ou até mesmo datilógrafas.

Por outro lado, também havia casos de mulheres matriculadas ainda jovens no colégio, principalmente como internas. Assim, após a escolarização, passariam a ser mulheres com uma formação maior que as suas mães e avós, haja vista que anteriormente a educação escolar foi negada de forma geral para as meninas que tinham apenas o casamento como opção. Além disso, houve o surgimento de concepções científicas que influenciaram a idealização da mulher bem formada para o casamento, por meio da introdução de disciplinas nos currículos escolares, com o intuito de propiciar conhecimento sobre as práticas maternas e o trabalho feminino no lar.

Diante disso, por meio da própria escrita de Crisantina Dias, as suas concepções sobre a educação e da trajetória no âmbito educacional do município, é possível compreender as influências da sua formação docente, de um ensino voltado para diferentes práticas pedagógicas e que estimulavam a participação social dos estudantes nos eventos da comunidade.

2.2 “UMA MESTRA FIEL POR VOCAÇÃO”: A TRAJETÓRIA DE CRISANTINA DIAS NA EDUCAÇÃO BARRENSE

A professora Crisantina Dias escreveu ao longo dos livros sobre algumas das instituições em que trabalhou durante a sua trajetória. Por meio dessas narrativas, é possível compreender como ocorreu o processo de evolução educacional da cidade, bem como a contribuição da professora e do seu papel para o desenvolvimento da educação, por meios dos cargos ocupados na época e as memórias com os alunos.

Com a construção do grupo escolar Walter Sá Cavalcante, Crisantina Dias foi a primeira diretora da instituição. No livro *Memórias de uma professora* (2010), ela comenta acerca da trajetória de Walter Sá Cavalcante⁹, deputado federal que conseguiu verbas para a construção da escola, que recebeu o seu nome:

Volto a repetir, as escolas até então isoladas passaram a ser agrupadas. Inicialmente, mesmo sem indicação de diretora, assumi a liderança do mesmo e trabalhei com as colegas Maria Macedo, Elizete Almeida, Terezinha Sousa e Ormy Monteiro, que embora não tendo diploma, tinham muita prática de ensino e eram abnegadas, por isso não podemos deixar de reconhecer a sua valiosa contribuição na educação primária. Depois surgiram as diplomadas; Maria Regina que foi oficialmente sua primeira diretora, por sinal muito

⁹ Segundo Dias (2010), Walter Sá Cavalcante nasceu na cidade de Aurora, Ceará. Formado em direito, foi escritor e jornalista. Juntamente com outros líderes políticos do município, criou o projeto para a criação do município do Barro, o qual foi assinado em 22 de novembro de 1951, cuja data ficou marcada como o dia do município.

competente e dedicada e ainda, Geraldinha Barbosa e Zulene Monteiro (Dias, 2010, p. 220).

A professora menciona que, ao longo da sua atuação na escola, algumas docentes saíram da instituição e outras começaram, mas ela permaneceu lá por quase dez anos. A escola foi responsável por formar muitos alunos no curso primário e os prepararem para a realização do exame de admissão no ginásio. Nos anos 1960, por julgarem o prédio deteriorado, este foi demolido visando a criação de outras escolas, como: Justino Alves Feitosa e César Cals, com o ensino de “1º e 2º graus”. Acreditava-se ser desnecessário reformar e conservar o antigo prédio em virtude da considerável quantia que seria investida. A professora colocou-se contra a demolição, uma vez que o prédio era um marco na educação da cidade, pelo que deveria ter sido restaurado e compreendido como um patrimônio.

Em 1968, foi formado o primeiro ginásio da cidade, Ginásio Santo Antônio, criado pelo pároco Frei Hermano Studart (franciscano). De acordo com Dias (2013), anterior a construção do ginásio, havia apenas o primário da 1ª série à 4ª série, de modo que os alunos realizavam os exames de admissão em outras cidades. Inicialmente, as aulas ocorreram na residência da família Feitosa, pois não havia um prédio para a localização da escola. Além disso, os poucos professores da cidade eram formados apenas com o nível médio, sendo necessário convidar pessoas com a mesma formação, mas que atuavam em outras funções, para preencher as vagas de docentes no ginásio:

Eu, apesar do pouco tempo que dispunha por ocupar a direção do grupo Escolar, não hesitei em assumir mais a tarefa de também ensinar, cooperando a medida do possível. Estava assim iniciado o ginásio tão necessário e esperado por alguns anos. Funcionava em regime particular, em face disso os professores recebiam uma insignificante mensalidade, era mais um trabalho voluntário e benevolente. O pároco inteligente e empreendedor fundou uma Associação Educacional Beneficente, através da qual arranhou verbas estadual e federal que muito ajudaram a manter a citada escola (Dias, 2013, p. 17).

Com o cargo de diretora da escola, Crisantina Dias vivenciou o impacto da instituição na sociedade barrense, principalmente pela mobilização da comunidade que ajudou na construção da nova sede para o ginásio, localizado próximo da paróquia. Tais eventos, possibilitaram a mudança no ensino primário, o qual passou de quatro anos para oito e recebeu o nome de Escola de 1º Grau Completo, atualmente Fundamental Completo por volta da década

de 70. A partir disso, surgiu a necessidade de novos professores, que foram solicitados pelo frade ao Estado.

A partir da nomeação do Pe. José Venilson em 1971, como novo pároco, os professores começaram a realizar cursos em educação a fim de regularizar a escola. Assim, o padre conseguiu uma velha caminhonete para transportar os professores¹⁰ para a cidade de Crato, onde estavam matriculados no curso superior na Faculdade de Filosofia do Crato, a única da região. Sendo uma faculdade particular, os professores enfrentaram desafios para a manutenção, bem como pela distância e carência de transportes adequados para a viagem, o que ocasionava problemas durante o trajeto. Apesar das dificuldades, a professora destacou que a turma de professores concluiu o Curso Superior em 1975:

Pelos indícios, o ginásio Santo Antônio não ia muito além dado a precariedade de recursos, todavia muitos alunos que nele estudavam puderam prosseguir na carreira estudantil. Dentre eles posso citar: José Marquinélio (médico) Geraldo Magela (veterinário) Pedro Ernesto (bacharel em Direito) Anália Tavares (pedagoga) e muitos outros, além dos que fizeram curso Normal, (magistério) Contabilidade Comercial e Escola Agrotécnica (nível médio) (Dias, 2013, p. 19).

Assim como os professores que concluíram o curso serviram de exemplo, os alunos do ginásio passaram a ter a mesma disposição dos docentes, como é o caso de alguns citados pela professora, que se tornaram médico, veterinário, bacharel em direito, formados em magistério e/ou seguiram com outras profissões. Para ela, “[...] cada qual no seu possível seguimento, mas o certo é que aprenderam ler e escrever para enfrentar as lutas da vida com mais facilidade” (Dias, 2013, p.19). Por fim, destacou a gratidão e o reconhecimento que a sociedade barrense deve ter ao frei Hermano e ao Pe. Venilson pelos trabalhos realizados na cidade.

No pronunciamento feito na ocasião da inauguração do grupo escolar Justino Alves Feitosa - onde trabalhou como diretora - a professora destacou a importância do novo núcleo de ensino primário para a educação das crianças na cidade, além do currículo oferecer aos alunos o alicerce para a construção de caráter, cultura e experiências dos grupos que formam a nação:

A escola primária, ponto inicial da exploração da inteligência humana, representa expressivo papel porque, em sendo a distensão da casa paterna, a

¹⁰ Conforme a professora, os professores que realizaram o curso foram: José Dias Cabral (seu esposo), Salete Pereira, Lúcia Cabral e Dalva Fernandes.

criança nela recebe os elementos indispensáveis de que se servirá, na busca de um definitivo lugar na sociedade do amanhã. A ela sucederá a escola média, profissional ou ensino superior, cuja base está neste primeiro ciclo estudantil (Dias, 2010, p. 37).

Para ela, a escola primária era o local em que a criança poderia explorar e receber os conhecimentos essenciais para a vida adulta, sendo o caminho inicial que levaria o aluno a chegar a outras fases até o ensino superior. Além disso, ela contou que recebeu o cargo de diretora do colégio com satisfação e coragem, diante das responsabilidades da missão, “[...] com a disposição com que sempre me encontro para enfrentar a luta com muita abnegação, visando ao objetivo são e sagrado de educar” (Dias, 2010, p. 37).

Outro assunto destacado em seu pronunciamento foi o investimento e o interesse do governo em preparar o espírito da infância e da juventude em uma escola eficiente. Em sua visão, a construção de novas escolas representava o esforço nacional, estadual e municipal na promoção do acesso à educação, de modo a minimizar os efeitos do analfabetismo e construir o bem na defesa do homem na sociedade:

Estamos assim, minimizando o analfabetismo, podendo nos encher de esperança a galgar um novo destino, ao termos consciência do nosso valor racional que nos impõe o cumprimento deste dever. Só espero que as escolas se multipliquem e que o índice de analfabetismo diminua e se reduza a zero para garantia do engrandecimento da Pátria (Dias, 2010, p. 38).

Logo, é possível compreender a sua preocupação com a diminuição dos índices de analfabetismo na sociedade, principalmente pela elevação da pátria. Na finalização do pronunciamento, agradeceu a algumas autoridades, como o secretário da educação do Estado, o prefeito, o vice, os pais e alunos da escola e os demais representantes do município.

Segundo a professora, em 1975, foi inaugurada a escola César Cals¹¹, a terceira no município, fruto do trabalho do deputado federal Januário Feitosa, representante político da cidade, que conseguiu alguns benefícios para a região, principalmente a citada instituição de ensino. Assim, a criação da escola estadual foi importante para os alunos da 5ª a 8ª séries, que

¹¹ Participaram da inauguração o governador Aduino Bezerra, sucessor de César Cals, além de “[...] sua irmã Alacoque, coordenadora da Delegacia do Ensino da região sediada em Juazeiro do Norte, de seu irmão Humberto Bezerra, deputado federal, do prefeito municipal João Tavares Neto, muitas outras autoridades e o povo em geral (Dias, 2013, p. 20).

anteriormente estudavam no Santo Antônio, bem como para os estudantes que aguardavam concluir o Ginásio:

Os professores em maior quantidade sentiam-se estimulados e mais seguros por que nomeados pelo Estado, inclusive eu e algumas outras já aposentadas, fomos também renomeadas para atuar na nova escola. Os trabalhos da construção prorrogaram-se até abril, sendo inaugurada em maio por esse motivo tivemos de fazer um tempo corrido até janeiro de 1976 para encerramento do ano letivo (Dias, 2013, p. 20).

Diante do aumento de alunos e das disciplinas, houve a necessidade de contratar novos professores. Nesse momento, Crisantina Dias foi nomeada para trabalhar na escola César Cals, o seu esposo José Dias Cabral foi nomeado como diretor da instituição e a professora Zuleica Tavares como vice-diretora. José Cabral permaneceu no cargo durante 26 anos, contribuiu e enfrentou as dificuldades da sua missão, já Crisantina Dias passou 15 anos no trabalho docente, 8 em sala de aula e 7 como vice-diretora da escola: “[...] agora peço licença, é 1990 cheguei aos 70 anos, desta vez a compulsória veio sem nenhuma dúvida. Se não fiz tudo, fiz o quanto pude. "Quem faz o que pode, faz o que deve" ” (Dias, 2013, p. 21).

O trabalho de Crisantina Dias exercido na educação barrense teve como uma das formas de reconhecimento a nomeação da biblioteca municipal com o seu nome¹². Inicialmente, o espaço funcionava próxima da Matriz de Santo Antônio, que era bastante frequentada pela população, principalmente como um local de estudos para os jovens. Porém, com a construção da praça, houve a necessidade de demolir o prédio, que foi construído com maior espaço no centro da cidade.

A reinauguração da biblioteca Crisantina Monteiro Dias em um novo endereço ocorreu dia 11 de agosto de 1999¹³, no livro *Memórias de uma professora* (2010), podemos encontrar o discurso de agradecimento realizado pela professora, “[...] achei que a honraria era demais para mim, até questioneei apontando outros nomes, mas não o convenci. Comovida agradei a distinção pela qual me senti lisonjeada, mas vendo nessa sua preferência, sentimentos de muita generosidade” (p. 43).

¹² Segundo Dias (2010), a biblioteca foi criada nos anos 1970, durante a gestão de João Tavares Neto. No site do IBGE, foi possível encontrar uma fotografia da biblioteca no ano de 1984. Fonte: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barro/historico> .

¹³ Porém, segundo a cronologia da professora produzida pelo professor Francisco Bezerra Silva, a reinauguração da biblioteca ocorreu em outra data, em 1997.

A biblioteca pública na cidade representou, para a professora, uma contribuição valiosa e necessária para o município, uma vez que facilitava para que a nova geração estudantil pudesse adquirir novos conhecimentos: “[...] podemos compará-la a um templo de instrução, onde se acentua na mente dos que a buscam, um substancial efeito de novos aprendizados e novas conquistas” (Dias, 2010, p. 44). Para finalizar o discurso, a professora agradeceu as pessoas envolvidas no projeto da construção e organização do evento, como o professor Bezerra Silva, a professora Carmem Lúcia, João Tavares ex-prefeito e a sua irmã Anália, além do prefeito Adailson, os professores e alunos presentes.

Por conseguinte, ela também participou do pronunciamento realizado na festividade em homenagem aos Precursores da Educação no Colégio Mauro Sampaio, que ocorreu na cidade em 15 de outubro de 2007. O seu discurso foi dedicado ao corpo docente que, apesar dos impasses e das carências de infraestruturas e materiais nas primeiras escolas do município, conseguiram desenvolver com o apoio da comunidade um processo de aprendizagem efetivo:

Contudo, não nos faltava disposição e coragem para vencermos as dificuldades, sobretudo ao verificar que havia alunos inteligentes e interessados ao estudo.

Tudo recorro vivamente, mas entre as gratas evocações, a de termos sido, podemos dizer, pioneiros da educação é muito gratificante e até mesmo um privilégio que muito nos edifica e comove (Dias, 2010, p. 48).

Assim, por meio da coletividade e do desempenho dos alunos, a professora e os outros docentes encontraram motivação e tornaram-se os pioneiros da educação do município, haja vista que anteriormente havia a falta de professores e de escolas públicas para receber as crianças da cidade. Para ela, a base do conhecimento iniciava-se na escola, pois as memórias da infância tornar-se-iam inapagadas, é por isso que “[...] devemos inculcar na alma infantil noções que aprimorem o seu espírito para o bem” (Dias, 2010, p. 47). Nesse sentido, há ainda em sua fala um paralelo com a escola atual, que acompanhou a modernidade com as ferramentas tecnológicas. Porém, essa evolução poderia contribuir para o mal, de acordo com a maneira que o homem decidiu utilizar a tecnologia na sociedade.

Crisantina Dias (2010) discutiu ainda, no pronunciamento em homenagem aos percursos da educação, sobre a missão dos professores: “[...] EDUCAR os alunos que nos foram ou nos são entregues” (p. 48). Para ela, a profissão continuava árdua, mesmo com as flores e frutos da docência, existia os espinhos ao longo da caminhada. Assim, a maioria dos

professores que participaram da festividade de homenagem aos percussores da educação foram alunos das primeiras escolas do município. Crisantina Dias demonstrou satisfação no trabalho da nova geração de professores e esperava que, posteriormente, esses profissionais recebessem as devidas homenagens e a gratidão dos alunos:

Sabemos que a nossa classe não é vista com o valor que lhe é devido, contudo façamos valer o nosso entusiasmo na construção do futuro, de forma a ser mantido o respeito que com o nosso trabalho, impomos ao mundo o preceito de reconhecer a valiosa missão de mestres, mostrando que por trás de toda ascensão humana está a indispensável ação do professor.

Só nós podemos ser chamados de Mestres, espelhados que somos na vida do Divino Mestre com o apanágio de sermos os seus sucessores, fazendo do nosso desempenho mais do que uma profissão, um verdadeiro apostolado (Dias, 2010, p. 49).

A professora refere-se a importância do trabalho da classe docente e compara a “valiosa missão de mestres”, como algo divino. Sendo um apostolado, ou seja, os professores são mestres que devem compartilhar aos alunos os ensinamentos e também valores, assim como os apóstolos do “Divino Mestre”. Outrossim, no discurso como oradora em 1942, Crisantina Dias chamou atenção para a importância da formação das crianças visando o seu futuro:

A família tem na criança o motivo de suas delícias e a recompensa de seus sacrifícios.

O ensino atual irradia para a criança o preparo integral para o dia que vem. Crianças de hoje, homens de amanhã. Primar pois, pela formação da criança para que no futuro possa desempenhar com eficiência os cargos a que seja chamado através da jornada da vida, é o nosso dever. Avaliemos, portanto, quão nobre é a missão do educador, mas que soma de responsabilidade ela encerra.

Sabemos que a criança tem espírito plástico e é capaz de incentivar-se por qualquer gesto do professor, assim sendo, o mestre bom e carinhoso ganhará muito cedo grande parte do coração infantil. Antes de tudo, a criança precisa ser compreendida pelo mestre.

Portanto, ser mestre é ter nos lábios a prece que dignifica, no pensamento a ideia que fecunda, produzindo frutos de valor e bondade. Ser mestre é possuir a abnegação dos fortes e num esquecimento de si mesmo, mergulhar-se em gestos de generosidade em favor do educando (Dias, 2010, p. 26-27).

Dessa maneira, por meio da passagem, é possível compreender o entendimento da professora sobre o ensino, visto que o docente deveria ser responsável em educar e preparar os

estudantes para ocuparem os cargos de trabalhos desejados. Essa seria a missão e a responsabilidade do educador, em tornar-se um modelo de bondade e carinho para conquistar primeiramente o afeto das crianças. Assim, para a professora ser mestre, exige-se abnegação e o esquecimento de si mesmo, em favor do educando, por meio dos gestos e palavras para realizar o ensino com base na generosidade:

Sempre me senti vocacionada a profissão de professora, por isso procurei exercê-la com muito devotamento, tanto como professora, como quanto diretora e vice-diretora.

Jamais esqueço que ao chegar na sala de aula encontrava os alunos com os olhinhos brilhando, muito ansiosos por aprendizagem, logo o meu papel era, além de lecionar, incentivá-los a prosseguir e perseverar até realizar seu sonho, fosse alcançando uma formatura ou outra possível carreira a que se sentisse inclinado, e que viesse suprir suas necessidades vitais o que advém sempre dos conhecimentos básicos adquiridos nos bancos escolares.

Hoje, tenho o direito de completar essa semente que fiz, frutos poderão atravessar gerações.

Sempre vi, com certo constrangimento, a desvalorização do professor e acho que a remuneração não compensa o árduo trabalho, mas vi também que não é só o dinheiro, mesmo imprescindível, que faz os professores realizados, e que a educação precisa avançar para formar cidadãos que possam contar com uma nova geração mais feliz em que o crescimento chegue para todos (Dias, 2010, p. 18-19).

As citações destacadas estão presentes na introdução do livro *Memórias de uma Professora* (2010). Durante a escrita, Crisantina Dias apresentou-se ao leitor, bem como destacou os motivos para escrever o livro e a maneira como as suas experiências em sala de aula contribuíram para a sua reflexão sobre o magistério. Nesse sentido, ela relata que escolheu a profissão docente, sobretudo, pela vocação, ou seja, habilidade natural ou aptidão de uma pessoa em realizar uma missão/profissão, realizando com dedicação o seu trabalho de ensinar e incentivar os alunos a seguirem nos estudos até a formatura ou em outros projetos.

Em relação ao salário dos professores, Crisantina Dias compreendia com constrangimento a forma como os professores eram desvalorizados, com a baixa remuneração que tornava cada vez mais difícil o trabalho. Porém, para ela, além do salário, havia outras formas de realização docente e a principal seria o avanço da educação para formar uma nova geração feliz e que todos tivessem acesso ao conhecimento. A professora também destacou que faltavam avanços na área da educação, pois “[...] há muita corrupção principalmente nas instâncias políticas superiores, contudo não devemos perder as esperanças, mas continuar

lutando para obter essa conquista. Tudo nesse mundo é transitório, o tempo leva, o tempo traz (Dias, 2010, p. 19).

A profissão docente que, no início, foi ideologicamente vista como um dever sagrado e um sacerdócio, pela influência dessas mesmas teorias na segunda metade do século XX, tornou-se alvo de acusações e de denúncias de proletarização do magistério, ao colocar os professores como vítimas do sistema ou como os únicos responsáveis pelos problemas educacionais, desde a formação (Almeida, 1998). De acordo com Almeida:

[...] Ao incorporar que o magistério era um trabalho essencialmente feminino, essas mesmas teorias acabaram por promover distorções analíticas quando alocaram no sexo do sujeito a desvalorização da profissão, o que foi, convenhamos, uma contribuição que acabou por se revelar também como um fator de discriminação e "vitimização" da mulher (Almeida, 1998, p. 20).

É importante afirmar que, de acordo com Louro (2020), inicialmente o trabalho da mulher no magistério foi alvo de críticas, discussões, disputas e polêmicas. Para alguns, seria insensato entregar às mulheres a responsabilidade da educação das crianças, pois eram biologicamente incapazes, despreparadas e com os cérebros “poucos desenvolvidos” pelo seu “desuso”. Porém, houve outros discursos com ideias opostas, os quais afirmavam que as mulheres tinham “por natureza”, a inclinação para lidar com as crianças, sendo o seu próprio destino a maternidade, o magistério representaria a “extensão da maternidade”, uma vez que cada aluno e aluna era visto como filha ou filho “espiritual”. Assim, por serem as primeiras e “naturais educadoras”, nada mais adequado que confiar às mulheres a formação escolar das crianças:

O argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la. Para tanto seria importante que o magistério fosse também representado como uma atividade de amor, de entrega e doação. A ele acorriam aquelas que tivessem "vocação" (Louro, 2020, p. 450).

Esse discurso influenciou a saída dos homens das salas de aula e justificou a entrada gradual das mulheres nas escolas, ansiosas para frequentar outros espaços, haja vista a restrição entre o lar e a igreja. Nesse sentido, algumas características “tipicamente femininas” passaram a ser associadas ao magistério como: a paciência, minuciosidade, afetividade e a doação. Tais

características se articularam com a tradição religiosa e reforçaram a ideia de que a docência deveria ser realizada mais como um “sacerdócio” do que como uma profissão.

Dessa forma, é possível compreender essas nuances nas memórias escritas por Crisantina Dias, tendo em vista a maneira como ela compreendia a profissão docente. Nas passagens destacadas anteriormente, podemos perceber que a escolha pelo magistério surgiu em virtude de um ideal de vocação, do desejo de lecionar com devotamento e motivada pelo interesse dos alunos, sendo uma abnegação e esquecimento de si mesmo em favor do discente.

Nessa perspectiva, com base no entendimento da professora sobre o magistério e a relação professor e aluno, Louro (2020) discutiu que, na medida em que o magistério passou a ser visto como uma extensão da maternidade e doação, isso contribuiu para a construção da imagem das professoras como dóceis e dedicadas. O que dificultou posteriormente as discussões futuras em relação às questões sobre salário, carreira, condições de trabalho etc.:

Essa vocação estaria justificada por uma lógica que se apoiava na compreensão social do magistério como função adequada para mulheres e na aproximação dessa função à maternidade. Assim, aquelas para quem a maternidade física parecia vedada estariam, de certa forma, cumprindo sua função feminina ao se tornarem, como professoras, mães espirituais de seus alunos e alunas (Louro, 2020, p. 465).

Com isso, notamos que jovens normalistas, atraídas pelo magistério em grande maioria por necessidade ou por ambicionam ir além dos tradicionais espaços sociais, estariam também cercadas por restrições e cuidados para que a profissionalização não interferisse na sua feminilidade. O trabalho fora de casa seria aceitável apenas para as moças solteiras ou para as mulheres que ficaram sós como as “solteironas” e viúvas. Esses fatores contribuíram para a manutenção dos salários baixos, pois “[...] afinal o sustento da família cabia ao homem; o trabalho externo para ele era visto não apenas como sinal de sua capacidade provedora, mas também como um sinal de sua masculinidade” (Louro, 2020, p. 453). Acrescenta Louro:

Dizia-se, ainda, que o magistério era próprio para mulheres porque era um trabalho de “um só turno”, o que permitia que elas atendessem suas “obrigações domésticas” no outro período. Tal característica se constituiria em mais um argumento para justificar o salário reduzido - supostamente, um “salário complementar”. Com certeza não se considerava as situações em que o salário das mulheres era fonte de renda indispensável para a manutenção das despesas domésticas (Louro, 2020, p. 453).

A mulher solteira, quando se tornava professora, a partir do nível de instrução superior às outras mulheres, teria o seu próprio sustento. Em consequência disso, usufruía de determinadas prerrogativas masculinas. Essa representação da professora como solteirona serviu de argumento para justificar a total entrega das mulheres para a docência, por meio da doação e também pela falta da desprofissionalização do trabalho. A boa professora estaria preocupada com a formação dos alunos, entendia a escola como o seu lar e, como sabemos, “[...] as tarefas do lar são feitas gratuitamente, apenas por amor. De certa forma essa mulher deixa de viver a sua própria vida e vive através de seus alunos e alunas; ela esquece de si” (Louro, 2020, p. 466).

De acordo com Pinsky (2013), no início do século XX, para as mulheres com escolaridade, havia algumas opções de trabalho aceitas pela extensão da maternidade, desde que remetessem ao cuidado, assistência e serviço, a saber as profissões de professora, enfermeira, telefonista, secretária e balconista. Observamos, então, que a formação das mulheres na docência foi marcada por determinadas imposições e categorias de censura, autocensura, contenção de gestos e expressões, de modo a condicionar uma profissionalização que não interferisse na feminilidade, ao mesmo tempo que elas precisavam desempenhar um modelo de moral para os alunos, considerada como a mãe espiritual.

As professoras foram vistas em diferentes momentos como solteironas ou “tias”, como gentis normalistas ou como habilidosas e modelos de virtudes, já os professores foram representados como bondosos educadores espirituais, como severos e sábios mestres, pois “[...] diversos grupos e vozes desenharam esses sujeitos. Do outro lado, eles e elas acataram, adaptaram ou subverteram esses desenhos. Relações de poder estavam em jogo aqui — como em todas as instâncias sociais (Louro, 1997, p. 100)”.

Vale ressaltar que, no livro *Memórias de uma professora* (2010), Crisantina Dias escreveu o poema *Madre Feitosa*, para uma colega de curso do Colégio Santa Teresa de Jesus. A professora relatou a sua relação com a amiga e com as irmãs da congregação. Além disso, destacou que a colega de classe entrou para a congregação e tornou-se Madre, realizou o ensino superior e construiu o seu próprio colégio na cidade de Crato, onde sua filha Cosma Liane trabalhou como professora:

[...] Debaixo do mesmo teto
Com irmãs religiosas
De almas tão generosas
Que com desvelo e afeto
Ensinavam-nos viver
Respeitar e obedecer

Dando-nos formação
 Na classe, os professores
 Sublimes educadores
 Completavam a educação
 (Dias, 2010, p. 194)

[...] Assumi o magistério
 Em minha terrinha pobre
 Com o dever muito nobre
 Do sublime ministério
 As crianças em suas levas
 Ensinar, tirar das trevas,
 Como a profissão prevê
 A inteligência aclarar
 A missão se dedicar
 Nas luzes do ABC
 (Dias, 2010, p. 196)

Nos trechos acima, a professora descreveu as suas memórias de quando estudou no Crato e conviveu com as irmãs religiosas, as quais ensinavam valores como a obediência e as instruções dos professores para o magistério. Por fim, mencionou o trabalho docente como um dever nobre e uma missão, sendo a luz do saber responsável por tirar as crianças das trevas do analfabetismo.

Ao longo da obra estão presentes cordéis escritos para alguns dos ex-alunos: “*Meu aluno professor*”, “*Meu aluno heroico*”, “*Meu aluno superdotado*”, “*Meu aluno triunfante*” e “*Meu aluno trabalhoso*”. A professora escreveu sobre a trajetória de cada aluno, desde a dedicação em frequentar a escola, as dificuldades da época, até o crescimento com determinados trabalhos/faculdades, casamento e filhos:

Meu aluno professor

Fui apenas a raiz
 De uma nova geração,
 Por destino ou vocação
 Hoje em rumos diferentes
 Fugindo do retrocesso
 Buscando sempre o sucesso
 Que nos torna resistentes,
 Muitos outros se engajaram
 Ajudando nesta feita
 Em que foi farta a colheita,
 Meus sonhos complementaram
 (Dias, 2010, p. 126)

Os versos acima narram o desejo do aluno em estudar. Em outras parte do cordel escrito no livro apresentam as dificuldades do discente indo do sítio para a cidade, além de conciliar o trabalho entre a escola e a rádio. Em seguida, a professora destacou o seu papel em contribuir com a formação da nova geração de alunos que, diante de cada destino ou vocação, conseguiram vencer o retrocesso e terem uma vida de sucesso, sendo o complemento dos seus sonhos:

Meu aluno heróico

Andei pra lá e pra cá
 Encontrei sua mãe na feira,
 Tratei de ser lisonjeira
 Cadê nosso bom aluno,
 Que essa semana não veio?
 - É que não houve outro meio,
 Teve de ajudar o pai
 Que está aperreado,
 O mato cresce adoidado
 E o legume não sai

Dona Efigênia, isso é crime
 É preciso complacência
 E usar condescendência
 Pois ele quer estudar,
 Limpar mato, arrancar toco
 Tudo isso é muito pouco
 Face seu objetivo,
 As luzes da instrução
 São o mais intenso clarão
 Em qualquer dispositivo

[...] Por certo minhas palavras
 Calaram em seu coração,
 Escutou com atenção
 O que eu estava dizer,
 Daquele dia em diante
 Pedrinho foi mais constante;
 Sacrifício não media,
 Enfrentando sol e chuva
 Abacaxi era uva
 Pelo prazer que sentia
 (Dias, 2010, p. 130)

O segundo cordel destacado discorre acerca das dificuldades socioeconômicas para o aluno permanecer na escola, haja vista a necessidade de o filho trabalhar com pai na agricultura. Entretanto, a professora explicou a importância de frequentar a escola e receber as instruções, pois seria um crime abandonar totalmente a escola para trabalhar. Por fim, percebe-se a alegria

da docente ao anunciar que a mãe ouviu os seus conselhos e, desde então, o aluno dedicou-se cada vez mais aos estudos:

Meu aluno trabalhoso

Você, meu querido Fábio
De coração tão bondoso,
Mas um tanto trabalhoso
Quando no primeiro grau,
Fazia tantos, gracinhas,
Deixando a tia nervosa
E a classe em polvorosa
Com suas brincadeiras

Professora é como mãe,
Mesmo cheia de razão
Tem para o aluno perdão,
Porém com toda energia
Fazer séria advertência,
Baderna não permitir
Para o aluno corrigir
E usar de consciência
(Dias, 2010, p. 148)

O último cordel, como o título já explica, a professora escreveu com objetivo de contar sobre a experiência de ter em sala de aula um aluno considerado trabalhoso. É possível compreender que Crisantina Dias representou o aluno como bondoso, mas que por meio das “gracinhas” e “brincadeiras” agitava a turma durante as aulas “deixando a tia nervosa”. Outrossim, ela compara o trabalho da professora como uma mãe, porque, mesmo agindo com a razão, perdoa o seu aluno, utilizando-se da advertência para corrigir os erros dos alunos e promover a consciência. Para finalizar, destaca o amadurecimento do aluno, que concluiu os estudos, passou em concurso e formou sua família.

Diante das passagens, verifica-se a “missão” da professora na educação do município. Exercendo o papel de motivar os alunos e de suas famílias a acreditarem no valor da educação, visando um futuro em que teriam a oportunidade de exercer uma profissão ou seguir em caminhos diferentes. Além disso, buscou a participação dos alunos diariamente nas aulas, sem permitir que faltassem para realizar outras atividades. Logo, por meio das suas experiências, compartilhou as diversas trajetórias dos estudantes e a sua participação, contribuição e dedicação na aprendizagem dessas crianças, principalmente no início da educação barrense.

O seu percurso em relação à educação também se faz presente no livro *Fragmentos de uma história* (2013). Cabe citar, inicialmente, que nele há uma música intitulada *Letras e*

Sonhos, escrita pelo aluno Firmino, para homenagear a professora durante a festividade dos Precursores da Educação na Escola Mauro Sampaio. Crisantina Dias escreveu sobre o que achou da canção por meio de um cordel presente na obra *Memórias de uma professora* (2010), em que destacou com emoção e saudade as épocas passadas, conforme as passagens destacadas:

Letras e Sonhos que você Firmino,
Dedicou, gentilmente a tia Crisanta,
Extasiada ouvi seu doce hino,
Por instantes senti-me uma santa

Uma santa sem culpas, só virtude
Por seus versos forjados no amor,
De relance, voltei à juventude
Pela força da voz de um cantor

O passado assaltou minha memória,
As lembranças tornaram-se presentes,
Saudade da minha longa história
Dos meus olhos jorraram gotas quentes

[...] Sou eu, querido, a tia inebriada
Pela beleza de sua inspiração,
Nestas estrofes dizer-lhe obrigada
Com carinho afeto e gratidão
(Dias, 2010, p. 167-168).

A professora escreveu sobre o impacto da letra da música, pois ao ouvir o “doce hino” ficou extasiada e sentiu-se uma santa, por meio das lembranças e as memórias da juventude que a canção a fez recordar. Para finalizar, em algumas passagens do cordel - e em outros momentos do livro - a professora se refere como “tia” para os seus alunos, sendo uma representação da mulher que, mesmo em seu ambiente de trabalho, mantém a ligação com a maternidade e o lar (Pereira, 2022).

De acordo com Novaes (1995), esse costume iniciou no final da década de 1950, por meio do tratamento das famílias da elite com as senhoras e as amigas dos seus pais como tia, sendo uma maneira também de facilitar o relacionamento com as crianças. Nas escolas, houve a criação desse hábito quando as mães necessitavam entregar às professoras os seus filhos, logo se referiam a professora como dócil e amorosa igualmente uma tia, pois já era uma figura conhecida das crianças. Freire (2015, p. 20) discutiu que:

Recusar a identificação da figura da professora com a da tia não significa, de modo algum, diminuir ou menosprezar a figura da tia, da mesma forma como aceitar a identificação não traduz nenhuma valoração à tia. Significa, pelo

contrário, retirar algo fundamental à professora: sua responsabilidade profissional de que a exigência política por sua formação permanente faz parte.

A representação da tia é considerada uma forma de afastar da professora a responsabilidade profissional, além de contribuir para o anonimato docente e a perda da identidade profissional. Logo, esta não seria considerada a profissional formada para a docência de maneira democrática e política, contribuindo assim para a manutenção dos estereótipos do magistério como um trabalho feminino.

No cordel *Feliz Reencontro*, Crisantina Dias contou sobre a visita recebida de um ex-aluno “para ver a velha mestra”, representando um momento saudoso de alegria e lembranças, pois não esquecia dos bons alunos que marcaram a sua trajetória, pelas notas que tiravam, pelo comportamento e dedicação:

Ficamos mais de uma hora
A falar dos dias idos,
Daqueles tempos vividos
Dentro da nossa escola,
Da ordem e da disciplina,
Do respeito e do dever
Aos mestres obedecer
Nada de medo e chacina

Hoje é muito diferente
Professor não é respeitado,
Criticado, ameaçado,
Aluno faz e desfaz
Bancando o Imperador,
Se for chamado atenção
Vira logo valentão
Coitado do professor!
(Dias, 2010, p. 170).

Por meio das lembranças do aluno, o cordel tece uma reflexão sobre as mudanças da educação, como é perceptível o contraste em “daqueles tempos vividos” e “hoje é muito diferente”, sendo uma realidade que falta o respeito pelo educador, que sofre pelas críticas e ameaças, enquanto o aluno se porta como “imperador”, isto é, aquele que detém o poder da sala e não aceita quando é contrariado pelo professor.

Assim, podemos notar que as duas obras em análise relatam os caminhos e as vivências da professora enquanto docente, de modo que também nos é apresentado homenagens dos ex-alunos, familiares e amigos para a professora. Logo, por meio de mensagens, cordéis e letras

de músicas, Crisantina Dias foi representada como a “[...] mãe cultural de centenas e milhares de barrenses (2013, p. 144)”, com o “[...] olhar de águia quase maternal (2013, p. 146)” e “[...] a quem o Barro deveria respeitar e preservar como patrimônio intelectual e moral” (2010, p. 07).

Dessa forma, percebemos como a sua formação do Colégio Santa Teresa de Jesus, influenciou o seu trabalho na educação da cidade. Por meio das passagens dos livros discutidas, as suas memórias se referem à maneira como compreendia o magistério, no lecionar com abnegação, sobre os docentes realizaram o esquecimento de si mesmo em favor do educando e como uma missão e apostolado dos mestres. Além disso, destaca a importância de as crianças terem acesso aos estudos, em buscar por meio do seu trabalho uma forma de incentivar a população a frequentar as escolas, visando um futuro melhor.

2.3 “DEFENSORA DA PÁTRIA E DA VERDADE”: A ATUAÇÃO EDUCACIONAL DA PROFESSORA DURANTE O PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Durante alguns momentos dos livros, é possível compreender a concepção de ensino da professora Crisantina Dias, sobretudo diante dos eventos que aconteceram no contexto histórico do período da ditadura militar (1964-1985), em que a educação cívica se fez presente por meio do exercício do nacionalismo e do patriotismo. Inicialmente, ainda durante a segunda guerra mundial, a professora relatou que, em 1942, alguns jovens de Crato deixaram a cidade para servir na guerra. Ela presenciou o impacto da saída dessas pessoas para as suas famílias: “[...] o trem partia levando-os e a estação se transformava em um mar de pranto. Eu presenciava aquela cena dolorosa que muito me sensibilizava” (Dias, 2010, p. 52).

Além disso, a professora contou que encontrou em seu acervo um texto com o tema sobre o amor patriótico de um filho ao tranquilizar a mãe diante do interesse em defender sua terra. Segundo Dias (2010), naquele momento, a pátria estava em primeiro lugar: “[...] ela precisa de mim/ orgulhoso nesta farda/ teu filho não se acovarda” (p. 52). Por meio dessa leitura, a professora resolveu criar uma poesia, mas dessa vez com a visão da mãe:

Comovida estou, meu filho,
Da minha vida és o brilho
Parte já e sê feliz.
Caminha, vai fazer frente
Com entusiasmo fremente
Pra defender teu país.
Orgulhosa com ufania

Por ver que és garantia
 Deste terrão brasileiro
 E com a força dos bravos
 Evita sermos escravos
 Do opressor estrangeiro.
 Tu partes para a trincheira
 Fronte erguida e sobranceira
 Com altivez e sem jaça.
 Procede como os heróis
 Teus passos sejam faróis
 Iluminando tua raça.
 Ficarei por ti a rezar
 Sempre crente a esperar
 Que virás aos braços meus.
 Minhas lágrimas, eu as bendigo
 Nunca, nunca eu as maldigo.
 Muita coragem-Adeus!
 Crato - CE, 1942
 (Dias, 2010, p. 53-54).

No poema, a professora buscou representar os sentimentos da mãe que, mesmo com a ausência do filho e com os perigos que este pudesse enfrentar, acreditava e motivava o filho a seguir na guerra, guiado pelo mesmo sentimento de bravura e patriotismo. Assim, foram relatados os papéis sociais destinados à mãe e ao filho, como o desejo que ele pudesse defender o país como um herói, diante do inimigo estrangeiro, enquanto ela permanece em orações à espera da sua volta.

Segundo Crisantina Dias, esses foram alguns dos seus primeiros versos escritos. Quando começou a trabalhar no magistério, escreveu outros textos para serem recitados pelos alunos durante datas comemorativas e nas reuniões realizadas com os pais, que eram convidados por meio de bilhetes ou recados. Mas, após a implementação de uma amplificadora de som na cidade, o convite passou a ser feito pelos alto-falantes¹⁴, pois podia-se ouvir a quilômetros de distância.

Em *Memórias de uma professora* (2010), há um cordel intitulado *Reverendo a História*, escrito em junho de 2009. Nele, há a reflexão sobre alguns acontecimentos da história do Brasil, como a colonização, o papel dos jesuítas na educação e a atuação dos bandeirantes:

Sinto orgulho e tristeza da história nacional
 Da minha "pátria amada, idolatrada",
 Com o passado retido na memória
 Cujos feitos lhe cobriu de glória,

¹⁴ Além disso, os alto-falantes também eram utilizados para compartilhar avisos e informações sobre as atividades escolares (Dias, 2010).

Infelizmente, a vejo, hoje, tão maculada
(Dias, 2010, p. 213)

O Brasil sob o império português
Com leis muito severas, torturantes,
Exigindo dos patriotas todo ouro,
Carregando para si, nosso tesouro
As cobranças eram muito exorbitantes
(Dias, 2010, p. 214)

Hoje olho e vejo em minha frente
Um Brasil mergulhado em lamaçal
Pelo roubo, ganância e poderio
Sem querer, a tristeza não desvio
Por tantos crimes, violência e todo mal
(Dias, 2010, p. 215).

Nos trechos acima, há um destaque sobre o sentimento de tristeza pela história do país marcada pelo colonialismo, mas também de orgulho, pois “[...] jesuítas, bandeirantes, inconfidentes/ nas investidas pelo crescimento/ da instrução, grandeza e liberdade/ se arrojavam com tenacidade/ sem temer o rigor do sofrimento” (Dias, 2010, p. 213). Para a professora, esses sujeitos tiveram um papel importante na história. Por meio de lutas, os bandeirantes conseguiram realizar o desbravamento de terras e os jesuítas trabalharam na fundação de escolas para a instrução dos “índios” e colonos.

A autora também realizou críticas em relação à política da atualidade, na qual o excesso de poder provocou violências, roubos e ganâncias. Argumentou que o homem se utiliza da ciência apenas para o seu próprio lucro. Em virtude disso, falta justiça, paz, liberdade e punição. Por fim, demonstrou o seu pensamento para o futuro: “[...] não, nem tudo está perdido/ Ainda quero crer num advento/ Que nos permita viver em harmonia/ Irmanados na paz e na alegria/ Os anjos digam Amém, ao meu pressentimento” (Dias, 2010, p. 216).

Em *Fragmentos de uma história* (2013), a professora registrou alguns eventos que ocorreram no campo da educação, como a festa dos humanistas, implementação do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), o trabalho dos rondonistas na cidade, as comemorações cívicas do 7 de setembro, com a participação das escolas e da comunidade local, e, por fim, alguns dos hinos que eram cantados pelos alunos antes de entrarem em sala de aula.

Primeiramente, cabe destacar que a festa dos humanistas era uma cerimônia organizada pelos professores e alunos para as comemorações da conclusão do curso ginásial. A professora escreveu com detalhes as etapas do evento. Escolhia-se o patrono e o paraninfo, pessoas consideradas intelectuais e de destaque na sociedade. Realizavam o evento no salão da Igreja Católica, iniciavam com a missa de ação de graças, logo após o paraninfo realizava o seu

discurso, em seguida do representante da turma. Também havia o paraninfo particular, responsável por receber com o afilhado o canudo, que simbolizava o certificado de conclusão. Por fim, ocorria um jantar de recepção na casa do paraninfo. Já no clube, era organizado pelo paraninfo e o patrono o baile de formatura com direito a orquestra:

Verificando a presença de todos os humanistas, começava a festa com a valsa de abertura em que eles dançavam com os seus pares, com uma salva de palmas eram, mais uma vez, aclamados. A festa prosseguia até a hora programada com toda calma e euforia como era reservada aos familiares e convidados, não havia venda de mesa e nem de ingresso, inteiramente grátis (Dias, 2013, p. 23).

Dessa forma, a professora descreveu a festividade pela beleza, organização e a importância para os concluintes. Mas, para realizar a festa de maneira gratuita, era necessário contar com a contribuição da população. Assim, arrecadavam dinheiro com festivais e de outras maneiras. Crisantina Dias lembrou de quando estava na cidade de Mauriti, também no Ceará, e um grupo de humanistas chegou à noite cantarolando uma canção para conseguir recursos e realizar a festa na cidade. A professora gravou na memória a melodia e adaptou a música com outros versos, da seguinte maneira:

**Versos cantados pelos Humanistas
24/01/1976**

Dê licença seu fulano (nome)
Ouça nossa saudação,
Desde já agradecemos
Sua grande distinção.

Grande amigo não repare
Nosso cantar radiante
É a pé de sua porta
Nos sentimos confiantes

Também sua esposa e filhos
Queremos cumprimentar,
Na certeza que seremos
Atendidos sem tardar.

Somos nós os concludentes
Do curso ginasial
Nossa primeira vitória
No campo intelectual.

Vinte e quatro de janeiro
É o nosso grande dia

Seremos recepcionados
Veja quanta alegria

Quarenta e nove humanistas
Forma uma geração
Que nos dias de amanhã
Vai dar glória ao seu torrão

Queremos com sua ajuda
Nossa festa promover
E o Barro neste dia
Dá um passo a crescer

Obrigada grande amigo
Agora vamos em frente
Levando no coração
Sua amizade seu presente

Agradece o estudante,
Agradece o professor,
Que batalham no estudo
Abençoado labor

Muita paz, prosperidade
No ano setenta e seis
Para ajudar o irmão
Que precisar de vocês
(Dias, 2013, p. 25)

Os versos escritos pela professora foram recitados pelos humanistas durante muitas noites na cidade. Na letra estão presentes alguns elementos para convencer a população em contribuir com o evento, como as saudações, apresentações iniciais, além da explicação sobre a importância de concluir o curso para o crescimento do município e para o desenvolvimento intelectual dos estudantes e, por fim, os agradecimentos pela amizade e a colaboração das pessoas. Assim, ao longo de vários anos, a festa foi promovida na comunidade. Porém, com a construção da escola de 2º Grau Mauro Sampaio, em 1985, os novos professores e alunos resolveram realizar a solenidade no final do curso, também com o mesmo esplendor e destaque na sociedade.

Outro movimento educacional foi o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado no país durante o período da ditadura militar¹⁵. Dias (2013) comentou que a implementação do programa na cidade ocorreu em 1971, durante a gestão de João Fernandes Pereira. Inicialmente, realizaram uma reunião com a comunidade e o prefeito explicou os

¹⁵ Segundo Costa, Nascimento e Costa (2014), o MOBRAL foi criado em 15 de dezembro de 1967, a partir da Lei nº 5.379 assinada pelo presidente Costa e Silva.

objetivos do MOBRAL: “[...] se tratava de uma iniciativa valorosa do Governo Federal em termos educacionais, já que se destinava a difundir o ensino a criança em idade escolar, adolescentes e adultos com abrangência à zona rural” (Dias, 2013, p. 26). O seu funcionamento exigia a colaboração da população e dos vereadores para o levantamento das regiões do campo que houvessem condições de criar escolas com urgência. Com isso, houve a divulgação do programa na cidade e, pela necessidade de compor a direção, José Cabral e Crisantina Dias foram escolhidos para os cargos de presidente e secretária.

Segundo a professora, os ruralistas ficaram contentes com o programa, que foi bem recebido pela população, uma vez que muitos não tinham acesso aos estudos. As escolas rurais eram localizadas em residências com salas espaçosas para comportar os alunos, funcionando no período diurno, visto que não havia luz elétrica. As escolas utilizavam lâmpadas de gás butano, que realizava um imenso clarão. Já na cidade, as escolas estavam localizadas na residência de Justino Feitosa. Devido ao espaço e às reformas, passou a ser chamada de Educandário Francisca Feitosa, com funcionamento durante o período diurno e noturno, visando atender a demanda de alunos entre crianças, jovens e adultos.

As professoras eram contratadas pela prefeitura, que recebia verbas para investir no programa, pois era uma parceria com o Estado e o Governo Federal. Muitos professores trabalharam no MOBRAL, durante os governos de João Fernandes, João Tavares e Zequinha Feitosa. A professora citou os nomes dos docentes “[...] Carleide Martins, Dalva Fernandes, Irene Monteiro, Lúcia Cabral, Zita Trigueiro, Abigail Nogueira, Jovita Figueiredo, Maria Feitosa, Paula Bezerra, etc.” (p. 27). A participação das pessoas no MOBRAL foi importante para a realização da alfabetização, pelo que a professora contou do episódio da carta em que recebeu de uma aluna mobralista e ficou emocionada ao lembrar a época:

Fiquei um tanto emocionada, recordando aqueles tempos idos em que a escola era tida como um relicário sagrado de ensinamentos, ambiente de respeito, de ordem e disciplina em que todos se sentiam felizes em frequentá-la com interesse de sair da escuridão do analfabetismo e marchar para a luz do saber. Talvez este incidente tenha me incentivado a escrever sobre esta produção de ensino em nossa terra que foi muito benéfica, além de ensinar a ler, ainda graduava os seus alunos com um diploma de Mobralista (Dias, 2013, p. 28).

Portanto, a professora destacou a atuação do MOBRAL na educação do município, sobretudo no valor das escolas em promover a disciplina, sendo um ambiente de respeito e ordem. O papel exercido por José Cabral e Crisantina Dias foi de averiguar o desenvolvimento das escolas e encontravam um bom funcionamento de maneira regular. A maior satisfação do

casal foi a oportunidade de ter contribuído com essa área de ensino da cidade. Para ela o MOBRAL não desapareceu, apenas mudou a sigla para o EJA (Educação de Jovens e Adultos) e outras.

O estudo realizado por Costa, Nascimento e Costa (2014) apontou algumas concepções divergentes entre o MOBRAL e a pedagogia de alfabetização de Paulo Freire, uma vez que a educação do MOBRAL era entendida como um fator de produção e de consumo, que visava a qualificação da mão-de-obra para o desenvolvimento da economia, sendo uma alfabetização funcional, com uma aprendizagem de técnicas de leitura, escrita e cálculo. Porém, mesmo buscando desenvolver a cidadania do sujeito, os objetivos do ensino estavam voltados apenas para os deveres dos cidadãos, sem a ênfase nos seus direitos. A alfabetização estaria relacionada “[...] a um caráter mecanicista que se consolidava nesse período ditatorial, cuja formação do sujeito resumia-se no homem como profissional” (Costa; Nascimento; Costa, 2014, p. 56).

Na concepção de Paulo Freire, a educação é vista como o subsídio principal para a expansão da visão de mundo dos discentes, mas não atuaria sozinha para a conscientização, seria necessário que estivesse relacionada com a realidade humana. Com a conscientização, o sujeito torna-se capaz de desenvolver a autonomia ou emancipação, a partir da própria reflexão crítica quanto a sua condição de sujeito histórico, além da educação baseada no diálogo, para o desenvolvimento da consciência política dos estudantes (Costa; Nascimento; Costa, 2014).

Ainda de acordo com os autores, o MOBRAL considerava a escola apenas como “capacitadora” de funções técnicas, sem a preocupação da formação humana do sujeito e a inexistência do diálogo, impossibilitando a horizontalidade entre a elite e o povo e contribuindo para o que Freire caracterizou de “educação bancária”. Assim, o MOBRAL promoveu uma educação linear e baseada na transmissão de conteúdos, sem a comunicação entre educador-educandos.

Existiam questões semelhantes nas metodologias de alfabetização de jovens e adultos como o uso de materiais, palavras geradoras, com o intuito de erradicar o analfabetismo. Mas, no MOBRAL, faltou o pensamento político, o que contribuiu para uma educação alienante, sem a valorização dos conhecimentos, da história de vida e da cultura dos discentes.

Destarte, em 1977, chegou pela primeira vez à cidade de Barro os rondonistas que, segundo a professora, eram universitários de diferentes áreas do conhecimento, vindos de Brasília, com o objetivo de contribuir com a educação barrensense. O prefeito da época, Zequinha Feitosa, recebeu a equipe, ficaram hospedados na casa de Lourdes Rodrigues, viúva do prefeito João Tavares. As atividades dos rondonistas iniciaram com uma reunião no clube União

Barrense, em que o chefe explicou estarem em missão pelo Governo Federal com o objetivo de ministrar ensinamentos básicos ao povo sobre as atividades do cotidiano:

[...] Conforme a área acadêmica a que pertencia, davam palestras diversificadas: higiene e saúde, educação, esporte, culinária, alimentação, artesanato, comportamento familiar, incentivo ao trabalho, valores agrícola e pastoril, hábitos, costumes e ainda sobre os malefícios da preguiça e dos vícios (Dias, 2013, p. 30).

Após as palestras, os professores e alunos realizavam atividades para o “lazer sadio”, como apresentações de cânticos, recitativos, bailados, sapateados e encenações educativas, que chamavam a atenção dos visitantes. Em uma das reuniões, a professora perguntou por qual motivo recebiam o nome de rondonistas, explicaram que era em homenagem ao marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, por ser compreendido como um herói e bandeirante civilizado, que realizou uma expedição em 1913, em frágeis embarcações pelos rios do país, com o intuito de colher espécies da fauna e da flora das terras desconhecidas. No livro está presente a homenagem feita por Crisantina Dias aos rondonistas e destacou o trabalho importante dos jovens em ministrar os ensinamentos como os “[...] mensageiros do governo (p. 32)”.

Os rondonistas voltaram à cidade em 1978, mas com uma turma diferente da anterior, sendo novamente bem recebidos pela população, que os aguardavam ansiosos. A professora citou que, durante a gestão de Zequinha Feitosa, houve a criação pela primeira dama Nely Feitosa do Clube das Mães, do qual Crisantina Dias fez parte como secretária, para auxiliar as mães gestantes de baixa renda. A assistente social do grupo de rondonistas também participava das reuniões e demonstrava admiração pela iniciativa. Assim, as palestras ocorreram da mesma forma que anteriormente e no momento de despedida dos rondonistas, Crisantina Dias produziu uma música a pedido de Rosimar, com o intuito de ser cantada na serenata:

Cântico em serenata de despedida aos rondonistas

Oi desperta rondonistas
Para ouvir nosso cantar,
Neste dia de saudade
Cantamos pra não chorar

A partida de vocês
Grande tristeza encerra
Por deixar uma lacuna

Em nossa querida terra

Souberam bem conquistar
Nosso estima e amizade
Pelos trabalhos prestados
Pelo amor e a lealdade...
(Dias, 2013, p. 35)

O recorte da música se refere à contribuição da equipe de universitários para o município, pois, pela necessidade de novos conhecimentos, as palestras sobre os diversos temas somaram para a educação. Diante da visão da professora, a despedida dos rondonistas foi um motivo de tristeza pela lacuna que deixaram na cidade, pois construíram laços de amizade e trabalharam com amor e lealdade. Para finalizar a música, ela escreveu os nomes de cada pessoa da equipe, como uma maneira de lembrar e assim sentir saudades.

Ainda no livro *Fragmentos de uma História* (2013), Crisantina Dias descreveu as comemorações cívicas realizadas nas escolas da cidade, pois os importantes acontecimentos históricos eram comemorados e festejados para estimularem nos alunos os sentimentos de civismo e patriotismo. Desse modo, os docentes tinham o papel de transmitir aos educandos os princípios da pátria, além de ser competência de a escola difundir a sensibilidade de amor à nação.

Assim, há descrições sobre as festividades do 7 de setembro, que eram realizadas com entusiasmo nas escolas da cidade. Esse marco era significativo para a professora, tendo em vista que, para ela, a independência “[...] custou um preço muito mais alto, o sangue dos nossos bravos compatriotas que pagaram com o martírio de sua vida a nossa emancipação política (p. 40)”. Assim, ela defendeu que os ideais de Tiradentes para um país livre e independente deveriam continuar, pois a independência se constrói a cada dia.

Esse tipo de comemorações na cidade ocorria desde os anos 1960, quando havia apenas o Grupo Escolar Valter Sá Cavalcante e pequenas escolas particulares. Porém, mesmo com um número reduzido, os professores e alunos realizavam os desfiles apenas com duas filas e marchavam ao som da pequena banda de fanfarra. Contudo, com a criação das novas escolas Justino Feitosa, César Cals e Mauro Sampaio, houve o aumento no número de alunos e professores, o que contribuiu para o desenvolvimento das apresentações dos desfiles, sendo o apogeu dessa prática.

A organização iniciava-se no mês de agosto por meio do treinamento da marcha dos alunos com os policiais após as aulas, além da contribuição dos prefeitos nas despesas do evento. Dessa forma, na realização do desfile cívico, havia a preocupação em compartilhar com

a população os valores e ideias nacionalistas por meio do incentivo para o sentimento patriótico, mediante o conhecimento sobre o passado histórico do país e o papel dos heróis nacionais:

Naquela época era irresistível a reflexão sobre a data, assim ocupávamos a irradiadora Voz do Progresso para incentivar nos ouvintes o ardor patriótico, enfatizando as origens da nossa nacionalidade, a memória dos nossos antepassados que tanto lutaram, muitos sacrificando a própria vida pela conquista de uma Nação livre e soberana, a quem devemos tão grande legado.

Logo no alvorecer da manhã pela irradiadora, era discurso e mais discurso intercalados por hinos na Semana da Pátria que antecedia o dia 7 (Dias, 2013, p. 41).

No dia do desfile, às 5 horas da manhã, havia a salva de tiros, de acordo com os estados da federação, assim as pessoas já começavam a movimentar as ruas. Os alunos com uniformes seguiam os professores para as suas escolas e permaneciam em pontos pré-determinados para a organização, pois o desfile começava às 8 horas. Além disso, cada escola tinha uma banda de fanfarra própria. O roteiro do desfile era realizado da seguinte forma:

O roteiro se repetia pelas ruas principais, descendo pela Firmino Tavares dando volta na praça da igreja pela travessa Dasdores André, retornando pela Justino Feitosa, porém chegando na praça Gregório Feitosa fazia o retorno pela artéria em frente a prefeitura afim de referenciar as autoridades que lá se encontravam em palanque e para que elas pudessem apreciar melhor o grande cortejo (Dias, 2013, p. 42).

Um professor com o microfone da irradiadora apresentava o desfile, por meio da explicação do significado das representações. O desfile contava com diversos carros alegóricos: um com os principais personagens da independência, outro com os principais abolicionistas, outro com a princesa Isabel em um trono alforriando jovens escravizados, além de outro carro com as encenações do descobrimento, posse da terra e frades celebrando a primeira missa no território.

Imagem 14: Carro alegórico da Princesa Leopoldina



Fonte: Acervo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

A fotografia registrou o carro alegórico provavelmente com a Princesa Leopoldina ao lado de crianças em filas durante o desfile, em que todas olhavam na mesma direção do carro, pois era um dos principais destaques da festividade. No desfile também havia os pelotões dos esportes, indígenas, forças armadas, figuras históricas como Jovita Feitosa, a “índia” Iracema, cabe frisar que, em cada ano, variava as figuras apresentadas, tendo por exemplo representações infantis como a Branca de Neve e os sete anões:

A figura porém mais expressiva, era a de D. Pedro I representada por Ademir que já se postava com sua guarda no beco direito da prefeitura, todos montados em bonitos cavalos a espera de que o desfile se posicionasse na praça e os carros nos becos laterais da mesma, D. Pedro e sua guarda vinham a frente da prefeitura, naquela hora um emissário de Lisboa vinha ao seu encontro entregando-lhe uma carta.

D. Pedro a lia rapidamente, aparentemente encolerizado se empinava no corcel e pronunciava em alta voz:

"As forças de Lisboa querem mesmo escravizar o Brasil, cumpre-me pois, proclamar já a nossa Independência" e, desembainhando a espada apontando para o alto, soltava o brado. Independência ou Morte! Todo povo em coro, respondia numa só voz. Independência! (Dias, 2013, p. 43).

Dessa maneira, o seu esposo José Cabral representava a figura de D. Pedro I e, após a proclamação da independência, a população permanecia emocionada, com palmas, vivas e

foguetes, a guarda se recolhia e D. Pedro subia ao palanque e encontrava-se com a Princesa Leopoldina que estava à sua espera.

Nesse momento, ouvia-se os oradores, que realizavam discursos para emocionar a população, uma vez que “[...] as calçadas apinhadas de gente que delirava de entusiasmo, agitando bandeira, ria e chorava comovida” (Dias, 2013, p. 44), após as agitações, em silêncio cantavam o hino nacional, o desfile retomava as escolas para o encerramento. Além disso, pessoas ilustres da cidade que moravam fora também participavam como “[...] Januário, Zequinha Feitosa, Zecandrê, Dr. Alencar Monteiro e muitas outras, não perdiam o 7 de Setembro no Barro. Chegavam a dizer: aqui é mais bonito do que em Fortaleza. É ai onde se comprova que o amor a terra natal fala mais alto” (Dias, 2013, p. 44).

Imagem 15: Desfile cívico em Barro



Fonte: Acervo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

A imagem refere-se provavelmente a chegada do desfile no local determinado, pois estão presentes muitas pessoas, sobretudo homens, entre as principais figuras de Dom Pedro I e a Princesa Leopoldina. Crisantina Dias com o microfone, possivelmente foi a professora responsável por apresentar o desfile e/ou realizar um discurso sobre a importância de comemorar o civismo da data.

As comemorações do dia 7 de setembro representavam para a professora um dever com a pátria, o que se pode compreender por meio da organização, da escolha e distribuição dos personagens. Ela e os demais professores buscavam representar o acontecimento de maneira fidedigna segundo a narrativa oficial.

Imagem 16: Independência ou morte



Fonte: Acervo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

Imagem 17: Desfile cívico em meados de 1970



Fonte: Acervo pessoal de Crisantina Monteiro Dias

A primeira fotografia representa o grito de “independência ou morte” de Dom Pedro I, caracterizados com as roupas e espadas os homens buscaram reproduzir a cena durante o desfile. Por fim, a segunda imagem ilustra a organização dos grupos de estudantes, de acordo com os temas e as homenagens realizadas, tendo como destaque os presidentes do Brasil e Tiradentes, além da bandeira do país no centro da imagem. Tais fotografias podem representar, pois, as memórias de Crisantina Dias sobre o evento.

Em outro momento do livro a professora explicou alguns detalhes da organização, como a escolha de personagens históricos no livro didático, a compra dos materiais em Juazeiro do

Norte e o trabalho feito pelos professores, artesãos, costureiros, pintores, carpinteiro, barbeiros etc. Sendo um trabalho exaustivo, de abnegação, coragem e tempo:

Se tínhamos vaidade pela boa apresentação, não era pecaminosa, ao contrário santificada, já que encarávamos como dever solenizar e embelezar a nossa tradicional festa patriótica.

Sei que não podemos mudar as ações do tempo, nem estabilizar a ordem dos costumes, mas há sentimentos que não se pode deixar de preservar.

Cultivar as raízes nacionais, a memória dos nossos antepassados heróis, é a maneira digna de exercitar o patriotismo. Exaltar, defender e amar a Pátria é dever de todas as gerações passadas e presentes como referência ao futuro (Dias, 2013, p. 45-46).

De acordo com o pensamento da professora, o sentimento de patriotismo e de pertencimento devem ser preservados, como a memória dos heróis e das raízes nacionais que, por meio dos seus exemplos, ensinaram a importância de defender e amar a pátria, além de estabelecer esse compromisso com as futuras gerações. Ao mesmo tempo, ela destaca que o entendimento dos acontecimentos nacionais foi afetado pela ganância econômica e poder, pois formou-se homens adversários da liberdade.

Ela percebeu com constrangimento a forma como o 7 de setembro passou a ser tratado pela sociedade, apenas como mais um feriado de passeio, lazer e divertimento. Observou que até mesmo as escolas estavam sendo descuidadas com esse dever, pois seria responsabilidade principalmente dos professores como os condutores das novas gerações. Logo, a professora defendeu que a História Nacional deveria continuar presente em todo o tempo, mas não esperava que realizassem os mesmos desfiles do passado, pois havia formas diferentes de atentar-se aos deveres patrióticos: “[...] pelo menos comemorar o 7 de Setembro no seu verdadeiro simbolismo com o verde e o amarelo das nossas esperanças” (Dias, 2013, p. 46).

Ainda sobre essa temática, a professora adicionou no livro um texto intitulado de *Chorinho Brasileiro* - de autoria desconhecida - com o objetivo de complementar o seu pensamento sobre os acontecimentos do Brasil, por meio de questionamentos, reclamações e tristeza pela realidade. O texto inicia da seguinte forma: "Ao entrar no meu gabinete, vi no mapa-mundi que tenho na parede, o mapa do Brasil, a chorar. O que houve, meu Brasil brasileiro? Perguntei-lhe" (Dias, 2013, p. 47). Assim, a resposta faz referência ao próprio hino nacional, por meio de indagações sobre o seu conteúdo como:

“[...] Antes, os meus bosques tinham mais flores e meus seios mais amores. Meu povo era heróico e os seus brados retumbantes. O sol da liberdade era mais fúlgido e brilhava no meu céu a todo instante. Onde anda a liberdade, onde estão os braços fortes? Eu era a pátria amada, idolatrada, havia paz no futuro e glórias no passado. Nenhum filho meu fugia a luta. Eu era a terra adorada e dos filhos deste solo, era a mãe gentil. [...] -Pensei... conseguiremos salvar esse país sem braços fortes? Chorei... quem nos devolverá grandeza que a Pátria nos traz? Voltei... e encontrei o mapa munde silencioso e triste como que preso a um destino sombrio e ingrato" (Dias, 2013, p. 47).

O trecho representa as mudanças da relação entre o homem e a pátria, uma vez que, parafraseando o hino nacional, havia no passado o heroísmo e a luta pela nação com braços fortes para defender a liberdade e proteger a mãe gentil e pátria amada. Já, na atualidade, a falta de nacionalismo na sociedade contribuía para compreender o seu destino de maneira sombria e ingrata.

Ademais, a professora escreveu o texto *Ainda Revivendo*, que surgiu após ouvir o ex-aluno Neneca Tavares contando na rádio Boa Esperança as suas lembranças sobre o modo como ela conduzia e organizava a escola e os alunos. Desse modo, a professora a sentiu necessidade de apresentar algumas das atividades realizadas pelos alunos, sobretudo alguns dos hinos cantados pelos educandos antes de entrar em sala de aula:

Disse ele: antes que os alunos entrassem em classe tinham de fazer fila para cantar um hino pátrio-escolar. É verdade, para mim a música é uma das mais belas artes, prende a nossa atenção e encanta. Alguns minutos antes do primeiro horário das aulas tocava a sineta, os alunos já sabiam entrar em fila ao lado da sua respectiva classe para cantar, o que faziam sem nenhuma hesitação. Vi que o cântico além de alegrar contribuía para o bom comportamento, tornei-o de costume (Dias, 2013, p. 48).

Outrossim, a professora contou que, naquele tempo, as aulas eram de 50 a 60 minutos e sempre havia tempo para que ela escrevesse no quadro os hinos. Tal prática buscava que os alunos copiassem os cânticos no caderno e cantassem de acordo com a letra correta. Além do mais, havia a recomendação que guardassem com cuidado os registros, pois era de costume receberem visitas de alunos em busca de saber sobre a história da cidade, bem como para receberem cópias de alguns hinos.

Crisantina Dias também relatou sobre uma reportagem que assistiu na TV Globo, em um 7 de setembro. O apresentador perguntou aos estudantes quem sabia cantar o hino nacional

completo, porém, todos permaneceram calados, alguns ainda tentaram, mas erraram a letra ou paravam. O apresentador ofereceu mil reais para quem soubesse cantar, ficaram ansiosos para conseguir, mas, segundo a professora, nenhum acertou e saíram decepcionados: “Este é o Brasil em que vivemos, pelo que observo, vai continuar choroso e triste a se lamentar. Fiquei pensando, tanto que cantei esse hino bem certinho com os meus alunos, mas nunca ganhamos um cruzado por esta nossa sapiência, mas valeu, a essência está no saber” (Dias, 2013, p. 49).

Para deixar registrado no livro, a professora selecionou alguns dos hinos cantados na época com o intuito de que pelo menos os ex-alunos pudessem recordar, cantar e relembrar o saudoso tempo escolar. Logo, estão presentes os hinos *Bom dia- bom dia; Canção do dia; Encantos do Brasil; Riquezas naturais; Eu te amo; Hino a escola; Hino do estudante* (composição de Crisantina Dias); *Hino ao estudante cearense; Hino do professor; Hino nacional; Hino da bandeira e Hino da independência.*

Hino a Escola

(Letra - Crisantina M. Dias)

Pelo estudo batalhamos
E buscamos
A luz clara da instrução,
A escola é nosso ninho
De amor e de carinho,
Do saber e formação

Refrão
Salve salve nossa escola
Nosso lar, doce guarida
Que conduz a nossa vida
Aos encantos do saber
A escola é um viveiro,
Um canteiro
De esplendida semente,
Os bons mestres ensinando
Nossos passos vão guiando
Pela vida docemente

Com firmeza estudemos
Não tememos
Os embates do porvir,
Exultantes venceremos
E o bem alcançaremos
Para o erro destruir
(Dias, 2013, p. 51).

Na presente canção, pode-se entender as concepções da professora sobre o valor da escola durante o processo de ensino, sendo um local que existe a luz da instrução, comparada a

um ninho, lar e um canteiro, que serão plantadas as sementes da aprendizagem. Assim, por meio dos hinos, a professora buscou conscientizar os alunos e a comunidade escolar sobre os valores da educação, além de repassar a mensagem do patriotismo e amor à pátria, sendo defensora de um ensino que valorizava a formação dos estudantes baseada na exaltação dos heróis da nação e dos seus feitos.

Além disso, em *Fragmentos de uma História* (2013), há uma carta da ex-aluna Fádna Lacerda, na qual expressou gratidão pelo trabalho da mestra e lembrou algumas atividades realizadas por ela na educação, como a organização das atividades socioeducativas nas festas escolares: “[...] sobretudo nas datas comemorativas dos eventos cívicos e muitos outros as peças teatrais, os famosos dramas e outras atrações que tanto nos envolvia e contagiava toda sociedade barrense” (Lacerda, [2013?] apud Dias, 2013, p. 143). Destacou ainda as vivências das apresentações e os ensaios de artistas realizados no palco da Prefeitura e, no final, escreveu: “a senhora merece nosso reconhecimento pelo patrimônio cultural que nos favoreceu (Lacerda, [2013?] apud Dias, 2013, p. 143).

No decorrer do seu trabalho no município, a professora exerceu o ensino baseado na formação que recebeu no Colégio Santa Teresa de Jesus, principalmente com o exercício da educação moral e cívica. Dessa forma, desde a defesa da pátria e as suas contribuições com os eventos que ocorreram na cidade, como as festas dos humanistas, as visitas dos rondonistas, a organização e a realização dos desfiles cívicos, até os hinos que eram aprendidos pelos alunos, a professora procurou despertar e sensibilizar os alunos e a comunidade os sentimentos de patriotismo e nacionalismo, por fazer parte do dever com a pátria e com os heróis da nação.

Conforme Noronha (2015), a escolha das mulheres cearenses pelo magistério no referido colégio representava a única grande possibilidade de terem acesso à educação, mas não significa que elas não tenham vivido o trabalho segundo se esperavam delas, como “vocação divina”, “[..] ‘um dever para com a pátria e à família’ e também como uma forma de adquirir ‘respaldo social’ e ‘contribuir para edificação da nação brasileira’, é o que nos levam a perceber os cadernos de planos profissionais encontrados no interior da Instituição (Noronha, 2015, p. 74)”.

Conforme destacou Almeida (1998), a educação das mulheres foi permitida desde que o lar, o marido e os filhos também fossem beneficiados. Além disso, a mulher passou a ser vista como a indispensável mantenedora da família e da pátria, segundo o discurso eugênico e positivista. No magistério, a mulher representou o papel como regeneradora da sociedade e salvadora da pátria e tornou-se aceitável em termos sociais, pessoais e familiares que trabalhasse como professora:

Deixaram de ser as procriadoras incultas para tornarem-se as futuras esposas educadas, conhecedoras das necessidades do marido e dos filhos, alicerces da moral e dos costumes, fiéis guardiãs do lar cristão e patriótico. Nesse ideário, para onde convergiam os mais variados interesses, uniram-se a sociedade e a Igreja Católica. Para as mulheres, romper com tais estruturas significava o degredo e a condenação social (Almeida, 1998, p. 35).

Assim, a disciplina Moral e Cívica no currículo do Colégio Santa Teresa de Jesus foi responsável por colocar o docente como modelo de moral e de civismo na escola. Para a formação do patriotismo, essas características estão presentes durante a trajetória de Crisantina Dias, tendo em vista a sua visão sobre as representações e simbologias do 7 de setembro, além das críticas à política atual e como a sociedade tratava a independência do país apenas como um feriado, sem as devidas reflexões.

Derossi (2022) buscou analisar as legislações da Educação Moral e Cívica (EMC) antes e depois do golpe civil-militar de 1964. A disciplina EMC utilizou de discursos e mídias com o objetivo que a população seguisse os itinerários do patriotismo, civismo e a obediência às leis. Sendo um instrumento para o controle disciplinar e desenvolvimento preconizado pelo Estado, por meio do uso de estratégias ideológicas, utilizadas nas instituições. Em âmbito federal ocorreram algumas reformas no campo educacional com a EMC:

[...] a Rocha Vaz, de 1925, que colocou a EMC como disciplina obrigatória para o Ensino Primário e como matéria obrigatória para o exame de admissão ao curso Secundário e a Francisco Campos, que troca a EMC pelo Ensino Religioso. [...] O Decreto-Lei nº 50.505 de 1961, propunha atividades de EMC em todos os graus e tipos de estabelecimentos de ensino. A Lei de Diretrizes e Bases de 1961, Lei nº 4.024, entendia que a EMC deveria permear toda a escolarização, sem, contudo, ser uma disciplina específica. Em 1964, o Parecer nº 117, reestabeleceu a EMC como obrigatória no Ensino Secundário. O Decreto nº 58.023 de 1966, instituiu o Setor de Educação Cívica, com o intuito de estimular o civismo nos estudantes e na sociedade em geral. Em 1969, pela força do Decreto nº 869, é colocada como disciplina e prática educativa obrigatória em todos os segmentos do ensino público e privado do país (Derossi, 2022, p. 284).

Dessa maneira, a EMC representou uma disposição em prol da ordem e do civismo colocados como importantes princípios pelo regime civil-militar. Além disso, havia um conjunto de condutas que diziam e deveriam ser seguidas pela estrutura familiar, sobretudo aquelas representativas das camadas médias da sociedade. Assim, Derossi (2022) discutiu como o regime civil-militar defendeu um projeto educacional tecnicista, sem reflexões e críticas

sociais, voltado apenas para a formação do trabalhador de acordo com os interesses do capitalismo. Os militares utilizaram principalmente da escola para transmitir os discursos ideológicos, ao destacar as ideias de desenvolvimento do governo militar e ser contrário às condutas compreendidas como subversivas.

Segundo afirmou Nunes e Rezende (2008), a EMC atuava na mente das crianças para impor alguns valores como a “[...]obediência; passividade; ordem; fé; ‘liberdade com responsabilidade’ e patriotismo” (p. 02). Esses valores estavam presentes no conteúdo dos livros didáticos da EMC, o que permite considerar a disciplina como parte da estratégia psicossocial construída pelo governo militar, com o objetivo de interferir na dinâmica social, além de moldar comportamentos e convencer os discentes sobre as vantagens do regime, para que contribuíssem com a sua manutenção.

O grupo que liderou a ditadura militar enfatizou que seria uma “revolução” em benefício da democracia, pois o golpe já seria democrático e visava os anseios da população. Os livros didáticos da EMC tornavam comum o uso do conceito de democracia, mas eram transmitidos aos alunos de maneira que confirmasse a ideia de democracia imposta pelo regime militar. Com isso, os conteúdos ensinados visavam convencer a população de que não se vivia em uma ditadura, mesmo sendo um período marcado por medidas antidemocráticas, a disciplina pretendia “[...] era fazer com que os alunos acreditassem que o povo tinha a liberdade de escolher seus representantes e de que seus direitos e interesses seriam defendidos por eles, sempre com respeito a vontade da maioria (Nunes; Rezende, 2008, p. 07)”.

Desse modo, ao longo das passagens dos livros de Crisantina Dias sobre a educação do município, durante o regime militar, não há menções sobre o funcionamento das escolas e do currículo com base na política da época ou se houve modificações, desafios ou a implementação da disciplina Educação Moral e Cívica. Porém, o que a professora escolheu destacar foi o seu trabalho em ensinar sobre a valorização do patriotismo e do sentimento de pertencimento à pátria, sobretudo nas escolas, mas relacionando com a sociedade, por meio da participação da comunidade nos eventos cívicos, programas escolares, culturais e políticos. A atuação da professora representada como a “defensora da pátria e da verdade” nas escolas e na cidade, foi em grande medida uma influência da formação no Colégio Santa Teresa de Jesus, pois vivenciou ensinamentos a partir de uma educação cívica, disciplinada e religiosa.

CAPÍTULO 3

O ESQUECIMENTO DA MEMÓRIA COMO VEREADORA NA POLÍTICA BARRENSE EM 1967

É difícil recompor o que está perdido no tempo, a memória por mais viva que seja é vulnerável ao esquecimento (Dias, 2013, n.p).

No presente capítulo, discutiremos a participação da professora Crisantina Monteiro Dias na política do município do Barro, sendo eleita vereadora em 1967. Partiremos do debate acerca dos conceitos de memória e esquecimento e, a partir disso, buscaremos compreender a participação feminina na política, sobretudo durante o período da ditadura militar, em um espaço ocupado em grande maioria pelo masculino. Além disso, iremos analisar o percurso realizado pela professora na política da cidade, bem como suas experiências e, principalmente, os projetos de leis criados e colocados em discussão na Câmara Municipal. E, por fim, problematizaremos o silenciamento de sua atuação como vereadora e a ausência da sua atuação política nos livros autobiográficos, principalmente se essa seleção das memórias está relacionada com o contexto em que foram publicadas as obras, ou seja, em 2010 e 2013.

Como fontes, utilizaremos os livros autobiográficos escritos pela professora, além do Livro de Atas da Câmara Municipal de Barro referente ao período de 1966 a 1973, disponível de forma digitalizada na sede Câmara; e o resultado das eleições municipais de 1966, realizado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Nesse sentido, a partir do Livro de Atas, poderemos conhecer Crisantina Monteiro como vereadora, por meio da sua participação na política da cidade, bem como os projetos de leis propostos e as decisões tomadas ao longo das sessões. Com isso, será possível compreender a ausência das suas memórias como vereadora nos seus livros e o destaque apenas para a educadora, gerando o esquecimento desse aspecto de sua vida pública.

Dessa forma, para trabalhar o Livro de Atas como fonte é preciso discutir alguns aspectos: primeiramente, o seu caráter de fonte oficial, a importância de utilizar uma metodologia de análise relacionada com o cruzamento de informações das outras fontes, a necessidade de analisar não apenas o que está dito no documento, mas o que está implícito e o que permanece silenciado. Com o seu caráter de fonte oficial, as atas exigem do historiador certos cuidados metodológicos, como a crítica ao longo do seu conteúdo, além de considerar o

contexto histórico em que foram produzidas, as pessoas responsáveis por as elaborar e quais eram as suas intenções e escolhas (Martiny, 2008).

Portanto, faz-se necessário por parte do historiador atenção e dedicação para a análise das informações presentes no documento, por se tratar de um documento antigo e insubstituível. Ainda exige por parte do pesquisador o foco nos seus objetivos, para que tenha coerência com o que foi estudado a partir das leituras do documento, de acordo com a realidade da época. Na medida em que são fontes importantes de análise, pois aguçam a curiosidade do historiador para descobrir cada vez mais sobre os acontecimentos estudados ao longo da pesquisa, logo poderá descobrir o que está implícito e o quê e porquê registrar. Dessa maneira, tem-se uma base das informações que uma ata pode conter e as suas ideologias (Santos; Zanlorenzi; Corso, 2012).

Segundo Martiny (2008), pode-se utilizar as atas vinculadas, entrecruzadas e confrontadas com as informações obtidas em outros tipos de fontes documentais. Sendo uma forma importante para a análise de uma sociedade, revela os aspectos político-administrativos, econômicos e as relações de poder existentes em seu interior.

No campo da memória, Albuquerque Júnior (1994) tem destacado em sua pesquisa as formas de trabalho do historiador, utilizando-se da memória nos estudos historiográficos, pois o pesquisador está sempre manipulando memórias, sejam escritas, orais ou imagéticas. Além disso, o autor destacou a necessidade da problematização da memória pela história, pois, ao atribuir conceitos e métodos, pretende-se ressignificar a memória e, assim, produzir um conhecimento outro. O autor também discutiu os cuidados que devem ser tomados pelos historiadores para não agirem de maneira ingênua em relação à história e à memória: “[...] esta é a violência do historiador que com seus conceitos atribuem novos significados ao que ficou guardado nas memórias; recortando-as, reconstruindo-as, desmanchando suas telas” (Albuquerque Júnior, 1994, p. 50).

Vale destacar que José D’Assunção Barros (2009) propôs uma visão panorâmica dos debates historiográficos em torno da utilização da memória, desde os estudos iniciais da história e da historiografia contemporânea. Segundo o autor, a memória é uma construção não apenas sobre o passado ao presente, mas para o futuro, além de ser importante para a formação de identidade coletivas. Desse modo, a história pode-se utilizar da memória como fonte para as pesquisas historiográficas.

Faz-se relevante, ainda, utilizar o conceito de esquecimento discutido por Ricoeur (2007), que refletiu como a memória é a própria luta pelo esquecimento, pois o esquecimento está associado à memória. Logo, as suas estratégias e cultura não permitem classificar o

esquecimento apenas “[...] por apagamento de rastros entre as disfunções ao lado da amnésia, nem entre as distorções da memória que afeta sua confiabilidade” (p. 435).

Destarte, da mesma forma que é impossível lembrar-se de tudo, não é possível narrar todos os acontecimentos, sendo necessário realizar o ato de seleção. Momento que ocorrem as estratégias do esquecimento, durante o trabalho de configuração, visto que, ao narrar um acontecimento de uma forma, necessariamente ocorre a escolha de não narrar de outras maneiras. Diante disso, o esquecimento pode ser considerado ativo, quando ocorre um déficit de memória ideologicamente definido, e também passivo, quando a manifestação do esquecimento não delibera sobre os agentes do narrado (Ricoeur, 2007).

3.1 AS MULHERES E OS FEMINISMOS DURANTE O PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Colling (2004) discutiu como as representações femininas atravessaram os tempos e estabeleceram o pensamento simbólico da diferença entre os sexos, além da hierarquização das diferenças, contribuindo para as desigualdades. Para os homens, foram destinados os espaços públicos, como o político, no qual centralizou o poder. Para as mulheres, foi destinado o espaço privado, o lar, a maternidade e o casamento. De acordo com a autora:

O silêncio sobre a história das mulheres advém de sua não participação na arena pública, espaço da política por excelência. Neste sentido a história da repressão durante o período da ditadura militar é uma história de homens. A mulher militante política não é encarada como sujeito histórico, sendo excluída do jogo do poder (Colling, 2004, p. 02).

Debater sobre a atuação feminina não é apenas relatar os fatos em que tiveram a sua presença, mas é reconhecer como ocorreu o processo histórico para a exclusão de sujeitos. A autora também destacou algumas questões para pensar o feminino. Dentre elas, cabe destacar a relação entre o público e o privado, em que o homem, com a participação pública, “[...] sempre foi reconhecido pela sua importância, participando das decisões de poder. Já a mulher pública, sempre foi vista como uma mulher comum que pertence a todos, não célebre, não ilustre, não investida de poder (Colling, 2004, p. 04)”.

Em relação ao período da ditadura militar, a história é contada a partir da visão masculina, assim como toda a história política, de acordo com a literatura escrita sobre o período. A autora alertou como nessas narrativas as relações de gênero foram excluídas, apesar

da luta de muitas mulheres junto aos homens, na defesa da redemocratização do país. No que se refere ao processo de construção da invisibilidade da mulher como sujeito político, a autora argumentou que:

Na história do regime militar brasileiro, como em todos os projetos políticos autoritários, a construção de sujeitos ocorre de forma unitária e não diversificada. A sociedade é dividida em dois blocos antagônicos: situação e oposição, igualando-se os sujeitos. A esquerda tradicional repete a mesma fórmula: ou se é sujeito burguês ou proletário. As diversidades são entendidas como divisionistas da luta principal. Estes dois discursos anulam as diferenças e constroem sujeitos políticos únicos, desconsiderando a presença feminina e enquadrando-a em categorias que a desqualificam. Nesta medida, instituiu-se a invisibilidade da mulher como sujeito político (Colling, 2004, p. 06).

A mulher militante política dos partidos de oposição à ditadura teria cometido dois pecados, segundo a repressão: a de colocar-se contra a política golpista e de desconsiderar o lugar atribuído para as mulheres, rompendo com os padrões estabelecidos na sociedade para ambos os sexos. As próprias militantes assumiram a dominação masculina, buscando camuflar a sua sexualidade em uma categoria sem sexo, a de militante política. Para isso, estabeleceram identidade com o discurso masculino, diluindo as relações de gênero na luta política em geral:

A condição de gênero está subsumida ao discurso de unificação dos sujeitos. Como espaço fundamentalmente masculino, impunha-se às mulheres a negação de sua sexualidade como condição para a conquista de um lugar de igualdade ao lado dos homens. As relações de gênero diluíam-se na luta política mais geral. As mulheres assexuavam-se numa tentativa de igualarem-se aos companheiros militantes (Colling, 2004, p. 07).

No discurso das militantes, também estavam presentes ideais da luta pela igualdade com o movimento feminista na década de 1960 e 1970. Para a autora, tentavam eliminar as diferenças entre os sexos, muitas vezes masculinizando-se. Assim, o desmerecimento das mulheres de que o poder político é destinado aos homens, aparece de maneira constante nas falas femininas: “[...] a construção da identidade feminina enraíza-se na interiorização pelas mulheres do discurso masculino” (Colling, 2004, p. 08).

A autora também argumentou sobre as representações de inferioridade feminina serem constantemente repetidas, demonstradas e incorporadas através da linguagem, conseqüentemente, sendo acrescentadas no pensamento e nas ideias de homens e mulheres. Para finalizar, a autora concluiu que as mulheres militantes durante a ditadura militar não eram apenas opositoras ao regime, mas também foram responsáveis por questionar os valores estabelecidos, que não permitiam a participação política para as mulheres (Colling, 2004).

As mulheres, mesmo sendo a minoria nas participações políticas, tiveram uma grande contribuição durante o período da ditadura militar, seja pelo apoio ao golpe, como as mulheres de direita da CAMDE (Campanha das Mulheres pela Democracia); ou em organizações de guerrilhas que realizavam a oposição ao regime, sendo armadas ou não. Em relação à oposição, as organizações atuavam de maneira clandestina, uma vez que apenas dois partidos foram permitidos: o ARENA (Aliança Renovadora Nacional), o partido do governo; e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), que era a única oposição autorizada (Martins, 2018).

Nesse sentido, Martins (2018) discutiu que a principal característica das mulheres que lutavam contra a ditadura era a jovem intelectualizada, ou seja, eram jovens universitárias, em sua maioria professoras. Faziam parte de um grupo privilegiado, não pela aquisição de riquezas, mas pelas oportunidades culturais. Já as mulheres na direita, em sua maioria, eram mulheres conservadoras, de classe média, mães, esposas, donas de casa, cristãs e que tinham influência na comunidade que viviam:

As mulheres da direita conservadora atuavam massivamente para o apoio ao golpe e contra o governo Goulart, usavam o catolicismo como uma arma anticomunista e organizavam caminhadas como a “Marcha Da Família Com Deus Pela Liberdade”, marcha essa que mobilizava toda comunidade, inclusive o comércio e transporte, onde os comerciantes liberavam seus funcionários para marchar e facilitavam o transporte. Estas mulheres da direita conservadora tinham uma função de modificar a opinião pública de modo a torná-la favorável ao golpe de 1964 (Martins, 2018, p. 03).

A atuação das mulheres da direita foi utilizada pelos militares para construir uma espécie de chamado popular contra o atual governo e a “ameaça” comunista. Com o apoio da população, tornava-se mais fácil oficializar o golpe militar, pois, segundo o discurso da época, apenas isso seria capaz de salvar a pátria (Martins, 2018).

Assim, as manifestações denominadas de “Marcha com Deus Pela Família e Pela Liberdade” ocorreram anteriormente ao golpe, no dia 19 de março de 1964, em Minas Gerais e em São Paulo. Já no Rio de Janeiro foi chamada de “Marcha da Vitória”, pois foram realizadas no dia 2 de abril do mesmo ano, logo após ao golpe. Ao todo, foram realizadas 49 manifestações desse tipo ao longo do país, em grande medida, formadas por mulheres (Teles, 2014). Segundo a autora, essas manifestações foram realizadas por mulheres manipuladas, pois:

Uso a expressão “manipuladas”, porque entendo que esta quantidade de gente que foi para as ruas, o fez de forma enganada, foi dominada por uma falsa propaganda de que havia o perigo vermelho ou o perigo comunista. Assim forjou-se uma ameaça de caos, o que levou às Marchas, principalmente a grande quantidade de mulheres pobres, negras e das periferias. Nas capitais,

como Rio, São Paulo e Belo Horizonte, ajuntaram-se multidões de mulheres, a maioria pobre, chegando a espantosas cifras de 300 a 500 mil pessoas. São contingentes que até hoje, quando as mulheres já alcançaram uma igualdade formal de direitos, não são vistos em nenhuma das manifestações populares (Teles, 2014, p. 10).

A Campanha da Mulher pela Democracia (CAMDE) também desenvolveu um forte influência na sociedade, fazendo parte mulheres da elite e ligadas a militares, que também recebiam um grande apoio da mídia, a exemplo do jornal *O Globo*. Dessa forma, a CAMDE foi criada com o objetivo de mobilizar de maneira efetiva o apoio da população em favor dos militares. Por meio do esclarecimento da possível “ameaça” do comunismo, com a distribuição de panfletos, reuniões públicas, protestos, debates na televisão, passeatas e outras ações, “[...] iam moldando um pensamento nacionalista para a sociedade, criando um imaginário de que um regime militar seria preciso para que o Brasil não se tornasse uma “nova Cuba”” (Martins, 2018, p. 03).

Logo após o golpe de 64, as mulheres que influenciaram a participação da população a favor do regime passaram a mobilizar também para legitimar o novo regime. Assim, os militares tinham o apoio de uma grande parte da população, o que foi possível pela atuação dessas mulheres, mães, esposas e donas de casa (Martins, 2018). Como argumentou Teles (2014), as mulheres participavam ativamente das manifestações de oposição aos militares. Com a implementação do AI-5, em 1968, a maioria das mulheres e homens, militantes políticos, foram obrigados a irem para o exílio ou a clandestinidade.

Houve uma parcela de mulheres militantes que permaneceram nos movimentos de resistência, seja na luta armada ou em outras ações políticas, de forma mais autônoma e por conta própria, tendo sofrido com o “[...] machismo da esquerda, seja na luta armada, nas greves operárias ou nos movimentos populares nas periferias e nas áreas rurais. Enfrentaram a truculência de cunho patriarcal e racista da repressão política” (Teles, 2014, p. 14). A autora destacou, ainda, que muitas mulheres foram torturadas. Assim como os homens que lutaram contra a ditadura, “[...] as mulheres foram alvo sistemático de violações sexuais. A prática de estupro e abortamentos forçados foi corriqueira, nas sessões de tortura, quando se tratou de repressão política violenta contra as militantes de esquerda” (p. 14).

Com o exílio, grande parte das mulheres começaram a familiarizar-se com pensamentos e ideias feministas, percebendo a existência do machismo na guerrilha e voltando para o Brasil com uma nova forma de realizar a militância, algo que foi responsável por influenciar o movimento feminista (Martins, 2018).

Segundo a autora, em maioria, o destino das mulheres exiladas era a Europa, onde havia uma concentração de brasileiros na França. Paris foi uma importante sede dos grupos denominados feministas, que buscavam expandir as suas ideias por meio da criação de ligações brasileiras que foram em busca de exílio. Porém, a reação dos homens exilados com essas novas formas de pensamento não foi positiva, haja vista que muitos proibiam as suas companheiras de participarem das reuniões, argumentavam que eram assuntos de pequeno-burguês e, assim, poderiam prejudicar a luta maior (Martins, 2018).

Ainda conforme Martins (2018), as mulheres de esquerda não percebiam o machismo estruturado nos grupos de militância antes do exílio, pois o feminismo era pouco conhecido no Brasil e o mais importante era acabar com o regime inserido no país. Além disso, houve a criação do estereótipo da mulher de organizações como a guerrilha armada, eram conhecidas como as mais ativas e também não eram tão bem vistas como um homem que militava na mesma guerrilha.

As mulheres também foram negligenciadas e sofreram com as desigualdades, eram tiradas de cargos altos como as organizações das guerrilheiras por serem consideradas “emocionalmente instáveis”, mesmo sendo importantes para a obtenção de informações e a organização dos combates. Eram consideradas inofensivas por banqueiros e generais que, ao serem seduzidos por elas, compartilhavam informações secretas e importantes para as guerrilhas. Porém, as mulheres que mantinham uma aparência masculinizada eram as mais respeitadas dentro da guerrilha, além de serem melhores treinadas do que as mulheres femininas, que acabavam realizando um treinamento menos intensivo (Martins, 2018).

Segundo Alves (2022), ocorreu uma reviravolta com o movimento feminista na metade dos anos 1970, estabelecendo como o centro das discussões a relação entre homem-mulher:

[...] De fato, os debates feministas também giravam em torno de lutas pela anistia e pelo retorno das liberdades democráticas, além das demandas que impactam a vida cotidiana, como a necessidade de creches. Em todos os casos, essas demandas particulares das mulheres e as demais reivindicações por melhorias na vida diária a partir de políticas sociais representavam símbolos da oposição contra a ditadura civil-militar. Além disso, elas incluíam matérias específicas, tais como violência doméstica, condições de trabalho das mulheres, direitos reprodutivos, aborto e sexualidade (p. 178).

De acordo com Alves (2021), o slogan do Movimento Feminista dos anos 1970, “Nosso corpo nos pertence”, alertou para a problemática da falta de autonomia das mulheres em relação as decisões do próprio corpo, referente a sexualidade e a maternidade. As mulheres que procuravam construir uma proposta ideológica contra a desigualdade e a opressão, seriam

possíveis apenas se construíssem um “[...] um fazer político que negasse os mecanismos impeditivos do desenvolvimento de uma consciência como seres autônomos, superando a negação de as mulheres participarem da vida pública e privada” (Alves, 2021, p. 59).

Portanto, com a redemocratização em 1980, o feminismo no Brasil desenvolveu-se a partir da organização de muitos grupos coletivos que buscavam debater sobre muitos temas como: as questões relacionadas ao aborto, violência, sexualidade, direito ao trabalho, igualdade no casamento, direito à terra e a saúde materno-infantil, lutas contra o racismo, orientação sexual, entre outros. Organizavam-se próximos de movimentos populares de mulheres em bairros pobres e favelas, e outras mulheres ampliaram a sua militância no pensamento de esquerda. O que exigiu uma visão crítica da própria relação do feminismo e os partidos de esquerda, ou seja, a construção de programas que pensem não só a classe mas também “[...] as relações patriarcais, divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres, raça/etnia, participação da mulher na política, é importante porque, em realidade, é constitutiva das lutas mais amplas pela igualdade e liberdade (Alves, 2021, p. 60).

3.2 O PERCURSO DE CRISANTINA DIAS COMO VEREADORA NA CIDADE DE BARRO

Na posse como vereadora da Câmara Municipal de Barro, em janeiro de 1967, Crisantina Dias realizou um discurso para a população e as demais autoridades presentes na ocasião. O pronunciamento foi escolhido por ela para ser publicado no livro *Memórias de uma professora* (2010), referindo-se às eleições, que ocorreram dia 15 de novembro de 1966.

No início do pronunciamento, ela destacou que pretendia, por meio do discurso, expressar os seus sentimentos e esperava também que fosse comum aos que iriam governar durante os quatro anos seguidos no município. Além disso, argumentou que, com o novo governo, surgia novas esperanças, a fé na realização de inovações em processos administrativos e, com isso, alcançando surpreendentes resultados. Aos que foram eleitos caberia a responsabilidade de assegurar ao município melhores condições para o progresso do futuro:

Só assim, podemos corresponder a expectativa dos nossos munícipes, pondo a prova o desempenho de nossas atividades governamentais, através de um trabalho perseverante e realizador, para confirmar concretamente as impressões de todos nós, na ação justa e despretensiosa de um governo profícuo e construtivo. Todos reclamam a solução dos problemas que se avolumam ao longo dos anos, e pela qual o nosso povo reclama e anseia com toda razão (Dias, 2010, p. 33).

Após defender a ideia de que seria necessário o trabalho perseverante, Crisantina Dias ressaltou o desejo de todos em contribuir para o progresso do município, pois, ao realizar um levantamento superficial na cidade, foram encontrados um grande número de trabalhos não realizados ou concluídos. Para ela, seria necessário analisar quais os fatores que dificultaram o desenvolvimento dos projetos para a melhoria da cidade, uma vez que já não era mais permitido a passividade diante o descaso com a causa pública. Para concluir o seu pensamento, ela destacou que “[...] já não mais se aceitam as obras de fachadas apresentadas apenas nas promessas pré-eleitorais. O povo prefere o debate franco ante a realidade dos fatos dos que disputam o poder como condição de merecer o voto” (Dias, 2013, p. 34).

Em seguida, a vereadora discutiu que não seria permitido aos chefes e demais autoridades a desatenção ou distração com os problemas do município, sendo importante lutarem para conseguirem o desenvolvimento e progresso tanto das regiões urbanas como nas rurais, sobretudo com as reivindicações coletivas.

Para isso, exigia um planejamento prévio e seguro, principalmente nas áreas mais necessitadas da cidade, nos campos da educação, saúde, agricultura, entre outras. Assim, o trabalho deveria ser feito com ordem para livrar-se dos fracassos comuns nas prefeituras, quando realizam trabalhos improvisados. Sem a organização prévia, sem o estudo e orçamento essencial para a realização das obras, comprometia-se os cofres públicos, que ficavam propensos a uma paralisação total, o que poderia gerar descontentamento na população e desequilíbrio no município. A vereadora escreveu sobre as obrigações dos governantes e também dos governados:

Ser chefe não é só galgar uma posição elevada, comandar uma massa humana, impor leis aos subordinados, mas é sobretudo liderar com êxito e inteirar-se dos diversos assuntos, ouvir e atender o povo, sentir os seus problemas e procurar solucioná-los. É governar sem paixão e sem interesse próprio ou partidário. Mas, indistintamente, atendendo a todos na medida do possível, combatendo, se preciso, as incompreensões aplicando a justiça conforme as causas determinantes dos fatos. Eis em resumo as obrigações dos governantes. Falemos também no que compete aos governados, estes precisam ser compreensivos e disciplinados no que diz respeito à ordem pública, contribuindo com os impostos que lhes são devidos, para que estes rigorosamente aplicados redundem em seu próprio benefício. Os governantes governam com o povo numa completa integração pelo bem comum. Espero e confio que o nosso bom povo saberá cooperar para o bom andamento da nossa comuna, aderindo às boas causas da administração pública, deixando de lado os interesses pessoais e apoiando as obras coletivas que venham a beneficiar a muitos e não a um só indivíduo (Dias, 2010, p. 34-35).

É possível compreender, na fala da vereadora, a sua visão e entendimento das principais atribuições dos sujeitos que faziam a política local. O governante como alguém capaz de não só impor as leis, mas liderar em todos os assuntos e resolver os problemas do município, sem interesses próprios, mas buscando a justiça. Já os governados teriam o papel de contribuir com o governo, apoiando as obras sociais para o bem da população e contribuindo para um bom desenvolvimento da cidade:

Espero que minhas sinceras palavras tenham encontrado ressonância no coração dos que me ouvem, já que foram ditadas pela consciência de quem está cheia de boa vontade para contribuir o mais que possa, afim de que no final do nosso mandato possamos entoar o cântico vitorioso das conquistas, elevando o nosso município aos mais dignos e altos destinos. Obrigada (Dias, 2013, p. 35).

Para finalizar, a vereadora ressaltou a sua expectativa de que os políticos eleitos, sobretudo os colegas vereadores, exerceriam o mandato com responsabilidade, com uma administração profícua, justa e séria para merecer o cargo que o povo concedeu e, assim, contribuir com o avanço e progresso do município.

Imagem 18: Eleições Municipais 1966

TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DO CEARÁ
SECRETARIA DE INFORMÁTICA
SEÇÃO DE ESTATÍSTICAS ELEITORAIS

ELEIÇÕES MUNICIPAIS de 15 de novembro de 1966
MUNICÍPIO DE BARRO

CARGO	PARTIDO	SITUAÇÃO	CANDIDATO	VOTOS	
PREFEITO	ARENA	Eleitos	Firmino Tavares Martins	1049	
VICE-PREF.			Moacir Luiz Gonzaga	1049	
PREFEITO	-	Não Eleito	Ataulpa Tavares	1033	
VOTOS EM BRANCO				187	
NULOS				116	
TOTAL DE VOTANTES				-	
V E R E A D O R	A	Eleito	João Fernandes	283	
		Eleito	Francisco Assis Feitosa	281	
		Eleito	José Wagner Andrade da Silveira	211	
		Eleito	Francisco Antonio de Souza	197	
		Suplente	Horácio Bandeira	151	
		Suplente	Raimundo Barbosa	105	
		Suplente	Mariano Fernandes	60	
		VOTOS SO DE LEGENDA			8
		TOTAL DA SUB-LEGENDA			1296
		R	Eleito	Pedro Tavares	231
	Eleito		Joaquim Gonçalves	182	
	Eleito		Crisantina Monteiro	173	
	Suplente		José Quinco e Silva	152	
	Suplente		Silvio Esmeraldo	80	
	VOTOS SO DE LEGENDA			8	
	TOTAL DA SUB-LEGENDA			826	
	M	DB	Não Eleito	Joaquim Batista dos Santos	190
			TOTAL DO PARTIDO		
	VOTOS EM BRANCO				57
	NULOS				16
VOTANTES				-	

Fonte: Ata Geral de Apuração e Boletim Eleitoral - Ano XII - Nrs. 28 e 30

Fonte: Tribunal Regional Eleitoral do Ceará (TRE-CE)

A presente imagem, refere-se ao resultados das eleições municipais da cidade de Barro, no ano de 1966, para os cargos de prefeito, vice-prefeito e vereadores. É possível observar que os políticos fazem parte dos partidos: Aliança Renovadora Nacional - ARENA com a divisão (ARENA 1 e ARENA 2) e o Movimento Democrático Brasileiro - MDB. Logo, a vereadora fez parte do partido ARENA 2 e recebeu 173 votos, além de ser a primeira mulher eleita vereadora no município e única na Câmara, conforme o levantamento dos votos realizado pelo Tribunal Regional do Ceará - (TER - CE)¹⁶.

No livro de Atas de 1966 a 1973, foram registradas as reuniões do novo governo eleito. A sessão do dia 24 de março de 1967, ocorreu no salão da prefeitura, destinado para as reuniões da Câmara, momento em que se realizou a posse dos novos eleitos no pleito de 15 de novembro de 1966. Crisantina Monteiro Albuquerque¹⁷ foi eleita pela ARENA (Aliança Renovadora Nacional), ocupou o cargo de primeira secretária da câmara¹⁸, portanto, era responsável por registrar as sessões no livro de atas. Durante esse período, estiveram Firmino Tavares Martins no cargo de prefeito e Moacir Luiz Gonzaga como vice-prefeito.

Na sessão do dia 12 de março, houve a divisão para as comissões de finanças, justiça e orçamento – a vereadora foi escolhida para a comissão de justiça, juntamente com Francisco Antônio de Souza. Além disso, na ata, consta o pedido da vereadora em dois projetos: primeiramente a necessidade de construir um aparelho sanitário no açougue da cidade, solicitando da Prefeitura Municipal cem mil cruzeiros velhos, com liberação para uma quantidade maior, caso houvesse a necessidade. Pela exigência de higiene no local, o projeto foi encaminhado ao executivo.

O segundo projeto, destinava-se para a contratação de um zelador para o grupo escolar estadual, o único da cidade, solicitando uma ajuda de doze mil cruzeiros. Ela relatou que, como ainda não existia o cargo, não poderia solicitar do Estado, assim a prefeitura seria responsável, uma vez que se tratava de um problema do município e seria importante para o bem comum das escolas e da coletividade, de modo que o pedido também foi encaminhado.

Vale destacar que, e ainda na mesma ata, Crisantina Albuquerque fez um parecer sobre o ensino do município, em que ela considerou que fosse realizado um concurso - “à base do 3 ano ano primário”- , antes da nomeação dos candidatos, para que não fossem contratadas pessoas

¹⁶ Link para o acesso aos resultados das eleições municipais do Ceará, em 1966: <https://www.tre-ce.jus.br/eleicao/resultados>

¹⁷ Nome da professora de solteira, após o casamento houve a mudança do sobrenome Albuquerque para Dias.

¹⁸ Segundo o Livro de Atas, na sessão do dia 24 de março, ocorreu a eleição dos membros que iriam dirigir a nova Câmara Municipal: para presidente João Fernandes, para vice-presidente Joaquim Feitosa Gonçalves, para primeiro secretário Crisantina Monteiro Albuquerque e para segundo secretário José Vagner Andrade.

“incapacitadas” e “ com visão de melhoramento e desenvolvimento do ensino, na zona rural”. O parecer foi debatido e João Fernandes pronunciou-se a favor do parecer e, segundo o seu pensamento, para o “desajuste das escolas municipais devendo por-se de lado o interesse político e num aproveito justo e desprezioso das professoras capazes, dar-se assim, uma melhor afeição as escolas públicas deste município” (Prefeitura Municipal de Barro, Livro de Atas: 1966 a 1973. Barro: Câmara Municipal, [1973?]).

Na ata do 28 do mês de março de 1967, estão presentes novamente os projetos de Crisantina Monteiro Albuquerque, que foram as pautas do dia. Porém, não há menções na ata se os projetos foram aprovados pela Câmara. A autora do projeto de lei nº 1/67, para o crédito de cem cruzeiros novos, com a finalidade de construir um sanitário no açougue do município e, além disso, pedindo a contratação de um zelador para o grupo escolar da cidade, que seria feito o pagamento mensal a critério do prefeito.

Outro projeto de lei proposto pela vereadora, em 12 de setembro de 1967, pedindo a aprovação de mil cruzeiros novos para a construção do clube União Barrense, sendo uma obra do interesse de todos os barrenses, sendo aprovado por todos. Na sessão do dia 26 de setembro de 1967, ela apresentou o projeto nº 5 e solicitou novamente uma verba para a construção do clube no valor de um milhão de cruzeiros velhos, a qual foi vetada pelo prefeito Firmino Tavares Martins, em virtude da Prefeitura não ter orçamento suficiente, prometendo liberar a verba no ano seguinte, em 1968.

Ademais, na sessão do dia 30 de setembro de 1967, ocorreu a apresentação do projeto de nº 6 de Crisantina Albuquerque referente a aprovação ao título de cidadania para o Dr. Francisco de Assis Cavalcante Matos, engenheiro chefe da obra BR 116 - “rodovia pertencente ao Departamento Nacional de Estrada de Rodagem, que fica a margem da nossa cidade” (Prefeitura Municipal de Barro, Livro de Atas: 1966 a 1973. Barro: Câmara Municipal, [1973?]). Por se tratar de um cidadão de honra e importante para a história da cidade, o projeto foi aprovado pela Câmara.

No dia 24 de março, ocorreu a sessão para a eleição da nova diretoria, que iria dirigir a Câmara no período de 24 de março de 1968 a 24 de março de 1969. Foram distribuídos os cargos da seguinte maneira: João Fernandes - presidente, Joaquim Gonçalves Lustosa - vice-presidente, Crisantina Monteiro Albuquerque - primeiro secretário e José Vagner de Andrade Silveira - segundo secretário. A posse dos novos membros diretores da câmara ocorreu no dia 25 de março de 1968.

Na sessão do dia 3 de setembro de 1968, o vereador Pedro Tavares apresentou um projeto que se destinava na mudança no nome das ruas, para outros que seriam oficializados.

Durante o momento de discussão, a vereadora Crisantina Albuquerque demonstrou o seu descontentamento com o projeto, que deixava muito a desejar, pois era deselegante o nome das ruas com pessoas vivas ou jovens, porém, relatou que aprovaria o projeto.

Para o vereador Vagner Andrade, a rua com o nome de José Dias Cabral, futuro esposo de Crisantina Albuquerque, que, segundo a ata, era engenheiro filho da terra e que, futuramente, seria o nome de alguma rua da cidade, deveria ser substituído pelo nome de Joaquim Alves de Oliveira, em razão do seu empenho para o progresso da cidade, pelo seu trabalho como vigário, pelos sacrifícios para a assistência aos habitantes, pertencente na época à paróquia de Milagres. Além disso, para ele, o engenheiro José Dias ainda não tinha realizado trabalhos no município e seria cedo para honrá-lo dessa maneira.

Em seguida, Crisantina Albuquerque novamente com a palavra, relatou que o projeto já estava no conhecimento da família de José Dias. Dessa forma, merecia que fosse aprovado, para evitar algum conflito e mágoas com a família, visto que era uma das mais tradicionais da cidade, além disso “[...] era preciso uma emenda geral no projeto, afim de que o mesmo viesse figurar nomes ilustres de pessoas falecidas, filhos do Barro e que ali não estavam em relevo, por esta ou aquela razão”. O presidente da Câmara propôs o projeto para uma segunda discussão.

No dia 20 de setembro de 1968, houve a discussão do projeto de lei do vereador Pedro Tavares de Almeida sobre os nomes das ruas que deveriam ser oficializados. Em discussão, o vereador José Vagner Andrade Silveira propôs a troca do nome de José Dias Cabral por Joaquim Alves de Oliveira, porém o vereador Horácio Bandeira não concordou com o projeto, pois eram nomes de dois homens rivais. As demais pessoas, em maioria, concordaram com o projeto, que foi aprovado.

De acordo com a ata, no dia 24 de março de 1969, ocorreu a eleição para a nova diretoria para reger a Câmara de 24 de março de 1969 a 24 de março de 1970. Como presidente Pedro Tavares de Almeida, para vice-presidente José Quinco e Silva, primeiro secretário João Fernandes Pereira¹⁹ e segundo secretário José Vagner Andrade. Nota-se a falta da vereadora na nova direção.

Porém, ela registrou a sua fala durante a ocasião, primeiramente relatou que “[...] não fazia diferenças especiais a nenhum dos seus colegas e tratava a todos igualmente. Tanto ao ex-presidente como ao novo, tinha para eles um pensamento que fosse tão harmoniosamente executada como foi o daquele” (Prefeitura Municipal de Barro, Livro de Atas: 1966 a 1973.

¹⁹ A partir da próxima ata, foi o responsável por escrever as sessões no livro, ao invés de Crisantina Albuquerque.

Barro: Câmara Municipal, [1973?], p. 34). Ao dizer enxergar o mesmo desejo de trabalhar para o bem do povo, para ela, sempre haveria nos membros da atual Câmara a compreensão e concordância e os seus votos era que continuasse assim, “[...] procurando cada um cumprir o seu dever dentro dos deveres e direitos que lhes assiste. Esperava encontrar o mesmo beneplácito do sr. Prefeito para uma verdadeira conquista de progresso da nossa comuna” (Prefeitura Municipal de Barro, Livro de Atas: 1966 a 1973. Barro: Câmara Municipal, [1973?], p. 34)”.

Vale ressaltar que, na sessão do dia 25 de março de 1969, ocorreu uma nova eleição para a formação das comissões da seguinte forma: para legislação e administração, presidente João Fernandes Pereira, primeiro secretário Raimundo Barbosa de Moraes, finanças presidente-Crisantina Albuquerque, primeiro secretário José Vagner de Andrade, segundo secretário José Quinco e Silva.

Na reunião do dia 27 de março, durante o momento, Crisantina Albuquerque realizou uma fala sobre a precariedade do funcionamento do ensino primário no município. Segundo a ata, a vereadora pediu o apoio dos seus colegas para o assunto chegar às autoridades responsáveis, como o executivo municipal, que estaria se desenvolvendo em outros setores administrativos, esquecendo desse campo primordial. Na ata do dia 03 de abril de 1969, há menções novamente ao ensino da cidade pelo vereador Raimundo Barbosa, sendo um problema que mais de uma vez foi debatido na Câmara e sem resoluções, mas que a vereadora Crisantina Albuquerque teria iniciado as discussões, sugerindo um teste²⁰ para as professoras do município.

Além disso, na ata de 24 de março de 1970, ocorreu a eleição para os membros da nova diretoria, de acordo com o resultado: José Quinco e Silva - presidente, Crisantina Albuquerque - vice-presidente, João Fernandes Pereira - primeiro secretário e José Vagner Andrade Silveira - segundo secretário. A composição da nova comissão ocorreu dia 7 de abril, em finanças - presidente Vagner Andrade Silveira, secretário Pedro Tavares Almeida e membro Francisco Antônio de Sousa; para orçamento - presidente Francisco Antônio de Sousa, secretário Crisantina Albuquerque e membro Raimundo Barbosa de Moraes; justiça - presidente João Fernandes Pereira, secretário Pedro Tavares Almeida e membro José Quinco e Silva.

Para finalizar, na reunião com os novos vereadores eleitos e diplomados para as instalações da nova Câmara e mesa diretora, em 24 de março de 1971, Crisantina Albuquerque foi escolhida para a secretaria da reunião. Assim, registrou no livro de atas, entre os nomes dos

²⁰ O referido teste para as professoras, foi solicitado pelo prefeito do município na sessão do dia 17 de abril de 1969.

vereadores, o seu esposo, José Dias Cabral no partido da ARENA. Outrossim, também registrou a cerimônia de posse do prefeito e vice, João Fernandes Pereira e Pedro Tavares de Almeida. A partir das sessões seguinte não há a participação de Crisantina Albuquerque, provavelmente pois o seu mandato ocorreu de 1967-1970 e da sua escolha em não se candidatar novamente como vereadora do município.

Nesse sentido, Silveira (2018) discutiu a ação da ARENA na zona norte do Ceará, afirmando que, apesar de o golpe de 1964 ter sido esperado, as consequências eram imprevisíveis, pela ausência de clareza no caminho a ser tomado. Dessa forma, torna-se difícil avaliar o que levou os grupos políticos do Ceará a adotar e permanecer com os partidos da ARENA e MDB. Porém, a autora afirmou que, para a ARENA, não era difícil cogitar, pois “[...] estar no partido do governo é muito confortável e atraente. Já ao MDB é mais complexo, filiar-se a um partido legalmente de oposição em regime autoritário é sempre melindroso” (p. 95). A autora destacou quais são as memórias existentes sobre os dois partidos, de acordo com cada atuação:

A memória acerca do MDB é do partido de gente brava, guerreira, que sem armas, sem sangue combateu o autoritarismo e restaurou a democracia, inaugurando um novo tempo na história do Brasil – a Nova República. Já a ARENA não goza do mesmo prestígio. Lembrada principalmente como o partido do sim, senhor, que aderiu, representou e sustentou o regime autoritário, não é reivindicada por nenhum grupo político como nome a ser recuperado (Silveira, 2018, p. 96).

No caso do Ceará, segundo dados do TRE, a maioria dos municípios apoiou a ditadura. Com a extinção dos antigos partidos políticos, houve a criação das duas agremiações provisórias: *União Parlamentar Revolucionária do Ceará (UPRC)* e o *Bloco Democrático Renovador (BDR)*. Em relação à ARENA, segundo Silveira (2018), foi o partido que mais utilizou de sublegendas, uma vez que constituía uma agremiação maior e diversificada, chegando a dividir-se em três sublegendas, embora fosse mais comum em duas - como foi o caso da cidade de Barro, na eleição de 1966 - o MDB também utilizou dessa prática, com divisão de duas sublegendas e raramente em três.

Porém, a autora argumentou que, “[...] apesar das sublegendas, o partido era único, o diretório era um só, as sublegendas eram definidas quando da convenção para escolha dos candidatos para os pleitos municipais (Silveira, 2018, p. 104)”, assim era necessário o apoio de pelo menos 20% dos filiados para a criação das sublegendas. Em muitos municípios, as sublegendas não apareciam em todas as eleições (Silveira, 2018).

Segundo os registros do livro de atas, a vereadora atuou na maior parte como secretária, na comissão de justiça e na vice-presidência da diretoria. Por meio da atuação de Crisantina Albuquerque no partido da ARENA, é possível entender que alguns dos projetos de lei de sua autoria buscavam o benefício da população, principalmente no setor da educação, por meio da contratação de professoras de fato qualificadas para os cargos, além de discutir a precariedade do ensino e a falta de investimentos.

Além disso, em algumas passagens do Livro de Atas, a vereadora colocou em discussão o projeto para a construção do clube União Barrense e outro para a aprovação do título de cidadania do Dr. Francisco de Assis Cavalcante Matos, bem como a sua opinião contrária ao projeto para a oficialização e troca da rua com o nome de José Dias Cabral para Joaquim Alves de Oliveira. Com as novas eleições no município, Crisantina Dias escolheu não se candidatar novamente, mas relatou o desejo para que os novos candidatos realizassem a trabalho na Câmara visando o bem da população.

Nesse sentido, segundo o estudo de Cordeiro (2021) sobre as marchas realizadas pelos grupos femininos de direita durante a ditadura militar, buscaram produzir o discurso de que as mulheres tiveram um papel importante na organização de eventos responsáveis pela queda de Jango. E as associações cívicas femininas apareceram como um fenômeno importante na vida política no país entre as décadas de 1950 e 1960.

Teles (2014) discutiu que as mulheres que organizaram as massas femininas eram de classe média, em sua maioria brancas, donas de casa, esposas de militares ou empresários e católicas. Porém, aquelas que formavam o maior grupo de mulheres eram pobres, empregadas domésticas, moradoras das periferias, que foram influenciadas pelos discursos religiosos e anticomunista.

Já as mulheres do campo progressista e de esquerda não estavam organizadas de maneira autônoma e com a convicção da luta pelos seus direitos: “[...] o que possibilitou que as forças mais retrógradas não encontrassem dificuldades para se aproximar das mulheres das camadas populares, atemorizando-as com os perigos demoníacos dos comunistas (p. 11)”. Ainda de acordo com a autora, as mulheres de direita receberam orientações de grupos do regime para a realização de eventos anticomunistas e também para impedirem qualquer mudança de caráter popular (Teles 2014).

Dessa forma, Cordeiro (2021) argumentou que a própria participação da mulher no mundo político possui um sentido redentor, de salvação para o lar, a família e a religião, instituições que formam o modo de vida cristão e que estão acima de disputas e questões políticas. Logo, a figura feminina não pertenceria ao espaço público do político, apenas ao

privado, mas que atuava em diferentes representações como “[...] estabilizadora, civilizadora, apoio dos poderes fundadores, pedestal da moral (Perrot, 2017, p. 172)”.

Assim, segundo Cordeiro (2021), a mulher foi transformada no próprio símbolo de uma “revolução”, que seria supostamente pacífica, pois não derramou sangue, além de ser salvadora e purificadora da nação. Esses discursos ampliaram e influenciaram a participação das mulheres durante o regime, em diferentes espaços e localidades, uma vez que estimularam a participação no campo político em defesa dos valores cristãos e para contribuir com o desenvolvimento das cidades, como foi o caso de Crisantina Dias, segundo a sua trajetória de vida e atuação como vereadora na Câmara no município.

3.3 O SILENCIAMENTO DA SUA MEMÓRIA NA POLÍTICA EM SEUS LIVROS AUTOBIOGRÁFICOS

Ao longo dos livros autobiográficos, a professora escreveu sobre temáticas relacionadas a sua vida e trajetória de trabalho, sobretudo no campo da educação. Assim, realizou recortes e registrou a narrativa das memórias que julgou serem importantes, com a influência dos acontecimentos da época e conforme as solicitações dos amigos, ex-alunos e a família. Nesse sentido, em relação a sua trajetória política, a professora escolheu adicionar apenas o pronunciamento da posse como vereadora, presente no livro *Memórias de uma professora* (2010). Porém, relatou sobre o desenvolvimento da política no município, bem como a trajetória de alguns políticos que, segundo a sua visão, foram importantes para a história local.

Como a trajetória de José Alves Feitosa (Zequinha), em que ela escreveu para homenageá-lo em festa de aniversário, no dia 19 de março de 1981, sendo ele seu primo legítimo. Ela narrou como ocorreu as comemorações da festa de 70 anos do prefeito, que contou com a participação da população em reconhecimento e agradecimento por sua administração: “[...] Certa de que é laborioso e vigilante/ No trabalho pelo bem do município/ Como vem executando desde o princípio/ Continuará cada vez mais operante (Dias, 2010, p. 96)”.

Ainda no primeiro livro, ela escreveu, sobre novembro de 1983, uma homenagem no primeiro ano como prefeito de Afonso Leite Tavares, em formato de acróstico, a partir da inicial de cada letra do nome completo do prefeito. Em pequenos versos, ela destacou a trajetória dele que nasceu no campo e, a partir dos estudos, conseguiu alcançar os seus objetivos, sendo um homem admirado na cidade por seu trabalho desenvolvido na busca por melhorias para o povo e ações para o progresso da cidade.

Crisantina Dias ainda produziu um texto sobre a trajetória de Valter Sá Cavalcante, destacando sua contribuição para a cidade: “[...] um dos maiores benfeitores, senão o maior, pois a ele devemos a elevação da nossa comuna a categoria de cidade, ou seja, a criação do nosso município. Sem dúvida uma das maiores aspirações do nosso povo” (Dias, 2010, p. 219). Segundo a professora, ele nasceu em Aurora, no Ceará, foi bacharel em Direito, um intelectual competente, escritor, jornalista, bem como ocupou o cargo de deputado estadual e federal, foi responsável por conseguir verbas para a construção do primeiro Grupo Escolar, que levou o seu nome e, por fim, contribuiu para a criação do município de Barro, o decreto foi assinado e autorizado em 22 de novembro de 1951, que ficou reconhecida e também festejada como o dia do município.

Em *Fragmentos de uma história* (2013), Crisantina Dias descreveu alguns acontecimentos da esfera política do município, desde a própria emancipação política, que trouxe novos horizontes e a esperança de melhorias na localidade, bem como a primeira eleição que elegeu Justino Alves Feitosa. Durante o seu mandato, de 1955 a 1958, o prefeito enfrentou dificuldades pela falta de verbas suficientes para investir na cidade: “o Tesouro Nacional/ Mandava pequenas quotas/ Que não cobriam as rotas/Do então novo município/ Somente uma por mês/ (...) Era um jogo de cintura/ Pra fazer a cobertura/ De tantas necessidades (p. 90)”.

Segundo a professora, visto a falta de eletricidade, o prefeito comprou um motor para gerar energia, além da construção do primeiro grupo escolar e outros encaminhamentos para o município. Ao longo de 60 anos, muitos grupos políticos passaram pela administração da cidade, mas a professora não relatou as particularidades de cada uma. Segundo ela, devido à falta de memórias e para evitar equívocos com as informações, decidiu realizar um resumo dos principais acontecimentos, aqueles que ela vivenciou e tinha certeza que realmente aconteceram, assim prosseguiu com o relato:

No segundo e terceiro quadriênios, as administrações quase não avançaram, dado certas transformações na política que já dividida em duas correntes, gerou muito oposicionismo. Em todo território nacional havia apenas dois partidos: PSD (Partido Social Democrático) e UDN (União Democrática Nacional) cada uma das correntes se agregou a uma destas facções que se debatiam pelo poder. As desavenças locais foram tantas que culminaram em três bárbaros assassinatos, dos quais foram vítimas Gregório Feitosa, João Rufino Feitosa, grandes representantes políticos e ainda um Gilberto de tal, motorista de fora que estava prestando serviços a um dos candidatos numa breve disputa eleitoral (p. 92).

Em meados do anos 1960, ocorreram ações governamentais importantes como a construção do primeiro posto médico Adília Gonçalves, a implementação da energia de Paulo Afonso, além da edificação de algumas obras como o mercado público no centro do comércio no lugar do galpão para os feirantes, além do calçamento de algumas ruas, a construção da praça Gregório Feitosa e algumas escolas nos distritos e na zona rural.

Já nos anos 1970 e 1980, a professora relatou que houve muitas realizações em todos âmbitos da sociedade barrense. Na educação, ocorreu a fundação do MOBREAL, a construção das escolas estaduais de 1º grau Justino Feitosa, a escola Gov. César Cals, a do Dr. Antônio Tavares em Iara, a criação da Biblioteca Municipal.

Imagem 19: Biblioteca Municipal Crisantina Monteiro Dias (1984)



Fonte: IBGE - <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/barro/historico>.

Além disso, na mesma época aconteceu a construção de Grupos Escolares nos distritos e a Escola Soledade André, na Vila São José, bem como ocorreu o funcionamento de creches para a infância, a criação da escola de 2º grau Mauro Sampaio, e a construção de Grupos Escolares e escolas na zona rural, que proporcionaram o acesso à educação para a sociedade barrense.

No setor da saúde, houve a criação do hospital Presidente Médici, sendo o primeiro no município, bem como postos de saúde nos distritos e a assistência médica e odontológica, por fim, ocorreu a construção do hospital Santo Antônio. Ademais, a eletrificação entendeu-se para a zona rural, houve a instalação de telefone fixos em alguns pontos da cidade, além da emissora de rádio Boa Esperança, em 1986.

A prefeitura também contou com diferentes máquinas para a construção de estradas, açudes, passagens e outros serviços públicos. Houve a instalação da CAGECE, bem como

diversas obras públicas para o progresso e a melhoria da qualidade de vida populacional e, por fim, a professora destacou a inauguração, em 1988, do açude Prazeres, no distrito de Cuncas, em que contou com a presença do Presidente da República José Sarney, do prefeito Afonso Tavares, além de outras autoridades e da própria população, sendo um evento importante para a história da cidade, que permaneceu como uma memória viva para os barrenses.

Os registros feitos pela professora se referem aos acontecimentos políticos, o próprio desenvolvimento da cidade, a trajetória de políticos e de pessoas que ela considerava importantes, por terem marcado a história da cidade. Porém, durante a escrita dos dois livros, a professora não relatou as suas memórias do período em que trabalhou como vereadora na Câmara do município, ou seja, quando se referiu ao tema da política, é possível observar a ausência dos registros sobre a sua atuação, como a primeira mulher eleita vereadora durante o período do regime militar e sendo a única entre os homens a ocupar o espaço, que durante muito tempo era destinado apenas ao masculino.

Tendo em vista os seus projetos de leis colocados em discussão, é importante destacar a sua contribuição para a construção do clube União Barrense, visto que, durante o trabalho como vereadora, conforme o Livro de Atas, foi registrado em duas sessões o seu pedido para serem destinadas verbas para a obra, mas que o projeto foi aprovado uma única vez. Provavelmente, não houve de fato o investimento de verbas por parte da prefeitura, visto que, quando a professora escreveu sobre a construção do clube, não houve menções sobre as contribuições da Câmara, bem como os projetos que foram criados por ela, visando o desenvolvimento da edificação.

No livro *Fragmentos de uma história* (2013), a professora relatou que a fundação do clube ocorreu em 1965, a partir da iniciativa de Geraldo Basílio e Moacir Gonzaga, que chegaram de Brejo Santo, no Ceará, com essa ideia, pois recentemente tinha sido fundado um clube naquela cidade. Após movimentar a população barrense em busca de sócios para o clube, houve a criação do regimento e a formação da diretoria que seria responsável pela organização. A professora escreveu que, ao longo das reuniões, cresceu o número dos associados. Uma crise financeira prejudicou o avanço da obra, porém, continuaram em busca de retomar a construção:

Modéstia à parte, eu como secretária do Clube e interessada em construí-lo, ia sempre a irradiadora falar sobre o assunto dando o incentivo necessário para uma retomada de posição. Recorria a um, a outro, mas ninguém queria assumir a direção do Clube pelos motivos aludidos (Dias, 2013, p. 77).

Outrossim, realizaram uma festa para os times de futebol Ceará e Fortaleza, tendo em vista a rivalidade entre ambos, e promoveram um concurso para eleger a rainha do Clube. Logo, realizaram algumas ações para arrecadar dinheiro como rifas, leilões e receberam doações de cidades vizinhas, conseguiram obter da festa cinquenta e dois mil cruzeiros. Destinaram uma parte para finalizar a obra do Ginásio Santo Antônio e o restante foi investido no clube. Com o passar dos anos, muitas agremiações estiveram na direção do clube, que passou por melhorias e promoveu diversos eventos sociais no município.

Para além das memórias de sua trajetória na educação, as reflexões da própria vida e temas do seu interesse, vale ressaltar que a professora escreveu em ambos os livros sobre a história de vida e o percurso de algumas pessoas como familiares, ex-alunos e barrenses que foram importantes para a sua vida. Além disso, destacou algumas figuras que mereciam reconhecimento, pois contribuíram para o desenvolvimento do município ou que, a partir dos seus feitos, tornaram-se importantes para a história.

No livro *Memórias de uma professora* (2010) estão reunidos alguns escritos sobre a trajetória de algumas pessoas, cabe destacar os nomes de *Maria Tavares de Sousa*, *José Quintino Monteiro* e *José André Rodrigues (Zecandrê)*. José Monteiro, conhecido como Zequinha, foi irmão do pai de Crisantina Dias, sendo filho de João Monteiro Damasceno e Antonia Maria da Conceição, vivendo com a sua família na cidade de Aurora e com o sustento da agricultura.

Enfrentou dificuldades para ter acesso ao ensino, juntamente com os seus irmãos, porém foi aluno destaque da turma. Ainda jovem, casou-se com Rosa Alencar e teve uma família com doze filhos. Decidiu ir para Fortaleza com o objetivo de realizar o curso que era o seu desejo, assim tornou-se “[...] um famoso advogado rábula, por conhecer as leis e discuti-las com muita propriedade” (Dias, 2013, p. 226). Realizou o seu trabalho por muito tempo, foi reconhecido e recebeu diversos troféus. Segundo Crisantina Dias, ele lutou com audácia e assim venceu como um herói, “por todas as razões aludidas, achei por bem retratá-lo em meu livrinho, já que fez de sua vida uma bonita história, digna de admiração e respeito. Um exemplo a ser imitado (Dias, 2013, p. 227)”.

A professora Maria Tavares de Sousa, juntamente com outras mulheres, realizou reuniões que atraíram às pessoas da cidade e contribuíram para as questões religiosas e sociais. Segundo Crisantina Dias, a professora tinha um dom para a oratória, escrevia e pronunciava discursos eloquentes para saudar autoridades civis e religiosas que chegavam à cidade²¹. As

²¹ Além disso, Maria Tavares tinha conhecimento com os padres salesianos em Cajazeiras, assim conseguiu vagas no colégio para os jovens do município com o objetivo de continuar com os estudos ou por vocações religiosas.

reuniões aconteceram na casa dos Andrés. Crisantina Dias explicou que essa família dedicava-se aos trabalhos religiosos, como cuidar da Igreja, hospedar os padres, os bispos em visitas pastorais e realizavam outras atividades na casa paroquial:

A matriarca era a viúva Maria André do Sacramento, mãe de muitos filhos, destacando-se entre estes a beata Maria Dasdores André, muito virtuosa, Soledade André, cantora, catequista, muito inteligente, compunha até hinos sacros e José André Rodrigues (Zecandrê) que com esforço próprio chegou a ser jornalista e autor de várias obras (p. 223-224).

Crisantina Dias também registrou a vida de José André Rodrigues (Zecandrê), filho de André Rodrigues dos Santos e Maria André do Sacramento. Faleceu dia 29 de setembro de 1989 e deixou um legado de luta e conquistas, principalmente por sua família, que contribuiu para a formação do pequeno povoado. Juntos iniciaram a construção da primeira capela, que foi concluída em 1920.

Os trabalhos eram liderados pela sua irmã, a beata Maria Dasdores, verdadeira apóstola, a quem o povo devotava estima, respeito e plena confiança. Em forma de mutirão, com muito esforço e sacrifício, conseguiram, em 1910, concluir o templo sob os auspícios de Santo Antônio de Pádua que, até hoje é o padroeiro da cidade. Efetivamente, não tardou o aumento da população que muito contribuiu para o seu desenvolvimento (p. 229).

Por conseguinte, era na residência dos Andrés²² onde a sociedade se reunia para planejar as festividades sociais e religiosas. Zecandrê e a irmã Soledade, conhecidos por serem inteligentes e criativos, lideravam as festas, pois ele tocava violão, cantava, promovia serestas e outros divertimentos “sádios” na época. Já Soledade, com habilidades manuais, produzia a decoração do ambiente com flores e outros acessórios, além de ser cantora da igreja, catequista e professora das crianças.

Zecandrê casou com Elisa e exerceu diversas profissões, inicialmente na agricultura, logo após ocupou cargos na Fazenda do Estado e foi jornalista n’*O Estado* e na *Tribuna do Ceará*. Publicou quatro livros: *O Capitão Januário, os cabras de Lampião e a Beata; Poeiras do Meu Caminho; Maçonaria; e Flor da Minha Vida*. Segundo ela,

[...] Era-lhe peculiar o sentimento afetivo a sua terra e a sua gente, sempre que possível, estava presente aos eventos religiosos, sociais e políticos, pronunciando, muitas vezes, vibrantes discursos. Nestas considerações só podemos afirmar que Zecandrê foi uma figura ilustre e histórica, pelo seu

²² Vale destacar que, atualmente a casa da cultura da cidade está localizada na residência dos Andrés, que mantém as características da edificação.

passado de luta, pelo seu trabalho construtivo e pelo empenho em engrandecer sua terra. Zecandrê, um exemplo de vida (Dias, 2010, p. 231).

Em setembro de 2001, Crisantina Dias escreveu uma matéria no jornal da cidade de Barro, *Gente em Destaque*, contando a história de José Nelo Rodrigues, mais conhecido como Zerinho, descendente da família de André Rodrigues. Foi aluno de Crisantina Dias, que relatou como ele era inteligente e tirava boas notas. A sua família foi morar em Cajazeiras, trabalhou no comércio e logo casou-se com a jovem Marizete. Fundou a empresa transportadora *Maraj  Transporte Ltda*, foi empresário e prefeito de Cajazeiras, mas não esqueceu da cidade de Barro, mantendo uma postura simples e continuando a visitar sua cidade natal e a participar de eventos e comemora es: “[...] Encerrando este modesto escrito, digo que são estes seus gestos de nobreza e generosidade, o motivo de nossa maior estima, admira o e credor deste especial destaque em nosso modesto jornal”.

Segundo Gomes (1996), a memória   um trabalho que refaz o passado de acordo com as questões do presente de quem rememora, além de realizar ressignifica es das no es de tempo, espaço e da sele o do que será dito e o não dito, diferentemente de um cálculo consciente e utilitário. Assim, o trabalho com a memória   realizado segundo razões importantes, como a busca por novos conhecimentos, a realiza o do encontro com o outro e consigo mesmo, na medida que os resultados são positivos para o individual e coletivo. Para a autora, “[...] a rememora o pode ser um difícil processo de negocia o entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão   personalidade e ao grupo, concomitantemente” (Gomes, 1996, p. 6).

Nesse sentido, após a compreensão da escrita de Crisantina Dias,   importante destacar o seu trabalho como guardiã da memória, principalmente dos grupos sociais que passaram pela cidade, de personagens que, segundo a sua visão, mereciam o reconhecimento para as próximas gera es. Assim como argumentou Gomes (1996), a guarda de uma memória comum   importante para a manuten o de um grupo ou para a transforma o coletiva, não podendo sofrer mudanças repentinas e colocar em risco a própria identidade do grupo. O “trabalho de enquadramento” da memória está ligado a uma pessoa específica e especializada do grupo que se reconhece e também   reconhecida como o guardião dessa memória.

A popula o da cidade elegeu a professora Crisantina Dias como a guardiã da memória local, pois, ao vivenciar os primeiros passos para o crescimento da cidade, as suas lembranças foram importantes para as pessoas lembrarem e ter o conhecimento de diversos

acontecimentos, períodos históricos, eventos, transformações sociais, culturais, educacionais, políticas, entre outras temáticas. Por isso, solicitaram para a professora escrever a história da cidade, a partir das suas memórias. Dessa forma, o guardião da memória é um “narrador privilegiado” de um determinado grupo a que pertence ou que é permitido falar, pois ele guarda ou possui “[...] as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória (Gomes, 1996, p. 7)”.

Assim, os “objetos de memória” são bens simbólicos que contam a trajetória e a afetividade de um grupo, sendo documentos, fotos, filmes, móveis e pertencentes pessoais que atribuem sentido ao “fazer viver” do próprio grupo. Para finalizar, Gomes (1996) destacou que o guardião é um profissional da memória e para isso exige motivações especiais que marcam o início de sua trajetória como guardião. Em relação a Crisantina Dias, a sua própria escrita, desde os primeiros versos em cordel até a publicação dos livros, marcou o seu trabalho como guardiã da memória, uma vez que tinha o objetivo de registrar as vivências, alguns personagens da cidade, fatos históricos e promover a reflexão da população sobre o passado local, além de expressar por meio da narrativa os seus sentimentos e memórias que seria também comum ao grupo.

Segundo Albuquerque Júnior (1994), a memória involuntária também chamada de reminiscência, é um nível que a memória individual é movida por “chocs” provenientes de signos sensíveis, que provocam na consciência sensações ou imagens já vividas que surgem como rasgos em um tecido negro. Logo, “[...] o passado ressoa no presente, o passado surge no presente com força viva e violenta, de uma violência tão grande que só suportamos por momentos (p. 42)”.

Ainda de acordo com o autor, a memória voluntária, chamada de lembrança, é uma recomposição do passado, fruto de um processo de rememoração feito no presente. Assim, estabelece a representação do passado que é construída pelas questões sociais do presente. Nesse processo as experiências são fixadas e as tradições inventadas, pois nada do passado é conservado de maneira pura, sendo o produto do trabalho e da forma como o narrador compreende os acontecimentos e narra a sua experiência individual. Diferente da reminiscência, a lembrança exige tempo para organizar os estímulos produzidos pelos signos incorporados da experiência: “[...] a lembrança por ser vivência não tem a alegria da reminiscência que foi vivida inconscientemente, e que se revela num átimo em toda sua novidade (Albuquerque Júnior, 1994, p. 43)”.

Conforme elucidado por Halbwachs (1990), a capacidade de lembrar ocorre quando nos colocamos de acordo com o ponto de vista de um ou diversos grupos e de situar novamente em uma ou mais correntes de pensamento. Assim, as lembranças aparecerem quando são recordadas por outros homens, mesmo que não estejam materialmente presente. É possível falar em memória coletiva quando recordamos "[...] um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo (p. 36)". Halbwachs afirma ainda:

Diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios. Não é de admirar que, do instrumento comum, nem todos aproveitam do mesmo modo. Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social (Halbwachs, 1990, p. 51).

Nessa perspectiva, para o autor, nas lembranças haveriam as memórias individuais e as coletivas, ou seja, os indivíduos participariam de duas espécies de memórias, mas na maneira em que participe de uma ou de outra, seria necessário adotar duas atitudes diferentes e também contrárias. De um lado, segundo a sua personalidade ou vida pessoal, é que surgem as lembranças, aquelas que são comuns com outras, de acordo com os seus interesses. De outra parte, o indivíduo comporta-se como membro de um grupo que contribui para evocar e conservar as lembranças impessoais quando interessam o grupo:

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal (Halbwachs, 1990, p. 55).

Ademais, o autor discutiu que a memória individual não é totalmente isolada e fechada, pois, para alguém lembrar do seu passado, é necessário recorrer às lembranças dos outros, segundo a pontos de referência que foram fixados pela sociedade. Dessa forma, a memória individual é limitada no espaço e no tempo, assim como a memória coletiva. Porém, os limites são diferentes e podem ser mais restritos e remotos também. Halbwachs (1990) apontou a memória interior ou interna e a outra exterior, ou então memória autobiográfica e memória histórica:

A primeira se apoiaria na segunda, pois toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso (Halbwachs, 1990, p. 55).

Catroga (2001) destacou que a memória individual é formada pela coexistência tensional, mas nem sempre pacífica, de diversas memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em constante construção e de acordo com as mudanças do presente em passado e as conseqüentes alterações no campo das representações do tempo passado. Assim, argumentou que a memória é sempre seletiva:

Por conseguinte, ela não é um armazém que, por acumulação, recolha todos os acontecimentos vividos por cada indivíduo, um mero registo, mas é retenção afectiva e "quente" do passado feita dentro da tensão tridimensional do tempo. E os seus elos com o esquecimento obrigam a que somente se possa recordar partes do que já passou (Catroga, 2001, p. 21).

O autor esclareceu que, a memória do eu é sempre uma memória de família, recorda-se o espírito da família para respeitá-lo, retransmiti-lo e reproduzi-lo. Nesse sentido, as reminiscências comuns e as repetições de rituais como as festas familiares, a permanência de saberes e símbolos como as fotografias, casas dos pais ou avós, as canções e as receitas, além da transmissão das heranças espirituais ou materiais, fazem parte da construção do sentimento de pertença em que os indivíduos se reconhecem a partir das totalidades genealógicas que, vindas do passado, pretendem projetar-se no futuro (Catroga, 2001).

Dessa forma, podemos compreender que, ao longo dos seus livros autobiográficos, a professora se distanciou da participação política e realizou o silenciamento da sua memória. Provavelmente porque essa seleção das memórias está relacionada com o contexto em que foram publicados os livros entre os anos de 2010 e 2013, haja vista que é o momento em que há uma memória crítica consolidada sobre a ditadura militar, talvez a professora tenha silenciado a sua trajetória política e dialogue com o fato da mesma ter feito parte do partido apoiado pelo regime militar.

Para além do contexto histórico, a própria escolha da população em solicitar para a professora escrever e contar a história da sua participação na educação e no desenvolvimento da cidade, é provável que seja mais um dos fatores que contribuíram para o esquecimento da sua atuação na política. O fato da docência ter um maior destaque na trajetória de Crisantina Dias se relaciona com o seu espaço e papel de liderança exercido sobretudo na implementação

dos primeiros grupos escolas e o início da educação no município. Assim, é possível entender que o esquecimento da memória política tenha ocorrido, pois ela não teve nesse âmbito o mesmo reconhecimento, autoridade e influência como ocorreu na docência.

Nesse viés, Pollak (1989) apontou que existem nas lembranças de uns e de outros sombras, silêncios e "não-ditos", que são moldados pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido pelo que se diz ou de ser mal-entendido. As memórias coletivas se integram em tentativas de reforçar os sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre determinadas coletividades como partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, famílias e nações etc. Ainda segundo o autor, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência, pois, ao contar as nossas vidas, buscamos estabelecer laços lógicos entre os acontecimentos de forma cronológica: "[...] através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros (p. 13)".

Ricoeur (2007, definiu a memória como a luta contra o esquecimento. Além disso, discutiu que o esquecimento pode ser confundido com a memória, ao ponto de considerá-lo como uma de suas condições. Da mesma maneira que é impossível lembrar-se de tudo, é impossível narrar tudo, pois a narrativa comporta uma dimensão seletiva e a ideologização da memória ocorre diante dos recursos de variação que o trabalho de configuração oferece. Logo "[...] as estratégias do esquecimento enxertam-se diretamente nesse trabalho de configuração: pode-se sempre narrar de outro modo, suprimindo, deslocando as ênfases, refigurando diferentemente os protagonista da ação assim como os contornos dela (p. 455)".

Portanto, ao longo das obras escritas por Crisantina Dias, os acontecimentos narrados, a sua trajetória e a história da cidade fazem parte de sua memória individual, mas que também se relacionam com a memória coletiva, pois ela escreveu de acordo com as vivências e as lembranças comuns da população. Dessa forma, por meio da sua escrita, buscou representar os sentimentos e as memórias de acordo com as suas flexões do presente. Nesse sentido, segundo Bosi (1994) uma lembrança é um diamante que precisa ser lapidado pelo espírito, uma vez que "[...] sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição (p. 81)". Foi nessa reaparição do passado, enquanto narrativa autobiográfica, que Crisantina Dias demarcou seu lugar em uma memória histórica barrense, evidenciando o que acreditava dever ser lembrado e silenciando aquilo que entendia dever ser esquecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia buscou analisar a história de vida de Crisantina Monteiro Dias, a partir das obras *Memórias de uma Professora* (2010) e *Fragmentos de uma História* (2013), para compreender a sua formação no curso de Ginásio e Magistério no Colégio Santa Teresa de Jesus, na cidade de Crato, no Ceará, em 1942, além da construção da sua memória como docente e ao mesmo tempo o esquecimento da memória política durante o cargo de vereadora na câmara municipal, entre 1967 e 1970.

No primeiro capítulo, apresentamos a biografia da professora Crisantina Dias a partir das suas memórias escritas nos livros autobiográficos, em que narrou, sobretudo, os acontecimentos vivenciados nas cidades de Barro e Aurora, pertencentes ao estado do Ceará. Além disso, discutimos sua escrita de si durante a velhice, com o objetivo de compreender as escolhas e motivações para Crisantina Dias escrever e publicar os dois livros apenas com 90 e 93 anos, respectivamente. Para isso, além das obras escritas pela professora, utilizamos a cronologia da sua vida produzida pelo professor Francisco Bezerra Silva, além de fotografias da época pertencentes ao acervo pessoal de Crisantina Dias, da família e do ex-aluno Severino Neto de Sousa e, por fim, cartas trocadas entre a professora, ex-alunos e amigos.

Assim, foi possível compreender o percurso realizado por Crisantina Dias para concluir os estudos e iniciar o trabalho na educação do município, bem como a sua relação com a família, parentes, colegas de profissão e ex-alunos que marcaram a sua trajetória. Com uma educação seguindo a religião católica, isso refletiu na sua própria escrita, quando se referiu aos valores e ensinamentos aprendidos pelos pais e toda a família. Todavia, ela também valorizou os costumes e princípios dos anos dourados e refletiu sobre os acontecimentos da infância, as músicas e brincadeiras, “histórias de Trancoso” e as festas da mocidade. Além disso, podemos entender as dificuldades no acesso ao ensino e os esforços dos seus pais para que ela realizasse o curso do Ginásio e Magistério em outra cidade.

A partir da pesquisa, evidenciamos algumas das escolhas realizadas pela professora, como a realização do casamento com José Dias Cabral, com 46 anos, no mesmo ano em que foi eleita vereadora, além da adoção da filha Cosma Liane Monteiro Dias. O que permite compreender que ela vivenciou a experiência do casamento e da maternidade de maneira diferente como se esperava na época.

A escrita de Crisantina Dias ocorreu sobretudo na velhice. Assim, por meio da análise dos momentos de publicação dos livros, da festa de aniversário dos 90 anos e a sua própria reflexão sobre a experiência em escrever durante essa época da vida, foi possível entender os

seus sentimentos de dever cumprido pelo trabalho realizado na cidade. Além de contar com a lucidez e a coragem para escrever, mesmo com as limitações físicas da idade.

No segundo capítulo, discutimos sobre o modelo de educação para a formação das professorandas no curso de Ginásio e Magistério, na cidade de Crato, para entender como influenciou o pensamento e o exercício do magistério da professora no município de Barro. Além disso, analisamos a sua trajetória na educação da cidade, principalmente ao longo do período da ditadura militar. Nesse sentido, como fontes, trabalhamos com os livros autobiográficos e as fotografias do seu acervo pessoal.

Partimos de algumas pesquisas sobre a criação do Colégio Santa Teresa de Jesus, por Dom Quintino, com o objetivo de contribuir com o acesso à educação das moças da região, que também realizou diversas transformações culturais, de socialização e conhecimento, a partir das ações culturais, cívicas, sociais e religiosas. Essas práticas foram responsáveis por influenciar o trabalho da professora na educação do município, na medida em que destacou o magistério como uma atividade de sacerdócio, uma missão social e divina, que exigia a abnegação dos mestres em favor dos educandos. Ademais, a professora se destacou como a “defensora da pátria e da verdade”, pois dedicou-se a ensinar sobre a valorização do patriotismo e nacionalismo, especialmente a partir dos desfiles cívicos de 7 de setembro e dos hinos.

No terceiro capítulo, buscamos compreender como ocorreu a participação feminina na política, durante o período da ditadura militar, em um espaço marcado pelo masculino. Além disso, analisamos o percurso realizado pela professora na política da cidade, de acordo com os projetos de lei de sua autoria, colocados em discussão na Câmara Municipal e, por fim, procuramos problematizar o silenciamento da sua atuação como vereadora ao longo dos seus livros autobiográficos, a partir da seleção das suas memórias e lembranças da história da cidade e de personagens que, segundo a sua visão, tiveram destaque no município. Além das obras escritas pela professora, as fontes consultadas foram o Livro de Atas de 1966 a 1973 e o resultado das eleições de 1966, disponibilizado pelo Tribunal Regional Eleitoral do Ceará.

A partir das discussões, evidenciamos a participação feminina durante a ditadura militar, seja por meio do apoio ao golpe na realização de organizações e marchas com o intuito de conquistarem a colaboração da população. Já as mulheres que atuaram em oposição ao regime formaram organizações de guerrilhas, sendo armadas ou não, e atuavam de maneira clandestina. Foi através do exílio que as mulheres de esquerda tiveram acesso a debates sobre o feminismo e, assim, entenderam o machismo dentro dos grupos de militância e ampliaram a visão sobre diversos temas como as relações patriarcais, raça/etnia e a participação política da mulher.

Este trabalho permitiu compreender o percurso vivenciado por Crisantina Dias enquanto vereadora eleita pela ARENA 2, durante a ditadura militar, desde o discurso realizado na posse, até os seus registros feitos das reuniões no Livro de Atas. Apesar de ter colocado em discussão projetos para o benefício da população de modo geral, especialmente debatendo a importância em investir na educação e no ensino primário, além da cultura, a partir da construção do clube união barrense, a vereadora trabalhou nesse espaço de maneira secundária. Não obteve o mesmo destaque e reconhecimento como teve na esfera da educação, em que elaborou diversas memórias.

Assim, mesmo ocupando na Câmara de vereadores os cargos de secretária, atuando na comissão de justiça e na vice-presidência da diretoria, Crisantina Dias escolheu silenciar essas memórias durante a escrita dos livros autobiográficos, até mesmo em relação ao processo de desenvolvimento político da época, além da educação e da construção do clube União Barrense. Mediante o exposto, consideramos a atuação da professora como a guardiã da memória, sobretudo na preocupação em relatar as trajetórias de algumas pessoas que tiveram liderança ou que marcaram a história da cidade.

Nesse sentido, conclui-se que o silenciamento de sua trajetória na política nos livros de memória está relacionado à seleção feita por Crisantina Dias, de acordo com o contexto histórico de 2010 e 2013, pois, para além da memória crítica sobre a ditadura militar e o fato dela ter participado do partido da ARENA, em grande medida, as histórias contadas por Crisantina Dias foram solicitadas por familiares, amigos e ex-alunos, por ser considerada a conhecedora da trajetória do município e a mais qualificada para escrever a história local.

Almejamos, portanto, que esta pesquisa possa contribuir com a historiografia local, visto a ausência de trabalhos sobre a figura da professora Crisantina Dias, seja no campo educacional ou político. Para, assim, despertar na comunidade acadêmica, na população e nas escolas o interesse em compreender e refletir sobre a história de vida da professora, por meio das suas memórias, a escrita de si e os seus silenciamentos. Dessa forma, espera-se que a pesquisa acrescente novas discussões e perspectivas historiográficas no campo da memória de professores, sobretudo em torno de trajetórias femininas na educação.

A partir da escrita de si, Crisantina Dias contou a história de sua vida, as vivências e acontecimentos da infância com a família e amigos. Na educação, apresentou as suas memórias quando estudou em Crato e o seu entendimento da profissão docente, vista como uma missão divina, que exigia vocação. Enquanto vereadora, realizou o silenciamento das suas memórias na política. A partir das suas escolhas e intenções tornou-se a guardiã da memória local, pois,

ao fazer parte de uma posição privilegiada, de acesso a instrução e participação em eventos sociais, viveu diferentes experiências e construiu memórias comuns com a população barrense.

REFERENCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.
- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **Revista História da educação**, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Violar memórias e gestar a história. Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um parto difícil. **Clio**, Série história do Nordeste, n. 15, 1994.
- ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.
- ALVES, M. E. R. Memória da participação política das mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985. In: NEVES, A. V., and GHIRALDELLI, R., eds. **Trabalho, democracia e participação no Brasil** [online]. Brasília: Editora UnB 2022, pp. 167-194.
- ALVES, Maria Elaene Rodrigues. Feminismo e mulheres na resistência à ditadura brasileira de 1964-1985. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, n. 47, v.19, p. 50-65, 2021.
- AREND, Silvia Fávero. Trabalho, escola e lazer. In PINSKY. Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.) **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 34-42.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BARROS, José D. Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2024.
- BOSI, E. **Memória e sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- CÂMARA, Yls Rabelo; CÂMARA, Yzy Maria Rabelo. Lygia Fagundes Telles e a arte de envelhecer: descrevendo a alma feminina em dois de seus contos. **Contexto-Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFES**, n. 34, 2018.
- CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.
- COLLING, Ana Maria. As mulheres e a ditadura militar no Brasil. **História em Revista**, v. 10, 2004.

CORDEIRO, Janaína Martins. A Marcha da Família com Deus pela liberdade em São Paulo: direitas, participação política e golpe no Brasil, 1964. **Revista de História**, São Paulo, n. 180, p. 1-19, 2021.

COSTA, Francisco Joel Magalhães da. **Catolicismo e educação**: a história da criação da Diocese do Crato e a ação educacional de Dom Quintino no Cariri (1914-1929). 2016. 99f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, Ceará, 2016.

COSTA, Francisca Geise Varela; NASCIMENTO, Marcia Francione Sena do; COSTA, Alessandro Nóbrega Teixeira da. Alfabetização no regime militar: Mobral e Paulo Freire. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 13.; ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO, 3.; SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E GEOEDUCACIONAIS - SINECGEO, 3. 2014, Fortaleza (CE). **Anais...** Fortaleza (CE), 2014. p. 50-62.

DELGADO, Andrea Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. 2003. 498p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2003.

DEROSSI, Caio Corrêa. A Educação Moral e Cívica antes e depois do golpe militar de 1964: cenários da educação pública brasileira. **Manduarisawa**, Manaus, v. 6, n. 1, p. 281-299, set. 2022.

DIAS, Crisantina Monteiro. **Fragments de uma História**. Barro: HB gráfica e editora, 2013.

DIAS, Crisantina Monteiro. **Memórias de uma Professora**. Barro: HB gráfica e editora, 2010.

FOUCAULT, M. A escrita de si. In: MOTTA, M. B. (Org.). **Ditos e escritos, vol. V: ética, sexualidade, política**. Trad. E. Monteiro e I. A. D. Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 141-157.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2015.

GOIANA, I.S. QUEIROZ, Z.F. A Educação na Congregação das Filhas de Santa Teresa de Jesus: um resgate histórico das instituições Teresinas na Região do Cariri. In. VII Congresso Brasileiro de História da Educação. 2013, Cuiabá. **Anais...** JUEMI, Circuitos e Fronteiras da História da Educação no Brasil. Mato Grosso, 2013. v. 1. p.-11.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

GOMES, Angela Maria de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens.** Editora Cultrix, 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, CARLA B. (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2020. p. 443-48.

MARTINS, Larissa Pinto. A Atuação Política de Mulheres na Ditadura Civil-Militar Brasileira. **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 4, 2018.

MARTINY, Carina. Das presenças e ausências: as Atas da Câmara Municipal de São Sebastião do Caí (1875 a 1892) como fonte de pesquisa. **ANPUH-RS. IX Encontro Estadual de História-RS**, 2008.

MOITA, M. C. Percursos de formação e trans-formação In: Nóvoa, A. (Org.) **Vida de professores.** Porto: Porto Editora. 1995.

MOTTA, Alda Britto da. Mulheres velhas: elas começam a aparecer. In PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.) **Nova história das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013. p. 43-52.

NORONHA, Isabelle de Luna Alencar et al. **Práticas educativas de normalistas no Cariri cearense (1923–1971): cadernos escolares-escritas femininas.** 2015. 331f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, 2015.

NOVAES, Maria Eliana. **Professora primária: mestra ou tia.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

NÓVOA, António. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal: EDUFRN, 2014, p. 143-175.

NUNES, Nataly; REZENDE, Maria José de. O ensino da Educação Moral e Cívica durante a ditadura militar. In: GRUPO DE ESTUDOS DE POLÍTICA DA AMÉRICA LATINA, GEPAL – Simpósio, 3, 2008, Londrina–PR. **Anais [...]** Londrina: 2008. p.1-11.

OLIVEIRA, Emanuel da Silva. Histórias de Trancoso como Tradição de passatempo. In: Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil, 30º., 2019, Recife. **Anais [...]**. Associação Nacional de História – ANPUH-Brasil, 2019. Disponível em: <https://www.snh2019.anpuh.org/site/anais#E>. Acesso em: 10 maio. 2024.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de; VICENTINI, Paula Perin. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, v. 27, p. 369-386, 2011.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**, São Paulo, v. 24, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

PINSKY, Carla B. Imagens e representações I a era dos modelos rígidos . In: Pinsky, Carla B. PEDRO, Joana Maria.(org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto. 2013. p. 229-248.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos Anos Dourados. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY. CARLA B. (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020.p. 607 -639.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RAGO, Margareth. As mulheres na historiografia brasileira. **Cultura histórica em debate**. São Paulo: UNESP, 1995. p. 81-91.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY. CARLA B. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 578-606.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2007.

ROSEMBERG, Fúlvia. Mulheres educadas e a educação de mulheres. In: Pinsky, Carla B. PEDRO, Joana Maria (Org.). **Nova história das mulheres**. São Paulo: Contexto. 2013. p. 162-174.

SANTOS, Claudia Pereira dos; ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak; CORSO, Angela. Ata de Visita da Vila de Iraty como fonte de pesquisa. **Publicatio UEPG: Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes**, v. 20, n. 2, p. 131-140, 2012.

SANTOS, Paula Cristiane de Lyra. **Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965)**. 2009. 495f.Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, Ceará, 2010.

SCHONS, C. R.; GRIGOLETTO, E. Escrita e subjetividade na velhice: traços constitutivos de memória e identidade pelo testemunho em narrativas. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 6, 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Idéia, 2009. p. 597-603.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 15, p. 155-168, 2008.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. Trajetória da historiografia das mulheres no Brasil. **Politeia: história e sociedade**, v. 8, n. 1, p. 223-231, 2010.

SILVA, Wilton CL. Espelho de palavras: escrita de si, autoetnografia e ego-história. *In*: AVELAR, Alexandre; SCHMIDT, Benito Bisso (Org.). **Grafia da vida**: reflexões e experiências com a escrita biográfica. São Paulo: Letra e Voz, 2012. p. 39-63.

SILVEIRA, Edvanir Maia da. Bipartidarismo no Ceará: o caso da arena na zona norte (1966-1979). **Revista Historiar**, v. 10, n. 19, p. 94-123, 2018.

TELES, Maria Amélia de A. O protagonismo de mulheres na luta contra a ditadura militar. **Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos**, v. 2, n. 2, p. 9-18, jun. 2014.

TORRES, Maria Nahir Batista Ferreira; Oliveira Kênia Edjane Beserra de. Uma história da profissão docente: o curso normal e as filhas de santa tereza. **Anais VI CONEDU**. Campina Grande: Realize, 2019.